

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Daniel Engelmann

**DA ESTÂNCIA AO PARREIRAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A  
VITIVINICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

Porto Alegre

2009

Daniel Engelmann

**DA ESTÂNCIA AO PARREIRAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A  
VITIVINICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Luis Roque Klering

**Porto Alegre**

**2009**

**Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

E57e Engelmann, Daniel

Da estância ao parreiral : um estudo de caso sobre a vitivinicultura em Santana do Livramento/RS / Daniel Engelmann. – 2009.

125 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Luis Roque Klering

1. Agronegócios. 2. Vitivinicultura. 3. Estudo de caso. 4. Desenvolvimento regional. I. Título.

CDU 631.1

**TRABALHO APRESENTADO EM BANCA E APROVADO POR:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Neusa Rolita Cavedon  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Eugênio Lagemann  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Clézio Saldanha dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Sérgio Schneider  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Conceito Final:

Porto Alegre, 19 de março de 2009.

Orientador: Prof. Dr. Luis Roque Klering

Aluno: Daniel Engelmann

*Deus, por ser luz no meu caminho.*  
*Aos meus pais, pela vida, pela dedicação e pelos ensinamentos diários.*  
*Aos meus irmãos, primos e tios, pelos favores prestados.*  
*Aos meus sobrinhos, pelas alegrias e pelas futuras gerações.*  
*E aos meus amigos, por compartilharem comigo esta conquista!*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela acolhida desde a graduação até a conclusão deste mestrado. Em especial, aos docentes e aos técnicos administrativos que tornam a universidade possível!

Agradeço ao meu orientador pela paciência e pelo encorajamento durante a elaboração do estudo, sempre me estimulando a questionar a realidade para além daquilo que estava posto nos dados coletados.

Agradeço a todos os professores do PPGA, em especial a Professora Dra. Aida Maria Lovison com quem aprendi sobre o rigor necessário à ciência, bem como sobre o respeito necessário para o convívio social.

Agradeço aos meus colegas do PPGA pelas vezes que me ouviram e me orientaram, em especial, Aurora Carneiro Zen, Alexandra Jochims Krueel e Christine Schröder.

Aos meus colegas da área de organizações, especialmente, Camila Furlan da Costa e Rosana Córdova Guimarães com quem estabeleci uma amizade fundamental para o cumprimento desta etapa e que, certamente, ultrapassa os muros da Universidade.

Agradeço a minha orientadora de especialização realizada no NECON/UFRGS, Professora Msc. Maria Bernadette Castro Rodrigues, pela disponibilidade em auxiliar-me na elaboração do projeto desta pesquisa.

Agradeço aos meus Gestores da Caixa Econômica Federal, da Advocacia Geral da União e da Agência Estadual de Regulação dos Serviços Públicos Concedidos do Rio Grande do Sul pelo incentivo na realização do curso, valorizando meus objetivos.

Agradeço a Deus por conceder-me a vida e as forças necessárias para vencer esta etapa.

Agradeço aos meus pais pelo incentivo e pela compreensão nos momentos de ausência.

Agradeço a minhas amigas Samantha Castiel Menda e Elisete Bursztejn pelo auxílio prestado na elaboração do Abstract.

E, por fim, agradeço aos interlocutores deste estudo, sem os quais este não seria possível ou, no mínimo, não seria tão rico.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o setor vitivinícola de Santana do Livramento enquanto processo de desenvolvimento tramado pela interação social promovida entre os atores que dele participam, para o que foi descrita a organização dos mesmos; identificadas as respectivas peculiaridades relacionais, bem como suas possíveis influências sobre o desenvolvimento do espaço analisado; e, também, identificadas as possibilidades de cooperação vitivinícola entre o município fronteiro de Santana do Livramento, no Brasil, e a Intendência de Rivera, no Uruguai. A motivação para a realização deste estudo surgiu a partir da idéia de problematizar o que advém tanto do senso comum, como das políticas públicas; ou seja, de que a Metade Sul do Rio Grande do Sul vem sendo marcada pela estagnação, sobretudo econômica. Para dar conta do objetivo visado, primeiramente, foi tecida uma problemática do estudo quanto a seus aspectos históricos, marcados pela ocupação territorial do novo mundo. Em seguida, justificou-se a escolha do espaço geográfico de estudo e foram descritas as principais unidades representativas da cultura local: as estâncias e o gaúcho. Além disso, foi apresentado um apanhado geral da economia de Santana do Livramento, durante o século XX e início do século XXI. Destacou-se o processo histórico do cultivo de uva e produção de vinhos no Rio Grande do Sul e de sua presença na Região da Campanha Gaúcha. Como fundamentos teóricos que orientaram este estudo de caso, destacaram-se as noções de espaço vivido (FRÉMONT, 1980), lugar-global e lugar-local (VIEIRA E VIEIRA, 2003), combinação regional (FRÉMONT, 1980), cidade (FISCHER, 1996, 2006), interação social (CHARON, 2004), desenvolvimento regional (BOISIER, 1992, 1996, 2000) e desenvolvimento contemporâneo (BECKER, 2000). Para atender aos objetivos deste estudo, recorreu-se às técnicas de pesquisa histórica e descritiva, observação direta, entrevistas em profundidade, questionários e análise de conteúdo. Como resultados da pesquisa, foram encontrados vinícolas auto-suficientes e viticultores-autônomos que implicam de forma importante nas práticas locais e na forja de um modelo de produção calcado na técnica e tecnologia. Identificou-se, no enoturismo, possibilidade de cooperação entre Santana do Livramento e Rivera. E, por fim, o estudo revelou a expansão da vitivinicultura para outros municípios da Região da Campanha Gaúcha, evidenciando que o setor representa uma realidade viva, ativa e dinâmica da designada Metade Sul do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Santana do Livramento. Desenvolvimento. Vitivinicultura.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyse winegrowing field in Santana do Livramento as a development process arranged by social interaction among actors, describing their organisation; peculiarities of relationship established among participants were identified as well as its possible influences on development of the analysed space; and possibilities of winegrowing cooperation between frontier city of Santana do Livramento, in Brazil, and Rivera, in Uruguay were identified. The motivation for this research came from idea of studying what is perceived as common sense and as public policies: the belief that southern half of Rio Grande do Sul is stagnant, over all economically. To achieve the aim, initially historical aspects were investigated, which were marked by territorial occupation by Europeans. Afterwards, the choice of this geographical space was justified and main representative units of local culture were described: “estância” and “gaúcho”. Furthermore, a summary of Santana do Livramento economy was introduced, during 20th and beginning of 21th century. The historical process of culture of grape and production of wine in Rio Grande do Sul and its presence in Campanha Gaúcha region were emphasized. Among theoretical basis that led this case study, notion of lived space (FRÉMONT, 1980), global place and local place (VIEIRA E VIEIRA, 2003), regional combination (FRÉMONT, 1980), city (FISCHER, 1996, 2006), social interaction (CHARON, 2004), regional development (BOISIER, 1992, 1996, 2000) and contemporary development (BECKER, 2000) were distinguished. In order to reach the objectives of this research, the following methods were utilized: historical and descriptive search, direct observation, in-depth interviews, surveys and content analysis. As results, the existence of self-sufficient wineries and autonomous grape-growers which influence on local practices and on construction of a production standard based on technique and technology were identified. It was identified on wine tourism a possibility of cooperation between Santana do Livramento and Rivera. Finally, this study allowed to appraise winegrowing expansion from Santana do Livramento to surrounding municipalities, revealing that the sector represents an alive, active and dynamic reality on the geographic space called southern half of Rio Grande do Sul.

**Key-words:** Santana do Livramento. Development. Winegrowing.



***“Caminhantes, não há caminhos.  
O caminho se faz ao caminhar.”***

***Antonio Machado***

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fronteira Brasil-Uruguai (Santana do Livramento e Rivera).....	22
Figura 2 - Mapa do Tratado de Permuta (1857): “Puntas del Cuñapirú” (1) pelo "Rincão do Maneco" (2).....	27
Figura 3 – Mapa das regiões produtoras de uva e vinhos no Uruguai.....	38
Figura 4: Sistemas de condução da videira: em espaldeira com poda mista e em latada, respectivamente .....	67
Figura 5: Áreas vitícolas do Rio Grande do Sul, comparativo entre 1931 e 2005 .....	70
Figura 6: Regiões Vinícolas do Rio Grande do Sul.....	91

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução do PIB de Santana do Livramento (2002-2006).....	25
Tabela 2: Área colhida de arroz e produção de arroz em Santana do Livramento (2002-2005).....	34
Tabela 3: Área colhida de uva e produção de uva em Santana do Livramento (2002-2005)...	34

## LISTA DE SIGLAS

ABFRUT - Associação Bageense dos Fruticultores  
ABAGA - Associação Brasileira de Alta Gastronomia  
AFRUG - Associação de Fruticultura de Uruguaiana  
ASPROUVA - Associação dos Produtores de Uva de Santana do Livramento  
COPTec - Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos  
COREDE – Conselho Regional de Desenvolvimento  
EEVE - Estação Experimental de Viticultura e Enologia  
EMATER/RS - Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural  
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
FAMURS - Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul  
FEE - Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IBRAVIN - Instituto Brasileiro do Vinho  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul  
PIB – Produto Interno Bruto  
PNDR - Política Nacional de Desenvolvimento Regional  
PRONAT – Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais  
RS – Rio Grande do Sul  
SENAR/RS – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural/ Rio Grande do Sul  
SP – São Paulo  
SWOT - Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats  
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas  
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa  
VINOESTE - Cooperativa Vitivinícola Uruguaiana Ltda

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	Erro! Indicador não definido.
1.1 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA DE PESQUISA .....	17
1.2 OBJETIVOS .....	18
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>18</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>18</b>
<b>2 DELINEAMENTO DO PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	<b>19</b>
2.1 ESCOLHA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE ESTUDO.....	22
2.2 A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	25
2.3 A MISCIGENAÇÃO DE CULTURAS: A CULTURA PAMPEANA E O GAÚCHO....	28
2.4 AS ESTÂNCIAS .....	30
2.5 A ECONOMIA DE SANTANA DO LIVRAMENTO – SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI .....	31
2.6 UVAS E VINHO NO RIO GRANDE DO SUL .....	35
<b>2.6.1 Ambiente estável: pressuposto para o estabelecimento de culturas frutícolas.....</b>	<b>37</b>
<b>2.6.2 Uvas e o vinho na Campanha Gaúcha .....</b>	<b>38</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>41</b>
3.1 LUGAR LOCAL, LUGAR GLOBAL E ESPAÇO VIVIDO .....	41
3.2 CIDADE: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO.....	45
<b>3.2.2 Fronteira Rivera-Santana do Livramento: espaço histórico de práticas sociais complexas e duradouras.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2.3 Ação empreendedora como base para um novo espaço vivido .....</b>	<b>53</b>
3.3 ATORES DO ESPAÇO .....	54
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>56</b>
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	56
4.2 COLETA DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	57
4.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	61
5.1 A TRAJETÓRIA DOS ATORES SOCIAIS .....	63
<b>5.1.1 Vinícola Almadén.....</b>	<b>64</b>
<b>5.1.2 Cooperativa Viti-Vinícola Aliança.....</b>	<b>67</b>
<b>5.1.3 Cordilheira de Santana.....</b>	<b>71</b>

<b>5.1.4 Cave Don Gabriel.....</b>	<b>73</b>
<b>5.1.5 Associação dos Produtores de Uva de Santana do Livramento - ASPROUVA.....</b>	<b>74</b>
<b>5.1.5 A viticultura nos assentamentos do INCRA .....</b>	<b>77</b>
5.2 INVESTIMENTO EM ESTRUTURA PARA VINIFICAÇÃO .....	78
5.3 RIVERA E LIVRAMENTO: DUAS CIDADES, UMA ÚNICA REALIDADE? .....	79
5.4 DESENVOLVIMENTO E VITIVINICULTURA: GERAÇÃO DE EMPREGOS.....	81
5.5 ENOTURISMO: REALIDADE VIVIDA OU DE PAPEL?.....	83
5.6 AS DIFICULDADES DO SETOR VITIVINÍCOLA SANTANENSE .....	85
5.7 A CIDADE E O MOVIMENTO EM DEFESA DA UVA E DO VINHO NACIONAL ..	87
5.8 RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE OS ATORES: VINÍCOLAS E VITICULTORES-AUTÔNOMOS.....	88
5.9 A EXPANSÃO DA VITIVINICULTURA NA METADE SUL: REALIDADES PARA ALÉM DE SANTANA DO LIVRAMENTO .....	90
5.10 DESENVOLVIMENTO E A CIDADE: ANÁLISES E REFLEXÕES.....	93
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>123</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Refletir acerca da realidade da fronteira estabelecida entre os limites brasileiros do Estado do Rio Grande do Sul com a República Oriental do Uruguai<sup>1</sup> foi um desafio proposto pela Área de Organizações do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A fronteira estabelecida entre os Estados brasileiro e uruguaio tem uma extensão de 1.068,4 km, dos quais mais de um terço constituem-se em fronteira seca (MISOCZKY, 2007; SILVEIRA e ADAMCZUK, 2004). A área referida está dentro da faixa de fronteira brasileira, conforme a Lei Federal nº. 6.634, de 02 de maio de 1979 (SILVEIRA e ADAMCZUK, 2004), e está situada dentro do que vem sendo designada como Metade Sul<sup>2</sup> do Estado do Rio Grande do Sul. O propósito deste estudo é problematizar o que advém do senso comum, ou seja, de que esta Região vem sendo marcada pela estagnação, sobretudo econômica. Assim, este estudo buscou identificar e analisar focos de dinamismo impulsionados por empresas e por práticas da comunidade local, que possam estar transformando a Região e contribuindo para a existência de uma realidade socialmente viva, ativa e dinâmica dessa Metade Sul.

Nesse sentido, o desenvolvimento da indústria vinícola, a partir da década de 1970, pode ser entendido como um foco de dinamismo que opera mudanças na Região. Estas começaram a ser difundidas através dos diferentes meios de comunicação, em especial no

---

<sup>1</sup> Ao nos referirmos à República Oriental do Uruguai, utilizaremos apenas o nome Uruguai ao longo da dissertação.

<sup>2</sup> “Os Decretos n.º 4.928, de 18 de outubro de 1993; 36.494, de 06 de março de 1996; 37.038, de 21 de novembro de 1996 e 38.473, de 11 de maio de 1998, ao definirem os municípios pertencentes à Metade Sul, por exclusão, determinaram aqueles constituintes da Metade Norte, delimitando a fronteira regional entre as duas metades” (FERREIRA, 2005, p. 8). Pertencem a Metade Sul do Rio Grande do Sul, os seguintes municípios: Morro Redondo, Amaral Ferrador, Ivorá, Capão do Leão, Palmares do Sul, Silveira Martins, Tavares Nova Esperança do Sul, Arambaré, São Vicente do Sul, Mostardas, Restinga Seca, Mata, Herval, Serro Branco, São Francisco, Manoel Viana, Nova Palma, Pinhal Grande, Santana da Boa Vista, **Hulha Negra**, São Marinho da Serra, Minas do Leão, General Câmara, Júlio de Castilhos, Cerro Grande do Sul, Piratini, Quevedos, São João do Polesine, Vila Nova do Sul, Dom Feliciano, Cristal, Sentinela do Sul, Paraíso do Sul, São José do Norte, Encruzilhada do Sul, **Candiota**, Mariana Pimentel, Dona Francisca, Barão do Triunfo, Barra do Ribeiro, Cacequi, Pedro Osório, Sertão Santana, Butiá, Passo do Sobrado, Arroio dos Ratos, Tupanciretã, São Pedro do Sul, Itaqui, São Sepé, Tapes, São Jerônimo, Pântano Grande, Rio Pardo, Agudo, Candelária, Faxinal do Soturno, Jaguarí, **Rosário do Sul**, Lavras do Sul, Formigueiro, Arroio Grande, Canguçu, **Pinheiro Machado**, São Gabriel, Santiago, Camaquã, São Lourenço do Sul, Santa Vitória do Palmar, **Dom Pedrito**, São Borja, Charqueadas, Caçapava, Alegrete, Jaguarão, **Quaraí**, Cachoeira do Sul, **Uruguaiana**, **Bagé**, **Santana do Livramento**, Rio Grande, Santa Maria e Pelotas (ILHA *et al.*, 2008, grifo nosso).

âmbito político, conforme pronunciamento do Deputado Estadual Beto Albuquerque, em 05/08/2005, em alusão aos 182 anos de emancipação do município de Santana do Livramento:

O município de Santana do Livramento, pelas características de clima e solo, é hoje conhecido mundialmente como produtor dos melhores vinhos finos, cujos destaques são Almadén e Santa Colina. Possui um dos maiores rebanhos de ovinos do Brasil, com fazendas e estâncias seculares onde o gaúcho desponta cavalcando pelos campos verdes, com suas pilchas a rigor.

Percebemos, na expressão do deputado, o convívio de uma atividade nova frente às tradicionais e seculares estâncias de gado. Notadamente e face ao objetivo dessa pesquisa, o estudo das atividades mais recentemente desenvolvidas na Metade Sul é importante, uma vez que contribui para que compreendamos como novas realidades podem contribuir para a diminuição das disparidades regionais. Não muito distante no tempo, durante a década de 1990, a existência das disparidades regionais justificou ameaças separatistas da Metade Sul visando à formação de um novo Estado federado: Piratini. Naquela época, ensejou a edição de Decretos<sup>3</sup> e Protocolos<sup>4</sup> que externavam iniciativas governamentais para promover o desenvolvimento da Metade Sul.

Então, este trabalho buscou contribuir para análise da vitivinicultura<sup>5</sup> em Santana do Livramento, município que compõe a Metade Sul do Rio Grande do Sul e mantém fronteira com a intendência uruguaia de Rivera. A recente<sup>6</sup> inserção deste município e de seus arredores na atividade vitivinícola justifica a necessidade de pesquisas que contribuam para o entendimento do processo de inserção de uma nova cultura produtiva na matriz produtiva local, considerando a percepção dos atores sociais e das transformações envolvidos.

Para dar conta do objetivo visado, primeiramente, tecemos a problemática do estudo quanto a seus aspectos históricos, marcados pela ocupação territorial do novo mundo. Em seguida, justificamos a escolha do espaço geográfico de estudo e descrevemos as principais unidades representativas da cultura local: as estâncias e o gaúcho. E, por fim, apresentamos

---

<sup>3</sup> Decreto n 36.494, de 06 de março de 1996, Decreto 37.038, de 21 de novembro de 1996 e Decreto n 38.473, de 11 de maio de 1998, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (VERSCHOORE FILHO, 2000).

<sup>4</sup> Protocolo de intenções para o desenvolvimento da Metade Sul firmado entre a União e o Estado do Rio Grande do Sul em 07 de maio de 1998 (VERSCHOORE FILHO, 2000).

<sup>5</sup> “Ciência e arte do cultivo da vinha com a finalidade de fabricar vinhos” (NOVAKOSKI E FREITAS, 2003, p. 166).

<sup>6</sup> A atividade vitivinícola está presente em Santana do Livramento desde a década de 1970. Passados mais de trinta anos do início da atividade, sustentamos que a atividade é recente se comparada à produção desenvolvida na Serra Gaúcha e, principalmente, em termos mundiais.



um apanhado geral da economia de Santana do Livramento, durante os séculos XX e início do século XXI.

Na segunda parte do estudo, relatamos a presença do vinho no Rio Grande do Sul, o início do plantio de uvas e a instalação de vinícolas na Região da Campanha Gaúcha<sup>7</sup> desde a década de 1970.

Na terceira, apresentamos os fundamentos teóricos que orientaram este estudo de caso, tais como a noção de espaço vivido, lugar-local, lugar-global, combinação regional, cidade<sup>8</sup> e interação social, com o objetivo de descrever o setor vitivinícola de Santana do Livramento, enquanto processo de desenvolvimento.

Deste ponto de vista, enfatizamos a abordagem de Becker (2000) sobre o desenvolvimento contemporâneo para quem os fenômenos da transnacionalização e da regionalização constituem elementos de um mesmo movimento. Também foi dada ênfase ao referencial sobre desenvolvimento regional de Boisier (1992, 1996), abordagem que toma a endogenia como fator importante desse processo, assumindo, neste íterim, que crescimento econômico não é sinônimo de desenvolvimento.

No intuito de configurar o espaço geográfico da pesquisa como um local peculiar face aos objetivos da pesquisa, foram, ainda, privilegiados, neste capítulo, estudos realizados em torno do limite político de Santana do Livramento e Rivera. Nessa perspectiva, enfocamos elementos históricos tomados a partir de Albornoz (2000) na relação estabelecida em sua pesquisa entre os ciclos de ascensão e queda da indústria da carne. A estes, foram integrados elementos sociais abordados por Mélo (2004) em sua pesquisa sociológica, como o clientelismo resultante das oligarquias agrárias. Além disso, destacamos nosso entendimento de que as iniciativas vitivinícolas, realizadas no município de Santana do Livramento e nos municípios do entorno foram e são resultantes da ação empreendedora de atores sociais, definidos segundo acepção de Buarque (1999). Indubitavelmente, atores sociais são responsáveis pelas transformações em processo no espaço de análise.

Na quarta parte, apresentamos a metodologia de estudo de caso, bem como as técnicas de levantamento e análise de dados, tais como a pesquisa histórica, a observação direta, a

---

<sup>7</sup> A Região da Campanha integra a Metade Sul do Rio Grande do Sul e, segundo Chelotti e Pessôa (2007, grifo nosso), é composta pelos seguintes Municípios: Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, **Quaraí**, São Borja, São Francisco de Assis, **Uruguaiana**, **Rosário do Sul**, **Santana do Livramento**, Santa Margarida do Sul, São Gabriel, Aceguá, **Bagé**, **Dom Pedrito**, **Hulha Negra** e Lavras do Sul.

<sup>8</sup> O termo cidade, quando empregado, refere-se ao município, considerando-se as relações entre o espaço urbano e o espaço rural, opção feita pelo pesquisador. Explicações adicionais estão na folha 45 desta dissertação.

entrevista em profundidade, a pesquisa descritiva e a análise de conteúdo. Deste modo, a análise da vitivinicultura centrou-se, em Santana do Livramento, em especial nas vinícolas e nos produtores de uvas locais, descrevendo suas formas de atuação no nível organizacional. Posteriormente, foram organizadas categorias temáticas comuns aos atores sociais e que permitiram compreender a situação atual, em nível setorial, nos âmbitos municipal e nacional. A temática do desenvolvimento, sempre que possível, foi resgatada durante a construção do caso.

A análise contemplou, também, a relação dos empreendimentos vitivinícolas com o espaço vivido, que foi abordado, considerando-se as três dimensões propostas por Frémont (1980): passado, presente e futuro. A dimensão relativa ao futuro não foi aqui tratada de forma prescritiva, mas como indicativo de atitudes que podem ser levadas a cabo pelos atores a fim de que a atividade vitivinícola possa gerar mais efeitos sobre o espaço organizacional em que se constitui o município de Santana de Livramento e, inevitavelmente, a Intendência de Rivera.

Conforme Richardson (2005), a linguagem é uma força constitutiva que cria uma visão particular da realidade de nós mesmos. Entende o referido autor, que produzir “coisas” sempre envolve valores, o que não é diferente na produção da escrita.

Convidamos, pois, o leitor para que realize conosco o caminho que construímos para analisar a vitivinicultura em Santana do Livramento sem o intuito de pretender que esta leitura seja a única possível, mas sim orientada pelas escolhas do pesquisador, a partir da interpretação das falas dos entrevistados e de outras fontes de dados. Então, para dar conta da análise proposta, buscamos responder **quais as principais peculiaridades, possibilidades e influências para o desenvolvimento de Santana do Livramento advindas da interação social promovida pelos atores sociais envolvidos com a vitivinicultura?**

De antemão, justificamos o uso da primeira pessoa do plural não como uma forma de buscar a neutralidade, uma vez que estamos conscientes de nossa implicação enquanto pesquisadores. No entanto, a utilizamos como expressão da coletividade responsável pelo trabalho, evidenciando que este estudo é fruto das contribuições dos pesquisados, de dados secundários e de interpretações realizadas individualmente e, muitas vezes, nos diálogos realizados nas orientações.

## 1.1 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA DE PESQUISA

A análise do espaço geográfico definido pelo município de Santana do Livramento e pela Intendência de Rivera torna-se especialmente interessante, pois ocupa lugar central no Mercado Comum do Sul - MERCOSUL - e pode ser de grande valia no processo de integração sul-americano<sup>9</sup>. Esta fronteira seca do Rio Grande do Sul com o Uruguai pode revelar aderência de interesses econômicos capazes de promover uma integração convergente.

Torna-se relevante compreender a dinâmica de um espaço social, condição necessária para a promoção de um desenvolvimento comprometido com a realidade local que pode, num primeiro olhar, ser semelhante a uma gama de lugares, mas que na sua realidade, conta com sutilezas que exigem atenção dos gestores públicos e privados, sobretudo quando estamos tratando de desenvolvimento de uma região.

A proposta do estudo consiste em analisar o setor vitivinícola a partir do ponto de vista daqueles que estão ativamente envolvidos com esta dinâmica social, não com o intuito de generalizar, mas buscando incorporar as peculiaridades do caso à análise.

Se, por um lado, o Rio Grande do Sul ainda mantém-se como principal produtor de uvas e vinhos do Brasil, por outro lado, sua produção, até então centrada na Serra Gaúcha, passou a dividir espaço com novas regiões produtoras, localizadas especialmente na Metade Sul do Estado. Atualmente, esta região é responsável por 13% da produção total de uvas do Rio Grande do Sul (SEMINÁRIO, 2008). Dessa maneira, na medida em que uma nova região passa a se destacar no setor vitivinícola gaúcho, especialmente numa Região tida como estagnada economicamente, torna-se instigante estudar as implicações que a vitivinicultura traz ou poderá trazer para a Metade Sul, especialmente para o município de Santana do Livramento.

---

<sup>9</sup> No contexto vinícola, uma maneira de promoção de integração convergente seria o registro de indicação de procedência (IP) do vinho, como forma de legitimá-lo. Assim, também podem ser imaginados esforços visando ao reconhecimento de uma procedência binacional, que sele a integração no espaço social das populações que vivem em ambas as cidades, uma vez que as relações entre as duas populações são marcadas por histórias familiares comuns, conforme descrito nos próximos títulos.

Justificamos, assim, a necessidade de análise e reflexão como uma forma de gerar conhecimento para o apoio à decisão dos gestores ligados à vitivinicultura, com o intuito de promover melhores condições de vida e de aproveitamento das potencialidades locais.

## 1.2 OBJETIVOS

Na seqüência, seguem os objetivos de estudo desta dissertação.

### 1.2.1 Objetivo Geral

**Analisar o setor vitivinícola de Santana do Livramento enquanto processo de desenvolvimento tramado pela interação social promovida entre atores que dele participam.**

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Desdobrando a questão colocada, podemos definir os seguintes objetivos específicos:

- Descrever como a vitivinicultura está organizada em Santana do Livramento;
- Identificar peculiaridades das relações estabelecidas entre os atores envolvidos na vitivinicultura e seus possíveis impactos sobre o desenvolvimento do espaço em análise;
- Indicar, com base no processo de interação social, as possibilidades de cooperação vitivinícola entre os protagonistas do espaço fronteiriço, mais particularmente, entre Santana do Livramento e a Intendência de Rivera, também produtora de vinhos.

## 2 DELINEAMENTO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A partir da ocupação territorial do Rio Grande do Sul, diferentes modelos de produção e de representações sociais compuseram o mosaico cultural do Estado. A configuração dos atuais limites políticos do Estado emergiu de batalhas e negociações entre o Reino Lusitano e o Reino de Castela (Portugal e Espanha), travadas principalmente no período entre 1750 e 1870. Assim sendo, a disputa pelo território marca a história nacional, sendo que a expansão da fronteira ao sul do Brasil, estratégica para Portugal, vislumbrava o controle do acesso ao Oceano Atlântico pelo Rio da Prata.

A maneira pela qual se deu a ocupação do território gaúcho foi decisiva no predomínio das atividades econômicas desenvolvidas nas diferentes regiões do Estado, resultando numa divisão do trabalho bem demarcada. Como salienta Heidrich<sup>10</sup> (*apud* HAESBAERT, 2004, p. 251), o território do Rio Grande do Sul oferece uma nítida divisão territorial do trabalho.

[...] depois de analisar detidamente as desigualdades entre as três “regiões” socioeconômicas do Estado conclui-se que, apesar de terem economias diversificadas, cada atividade - indústria, agricultura, pecuária – manifesta-se como base econômica de uma delas: ‘assim, o sul é território de expressão da estância pastoril, o norte da moderna agricultura e o nordeste da indústria’.

Strohaecker (2004, p. 168) aponta para a divisão geográfica em duas formações principais, sendo a primeira na Serra do Sudoeste e na Campanha, e a segunda, na Depressão Central e na Região do Planalto.

Essas regiões foram constituídas a partir de duas estruturas socioeconômicas distintas: ao sul, a sociedade dos estancieiros, peões e escravos, produtora de charque, couros e lã em grandes propriedades (os latifúndios); ao norte, uma sociedade constituída por imigrantes colonizadores (açorianos, alemães, italianos, poloneses, entre outros), proprietários de minifúndios e dedicados à agricultura.

A divisão do Estado entre Metade Sul e Metade Norte, tanto no senso comum quanto em trabalhos acadêmicos, sustenta a distinção entre o norte desenvolvido e o sul estagnado. No entanto, já há estudos que permitem a relativização desta posição. A pesquisa desenvolvida por Alonso e Amaral (2005), demonstra que os municípios mais pobres não estão concentrados apenas na Metade Sul, mas também na Metade Norte do Estado. Da

---

<sup>10</sup> HEIDRICH, A. **Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2001.

mesma forma, o estudo realizado por Schneider e Waquil (2004) coloca em xeque a divisão norte e sul, demonstrando que a pobreza rural e as desigualdades regionais ocorrem tanto nas áreas de predomínio das pequenas propriedades (minifúndios), como naquelas de maior tamanho (latifúndios).

Apesar de questionável, a dicotomia estabelecida entre norte e sul do Estado pode ser percebida como assimilada às políticas públicas, tanto federais quanto estaduais, conforme planos de desenvolvimento alinhados para o Estado. A Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), definida pelo Ministério da Integração Nacional e instituída pelo Decreto nº. 6.047, de 22 de fevereiro de 2007, identifica a Metade Sul do Rio Grande do Sul como Mesorregião<sup>11</sup> economicamente estagnada. A PNDR entende que a Região precisa diversificar sua matriz produtiva e, para tal, define como principais projetos o fomento ao florestamento e reflorestamento, a fruticultura, a lapidação e o artesanato mineral, a produção de leite, a rede moveleira, a rede de sementes agroecológicas e a implantação de um Centro de Vitivinicultura (BRASIL, 2007). As mesorregiões brasileiras definidas na PNDR são áreas individuais que apresentam forma de organização do espaço geográfico definidos por dimensões sociais, naturais e de comunicação própria, que constituem as marcas de sua identidade, resultantes de como a sociedade se relacionou com aquele meio ambiente, ao longo do tempo (MESOSUL, 2008).

Por sua vez, documentos estaduais também configuram a Metade Sul como estagnada economicamente. Tal posicionamento pode ser verificado em estudo apresentado pela Secretaria de Planejamento e Gestão, do Rio Grande do Sul, em junho de 2006. O estudo, intitulado “Rumos 2015: um plano de desenvolvimento para o Estado”, propõe um planejamento para orientar as ações do Estado na busca do crescimento e da redução das desigualdades regionais, apontando estratégias, programas e ações que o Rio Grande do Sul, deveria implementar nos anos seguintes da sua divulgação, por intermédio do poder público e da iniciativa privada (RIO GRANDE DO SUL, 2006). O estudo reagrupou os Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES – em nove regiões funcionais, e utilizou-se de uma matriz SWOT<sup>12</sup> para apontar as potencialidades e restrições internas, e oportunidades e ameaças externas das diferentes regiões do Rio Grande do Sul.

---

<sup>11</sup> A Mesorregião da Metade Sul do Rio Grande do Sul é composta por 105 municípios (BRASIL, 2008b), conforme anexo A.

<sup>12</sup> Ferramenta de planejamento que aponta características internas e externas à organização, chamadas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*).

Deste modo, se compararmos os estudos realizados pelos Governos Federal e Estadual, veremos que grande parte da Mesorregião Metade Sul corresponde às regiões funcionais 5<sup>13</sup> e 6<sup>14</sup> do estudo Estadual, e que estas regiões foram consideradas de desenvolvimento social baixo e de desenvolvimento econômico em dificuldades.

Assim, tanto o estudo realizado pelo Governo Federal, quanto pelo Governo Estadual classificam a Região da Campanha Gaúcha como estagnada economicamente. Essa região, marcada por características naturais como o Pampa<sup>15</sup>, tem forte apelo na cultura gaúcha, face a figura do gaúcho, símbolo que destaca o Estado mais ao sul do país em relação aos demais Estados da Federação. Se, por um lado, a figura do gaúcho diferencia o Rio Grande do Sul no Brasil, por outro, o integra com os países com os quais traça limites políticos, seja com o Uruguai, seja com a Argentina.

Dessa forma, optamos por realizar o estudo em Santana do Livramento, cidade localizada na fronteira seca do Rio Grande do Sul com o Uruguai, integrante da Mesorregião Metade Sul da PNDR, integrante da Região funcional cinco do estudo Rumos 2015 e representante da região sulina denominada Campanha Gaúcha, uma vez que nela encontramos dinâmicas sociais que de alguma maneira devem estar operando transformações sociais, a exemplo da vitivinicultura presente no referido município, e de forma pioneira na região, desde a década de 1970. Assim, a economia local desperta interesse como objeto de estudo porque integra a Metade Sul que, ao mesmo tempo em que vem sendo caracterizada como economicamente estagnada pelas políticas públicas, também é marcada por iniciativas que podem estar transformando a Região e contribuindo para a diminuição da desigualdade regional. Temos consciência de que centramos nosso estudo na dinâmica municipal, mas não podemos negar a possibilidade de sua influência sobre a Região.

Para efeitos de coesão, deixamos claro que, ao tratarmos de região, referimo-nos à Metade Sul enfatizando a Região da Campanha<sup>16</sup>, especialmente a fronteira com o Uruguai.

---

<sup>13</sup> A região funcional 5 corresponde aos Coredes da Fronteira Oeste e da Campanha.

<sup>14</sup> A região funcional 6 corresponde ao Corede Sul.

<sup>15</sup> Pampa é o Bioma que ocupa 63% do território do Rio Grande do Sul, segundo informações do sítio do IBGE. Também chamado de Campos Sulinos, corresponde a uma área de aproximadamente 200 mil Km<sup>2</sup> compartilhada pelo Brasil, Argentina e Uruguai e que se caracteriza por áreas planas, revestidas de gramíneas e outras plantas encontradas de forma escassa, como tufos de capim que atingem até um metro de altura (WWF-Brasil, 2008).

<sup>16</sup> Vide referência 7.

## 2.1 ESCOLHA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE ESTUDO

Santana do Livramento é um município que faz divisa com a Intendência Uruguaia de Rivera, cuja fronteira é mediada por uma linha imaginária traçada ao longo de uma avenida. Em virtude desta peculiaridade, enquanto espaço singular de análise<sup>17</sup>, o mesmo foi escolhido para a realização deste estudo.

Quando fundadas, tanto Santana do Livramento como Rivera foram criadas com a finalidade de demarcação de território e proteção de fronteira entre Portugal e Espanha. Atualmente, a fronteira seca estabelecida entre os limites políticos do município brasileiro e da intendência uruguaia ficou conhecida como *fronteira da paz*, configurando as cidades como irmãs, de tal sorte que, conforme Sánchez (2002), tal limite imaginário, ao invés de separá-las, as une.



**Figura 1: Fronteira Brasil-Uruguaí (Santana do Livramento e Rivera)**  
Fonte: BRASIL, 2008c.

No intuito de compreender a dinâmica local, torna-se importante entender a formação sócio-espacial de Santana do Livramento:

No município de Santana do Livramento, a ocupação desse espaço se efetivou durante a Guerra da Cisplatina, no decorrer do século XIX, quando foram instaladas estâncias nos atuais municípios de São Gabriel (1815), Bagé (1812), e outros. Assim, a formação socioespacial do município confunde-se com as diversas redefinições das fronteiras entre o domínio português e espanhol. [...]

No decorrer de 1800, o Governo Imperial preocupado com a consolidação e posse do território da então fronteira do Rio Pardo, distribuiu-o em sesmarias. Os beneficiários das sesmarias foram os velhos soldados do 'Exército Pacificador' e outros súditos da coroa, na região que hoje forma o município de Santana do Livramento.

<sup>17</sup> As peculiaridades desse espaço serão tratadas mais detalhadamente no título Fronteira: um espaço peculiar de desenvolvimento.



Caggiani (1990)<sup>18</sup> destaca que a área correspondente ao atual município de Santana do Livramento foi o local de concentração de várias tropas militares em operação, desde as campanhas do Prata (1826), Guerra contra Juan Manuel de Rosas (1851/52) até os inúmeros combates da Revolução Farroupilha (1835/45) e Federalista (1893/95).

A partir desses acampamentos militares, em 30 de julho de 1823 foi assinada a fundação da cidade em concessão da capela a Nossa Senhora do Livramento, sob licença do Bispado. Com o crescimento do comércio e da pecuária, a capela foi em 1848 elevada à categoria de Freguesia, já com o nome de Santana do Livramento; em 1857, a freguesia foi elevada à categoria de Vila, desmembrando-se do município de Alegrete, após ter passado por sucessivos graus de transição, em 1876, foi elevada à categoria de município (CHELOTTI, 2005, p.55).

Se a origem do espaço guarda relação com batalhas e fortes ações políticas, cabe o registro de que, mesmo em períodos da história mais recente, como as décadas de 1920 e 1930, o espaço foi marcado por atividades conspiratórias, tanto do lado uruguaio, com os refugiados da Revolta Federalista de 1932, como do lado brasileiro, com os refugiados do golpe de estado promovido por Gabriel Terra no Uruguai, em 1933 (RANGEL, 2005).

Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) indicam que Santana do Livramento conta com área total de 6.950 km<sup>2</sup> e uma população de 83.614 habitantes em 2007. Isso corresponde a aproximadamente 12 habitantes por km<sup>2</sup>, sendo que a distribuição não é equânime no território e que na zona rural há uma proporção de uma pessoa por km<sup>2</sup>. Segundo a Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (FAMURS, 2008), a distribuição da população é de 92,96% em área urbana e 7,04% em área rural. No entanto, cabe destacar que o município perdeu 8% de sua população em oito anos, ou seja, desde 2000 (IBGE, 2008), impactando em redução de repasses do Fundo de Participação dos Municípios por parte do Governo Federal ao executivo municipal, comprometendo as finanças municipais. Reportagem veiculada pelo Instituto Humanitas, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em agosto de 2008, revela que as perdas com os repasses atingem R\$ 1 milhão por ano, conforme informações concedidas pelo Prefeito Wainer Machado, reeleito em 2008 para o período 2009-2012.

A economia do município está relacionada ao comércio, agricultura, pecuária e vinicultura. Seu Produto Interno Bruto (PIB) referente a 2006 foi de R\$ 717.901.000,00, sendo 14,39% agregados pela agropecuária, 8,51% agregados pela indústria, 61,75% agregados no serviço e 15,35% de valor adicionado por impostos (FEE/RS, 2009). As informações mais recentes em relação ao PIB indicam que houve crescimento ao longo de cinco anos, conforme tabela a seguir:

---

<sup>18</sup> CAGGIANI, I. **Sant'Ana do Livramento – 150 anos de história**. Prefeitura Municipal de Sant'Ana do Livramento, 1990.

**Tabela 1 – Evolução do PIB de Santana do Livramento (2002-2006)<sup>19</sup>**

Ano	2002	2003	2004	2005	2006
PIB (mil R\$) a preço de mercado	483.204	500.662	563.686	660.088	717.901

Fonte: FEE/RS, 2009.

Grosso modo, a pecuária desenvolveu-se ao longo da formação histórico-econômica de toda Região da Campanha Gaúcha, não só em Santana do Livramento. No entanto, é o surgimento de vitivinicultura, a partir da década de 1970, que chama a atenção. O plantio de uvas e a produção de vinhos não guardam vínculos históricos com a cidade. A presença marcante do Rio Grande do Sul no mercado de produção de vinhos - mais de 90% da produção nacional – deve-se à presença da imigração italiana ocorrida em 1875 na Serra Gaúcha (FARIAS, 2008). A distribuição das atividades econômicas no Estado, sob um prisma histórico, pode ser assim descrita:

[...] ambientes institucionais particulares, do início do século XX, contribuíram para que o eixo Porto Alegre Caxias do Sul se transformasse no principal centro industrial do Estado e para que a rudimentar indústria das principais cidades da Campanha, ao inserir-se na dinâmica capitalista, demonstrasse retraimento.

Tal consideração tornou-se evidente no período pós-1930, quando se ampliou o mercado interno brasileiro. Com o aumento da concorrência, os municípios da Metade Norte começaram a se especializar em determinadas atividades industriais (couro e calçados, mecânica, metalurgia, material de transportes, vinhos, etc.), evidenciando-se aí o surgimento das aglomerações produtivas presentes, hoje, no Estado. A Metade Sul também aprofundou suas relações capitalistas, mas elas restringiam-se ao beneficiamento primário (charqueadas e frigoríficos), cujos encadeamentos são extremamente limitados se comparados com os expressos pelas indústrias dinâmicas. Nesse momento, as regiões estabeleceram suas principais atividades produtivas em constituição de trajetórias de desenvolvimento distintas. O Norte diversificou e modernizou, em certa medida, sua estrutura industrial; e o Sul enraizou-se definitivamente na agropecuária. Foi nesse momento que o Norte ultrapassou o Sul do Estado na participação do produto total estadual, na produção industrial, no número de empregos e na população (AREND, [200-], p.23).

A instalação da indústria vinícola na Campanha Gaúcha é concomitante à diversificação da produção agrícola, ou melhor, à introdução da fruticultura, cujos efeitos podem ser percebidos em cidades como Aceguá, Bagé, Jaguarão, Pedras Altas, Quaraí, Santa Vitória do Palmar e Uruguaiana, com a produção de laranja; Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Pedras Altas, Santana do Livramento e Uruguaiana, com a produção de uva (BRASIL, 2005).

<sup>19</sup> O crescimento absoluto do PIB municipal demonstra uma recuperação da economia do município. Então, cabe esclarecer que a estagnação econômica da Metade Sul não indica que as economias municipais desta Região não tenham crescido. No entanto, relativamente, a participação da Metade Sul na composição do PIB Estadual tem sofrido constantes reduções, conforme estudo “Análise do Desempenho Econômico dos Municípios do RS em 2007” (KLERING, 2008).

Em Santana do Livramento, desde 1976, encontra-se instalada a Vinícola Almadén<sup>20</sup> pertencente ao grupo multinacional francês *Pernod Ricard* do Brasil. Além desse grupo, também estão instaladas a Cooperativa Viti-Vinícola Aliança<sup>21</sup> e a Vinícola Cordilheira de Santana, ambos investimentos brasileiros, sendo o primeiro expansão de empreendimento da Serra Gaúcha e o segundo resultado de novos empreendedores nacionais. Além destes, pequenos proprietários também já começaram a despertar para o cultivo de castas nobres de uva e a estrear na viticultura, como é o caso dos vinhos Don Gabriel (PARREIRAIS, 2005).

A transformação do cenário produtivo local, produzida a partir de uma prática ligeiramente estranha à configuração histórica do espaço social, começou a ganhar corpo, e a transformar a paisagem da Região da Campanha Gaúcha como área produtora de vinhos no cenário nacional:

Fora da Serra Gaúcha, outras regiões de menor porte, como Viamão e Campanha, também produzem vinhos de ótima qualidade. Em Campanha, a sub-região de Santana do Livramento, no extremo sul do Estado é a que mais se destaca. [...] Dos municípios fora da Serra Gaúcha, certamente Santana do Livramento é a região que oferece as melhores condições climáticas para a produção de uvas européias e vinhos de qualidade. Com índices pluviométricos inferiores aos da Serra Gaúcha e um clima excelente, o município, que já produziu vinhos de qualidade excepcional, reorientou sua produção nos últimos anos, dedicando-se à fabricação de *demi-sec*, os famosos vinhos “docinhos” (NOVAKOSKI; FREITAS, 2003, p. 93/94).

## 2.2 A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O processo de ocupação e povoamento do sul do país e de seus países vizinhos foi marcado por disputas. Tal evolução pode ser revisitada a partir do elenco de Tratados assinados com o intuito de delimitar as terras pertencentes a cada parte.

Em 1494, o Tratado de Tordesilhas “estabeleceu a divisão do Novo Mundo entre Portugal e Espanha, estipulando uma linha imaginária que passava a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde” (KÜHN, 2002, p. 30). As terras a leste da linha pertenciam a

<sup>20</sup> “Em 1974, a vinícola Almadén, pertencente à *National Distiller* (EUA), foi a pioneira ao plantar uvas européias na Campanha, região de fronteira do RS, que, devido à sua topografia, é propícia para a mecanização. A Almadén foi adquirida pela *Seagram* do Brasil em 1990. Em 2001, a *Seagram* foi adquirida pela *Pernod Ricard* em nível internacional, mas continua produzindo vinhos no Brasil”(TERUCHKIN, 2004).

<sup>21</sup> A Cooperativa Viti-Vinícola Aliança origina-se da Vinícola Livramento, pertencente ao grupo japonês Hombo, maior produtor e distribuidor de bebidas do Japão, que se instalou em Santana do Livramento para produzir vinhos para aquele país, bem como para o mercado brasileiro. No entanto, o grupo vendeu o investimento para a Aliança, em 2005.

Portugal e as terras ao oeste pertenciam à Espanha. Esse Tratado vigorou cerca de dois séculos e meio (KÜHN, 2002).

Em 1750, o Tratado de Madri eliminou os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas, estabelecendo o princípio *uti possidetis*, que em latim significa *aquilo que possui*. Assim, cada Reino ficaria com as terras que tivessem ocupado na fronteira, exceto a Colônia do Santíssimo Sacramento, que seria entregue à Espanha em troca do território das Missões, colonizado pelos espanhóis.

A fronteira do “vai-e-vem”, como ficou conhecida, foi novamente alterada no período entre 1763 e 1776, quando, em função da invasão espanhola a então “capitania de Rio Grande de São Pedro, ficou com seu território limitado à margem esquerda do Rio Jacuí desde Rio Pardo até o Guaíba, incluindo os Campos de Viamão até o Rio Mampituba, e a faixa litorânea do Estreito para o Norte” (COSTA, 1998, p. 80).

Durante esse período, os espanhóis permaneceram instalados na Metade Sul do Rio Grande do Sul, acantonados nos municípios de Rio Grande e São José do Norte. Em 1776, os portugueses reuniram forças militares e reocuparam a Vila de Rio Grande, o que levou a uma nova retaliação espanhola com a tomada de Colônia de Sacramento e a Ilha de Santa Catarina (KÜHN, 2002).

Em 1777, o Tratado de Santo Idelfonso “firmou a paz entre Portugal e Espanha, estabelecendo campos neutrais ao longo da linha divisória. Com o Tratado, a Coroa Portuguesa entregou à Espanha a Colônia de Sacramento, ficando os lusos com o território entre os rios Jacuí e Camaquã.” (FLORES, 2006, p. 55).

A efetiva ocupação do espaço em estudo, Santana do Livramento, ocorreu na Guerra da Cisplatina, durante o século XIX (1825 a 1828), o que faz com que a história do município se confunda com a história de determinação territorial do domínio espanhol e português. Já por volta de 1800, o governo português havia dividido o território em sesmarias, padrão de distribuição de terras que marcou historicamente a presença preponderante de latifúndios nos municípios da Metade Sul, inclusive do atual território de Santana do Livramento.

No que concerne aos limites atuais do Rio Grande do Sul com o Uruguai<sup>22</sup>, cabe recapitular que o Uruguai, antes de sua Independência em 1828, pertenceu ao Brasil com a denominação de Província da Cisplatina. Pelo Convênio Preliminar de Paz, no ano de 1828,

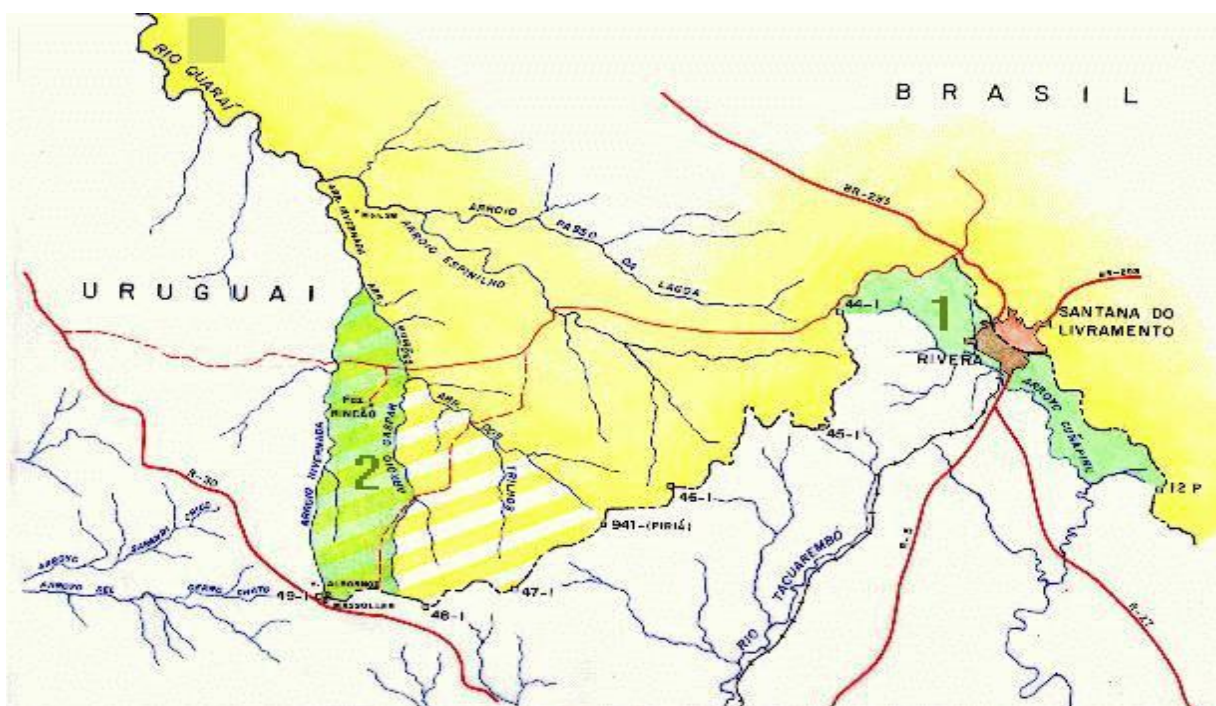
---

<sup>22</sup> “A fronteira do Brasil com o Uruguai, delimitada pelos Tratados de 1851 e 1909, tem uma extensão total de 1.068,1 km. Os trabalhos de caracterização, praticamente concluídos, estão a cargo da “Comissão Mista de Limites e de Caracterização da Fronteira Brasil-Uruguai” (criada em 1919), que já implantou 1.176 marcos e se ocupa sistematicamente da inspeção e da manutenção dos marcos já erigidos” (FRONTEIRA, 2006).

não houve uma definição clara dos limites da nova nação com o Brasil. Apenas em 1851, pelo Tratado de Limites, ainda em vigor, ficou definida a fronteira pelo Rio Quaraí.

Após a delimitação da fronteira do Rio Jaguarão ao Rio Quaraí, ambos os países nomearam delegados responsáveis pela demarcação do território na fronteira seca, trabalho realizado de 1853 a 1862 (KRUKOSKI<sup>23</sup>, 2006).

Em 1855, quando os trabalhos de demarcação territorial chegaram aos limites políticos onde hoje se localizam as cidades de Santana do Livramento e Rivera, só havia o povoado brasileiro. Os demarcadores propuseram conservá-lo com a ocupação exclusiva por brasileiros. Para isto, em setembro de 1857, foi assinado entre o Brasil e o Uruguai um Tratado de Permuta, que previa a troca da área frontal à vila de Santana do Livramento, até o arroio de Cunhaperú, por uma área aproximadamente equivalente, localizada no extremo oeste da coxilha de Haedo (*na região do Rincão de Artigas*) (KRUKOSKI, 2006).



**Figura 2 - Mapa do Tratado de Permuta (1857): “Puntas del Cuñapirú” (1) pelo “Rincão do Maneco” (2)<sup>24</sup>**  
Fonte: KRUKOSKI, 2006.

<sup>23</sup> Wilson R. M. Krukoski é coronel aviador, engenheiro e Chefe da Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, sediada em Belém, é responsável pela preservação e restauração dos marcos que estabelecem os limites entre o Brasil e o Uruguai.

<sup>24</sup> “Em 1857, a 4 de setembro, outro tratado fora firmado, com artigo adicional, a 31 de outubro, sobre “permuta de território”, alterando dispositivo do diploma de 1851. As demarcações para cumprimento do dispositivo do tratado de 1851 processaram-se sem pressurosidade, aqui e ali ocorrendo discordâncias entre os demarcadores. Pelo novo diploma e texto adicional, a República do Uruguai cederia ao Brasil uma área de território suficiente para logradouro da vila, cedendo, por sua parte, o Brasil, àquela república, superfície de terreno de igual valor e condições em outro ponto da fronteira.” (REIS, 2008).

A proposta de permuta não foi apreciada pelo governo uruguaio e perdeu completo sentido em 1860, quando os uruguaio iniciaram a construção de um povoado bem em frente à Santana do Livramento. Inicialmente, o povoado tomou o nome de *Pueblo Ceballos*, e em 1867, foi denominado Rivera (KRUKOSKI, 2006; RIO GRANDE DO SUL TURISMO, 2008).

Rejeitada a proposta de troca, a Intendência de Rivera se desenvolveu intimamente ligada à Santana do Livramento, apesar de ambas terem como função preponderante a guarda do território. No entanto, a partir da década de 1930, tanto a cidade brasileira, quanto a cidade uruguaia sofreram com medidas centralizadoras dos respectivos governos nacionais. Estas medidas recriaram os espaços e as relações entre as duas (RANGEL, 2005).

Como destaca Rangel (2005), as economias dessas cidades se complementam e estão preponderantemente sujeitas à política externa dos respectivos países, algo a ser destacado na medida em que implica em instabilidade do ambiente político, econômico e administrativo local.

### 2.3 A MISCIGENAÇÃO DE CULTURAS: A CULTURA PAMPEANA E O GAÚCHO

O espaço físico ocupado tanto pelo domínio espanhol como pelo domínio português guarda características físico-naturais conhecidas como pampa, bioma que ocupa parte da Argentina, Uruguai e do Rio Grande do Sul.

Segundo Flores (2006), antes da chegada dos europeus na América, esse espaço era habitado pelos indígenas e sua diversidade cultural: cultura jê, cultura guarani e cultura pampeana. Além disso, o autor menciona que com a chegada do homem branco, muito dessas culturas foi destruído, parte delas foi incorporada, e de sua miscigenação surge um novo tipo social: o gaúcho ou gaudério, sem pátria, sem lar. Das culturas já mencionadas, a pampeana (dividida nas parcialidades charruas, minuanos, yarós, guenoas, e chanás), preponderante na Região da Campanha, era formada por exímios caçadores que, quando da introdução do gado europeu (ocorrido durante o apogeu das reduções jesuítas), se transformaram em exímios cavaleiros e passaram a se alimentar de gado *vacum* e cavalari.

As parcialidades minuanas e charruas não aceitavam viver em reduções, apesar das tentativas feitas: “A vida de caçador, a falta de organização comunitária mais complexa e de

afinidades com a religião católica dificultaram a formação de missões com os pampianos<sup>25</sup> (FLORES, 2006, p. 16).

Empurrados pelas frentes de colonização em direção às cabeceiras do Rio Negro e para a região entre os rios Quaraí e Quepaí, os charruas se uniram aos minuanos. Entre 1811 e 1820 os charruas e os minuanos participaram como soldados das tropas de José Gervásio Artigas. As constantes campanhas dos espanhóis contra as chamadas “nações bárbaras”, denominadas de guerra dos charruas, destruíram a população indígena da Banda Oriental do Uruguai. Os remanescentes se refugiaram, em 1832, ao lado sul-rio-grandense, incorporando-se [logo depois] à tropa de Bento Manuel Ribeiro ou como peões de estâncias.

Os pampianos<sup>26</sup> abrigavam em seus toldos os foragidos, os desertores e contrabandistas de origem portuguesa, espanhola ou africana, não se importavam que suas *chinas* se unissem com fugitivos, mesmo temporariamente. Esse costume facilitou a formação do grupo social chamado de gaudério ou gaúcho (FLORES, 2006, p. 16-17).

Dessa combinação de indígenas e desertores, constituiu-se o gaúcho, novo tipo social identificado com a zona de fronteira enquanto guerreiro e, posteriormente, com a atividade pastoril ligada à estância.

Considerando as colocações de Vieira e Vieira (2003), o que aconteceu na Região da Campanha Gaúcha se justifica pelas especificidades naturais. A presença do gado *vacum* e do pampa, aliado à distribuição de terras em grandes propriedades e à necessidade de proteção do território, confluiu para a reprodução de gado nas estâncias como atividade preponderante e base da economia.

A figura, desprezada na origem de caráter bandoleiro, após sua assimilação como peão de estância, ou guerreiro nos enfrentamentos, como as Revoluções Farroupilha, Federalista, a Guerra do Paraguai, passou a ser cultuado como o tipo representativo do Pampa (GONZAGA<sup>27</sup> *apud* HEIDRICH, 2004, p. 220).

Seu vestuário resumia-se a quatro peças: botas de couro de potro, com meio pé, chiripá de algodão, poncho e, na cabeça, “qualquer coisa parecida com chapéu”. A alimentação era ainda mais simples: churrasco e chimarrão.

A relação dos estancieros, dos militares e das próprias autoridades metropolitanas com estes “homens soltos” eram em geral ambíguas, em certas ocasiões eram perseguidos porque competiam na apropriação do gado alçado, mas em outros momentos eram contratados para realizarem estes mesmos serviços ou para operações mais arriscadas de contrabando para um lado e outro da fronteira (COSTA, 1998, p. 85).

Apenas no decorrer do século XX, a partir de práticas discursivas que não serão aqui trabalhadas, o termo gaúcho foi ressemantizado e tornou-se símbolo de identidade do Rio

<sup>25</sup> A grafia correta seria pampeanos, mas reproduzimos a citação conforme consta no original.

<sup>26</sup> Vide nota 23.

<sup>27</sup> GONZAGA, Sérgio. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In.: DACANAL, J.H. e GONZAGA S. (Org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.113-132.

Grande do Sul (FREITAS E SILVEIRA, 2004), transcendendo o espaço e a cultura local aos quais esteve historicamente ligado, ou seja, à Região de Campanha marcada pelo Pampa Gaúcho.

## 2.4 AS ESTÂNCIAS

Originadas a partir das sesmarias distribuídas pelo Governo Português, as estâncias foram responsáveis por atividades produtivas que marcaram a economia rio-grandense como uma economia agropastoril.

Segundo Fragoso *et al.* (1998), por volta de 1730, consolidou-se a estrutura fundiária do sul, e as estâncias passaram a ser estabelecidas como unidades produtoras agropastoris, na qual o principal trabalhador não era escravo ou assalariado, mas o peão-gaúcho, indivíduo desprovido de terra, cuja remuneração básica era a moradia, os alimentos e o direito ao uso de um lote de terra, no caso de possuir família. “A estância funcionava de forma extensiva, incorporando gado e terras com baixo índice de aplicação de recursos tecnológicos. Tal forma de recriação, associada ao seu tipo de regime de trabalho, assegurava-lhe a diminuição de custos monetários” (FRAGOSO *et al.*, 1998, p.61).

No século XVIII, periodicamente ocorria o rodeio de gado em campo aberto, para marcação, cura da bicheira e aparte dos animais destinados aos tropeiros. No rodeio havia a necessidade de maior número de mão-de-obra, ocasião em que se empregavam também os gaúchos e gaudérios (FLORES, 2006). Já por volta de 1780, os rebanhos que se reproduziam naturalmente no Pampa estavam acabando em função da caça predatória dos caçadores de couro (COSTA, 1998).

A demanda por couros era crescente, e um novo mercado se abria: mandar carne salgada para alimentar a escravaria dos engenhos de açúcar do Nordeste. A carne de boi, que era basicamente para consumo doméstico, valorizou-se de uma hora para outra. Valorizou também a terra que, agora, significava a possibilidade de reprodução de gado (COSTA, 1998, p. 88).

O fim do século XVIII traçou a aliança entre a pecuária gaúcha e a produção industrial do charque. Tal atividade despontou o Rio Grande do Sul como um dos principais abastecedores de charque para o mercado interno, principalmente o do Sudeste brasileiro (FRAGOSO *et al.*, 1998). O charque e a pecuária foram explorados crescentemente



durante todo século XIX, havendo inclusive o melhoramento e qualificação do gado a partir da importação de reprodutores bovinos (CHELOTTI, 2005).

Uma vez garantida a demarcação do território, a economia desenvolvida relacionava-se à pecuária, e incorporou na sua dinâmica a figura do gaúcho ou peão de estância, aquele mesmo que anteriormente serviu como guerreiro. Foi o cercamento das propriedades que alterou o modo de produção do gado e, conseqüentemente, afetou a necessidade de mão-de-obra nas estâncias.

Assim, tomando a forma pela qual ocorreu a demarcação do território e o tipo social que nasceu das relações produzidas no espaço em construção e o papel da estância na economia, podemos afirmar que

a fronteira e sua área de influência (PADRÓS, 1994)<sup>28</sup> estiveram submetidos a um processo histórico singular, atribuindo-lhes uma fisionomia original. O vaivém através da linha divisória, os constantes conflitos armados, a relativa autonomia em relação ao governo nacional, a atividade econômica em torno da pecuária, a responsabilidade pela conquista e manutenção do território assim como o forte vínculo de lealdade pessoal das classes subalternas para com a classe senhorial reforçaram o caráter militar dessa comunidade e serviram para a conformação de uma **sociedade patriarcal, latifundiária, pastoril e com forte acento caudilhista** (RANGEL, 2005, grifo nosso).

Deste modo, conforme Rangel (2005), a estância configura-se como forma de organização social e cultural representativa da zona de fronteira e da Metade Sul do Rio Grande do Sul como um todo.

## 2.5 A ECONOMIA DE SANTANA DO LIVRAMENTO – SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

No início do século XX, a pecuária era a principal atividade econômica desenvolvida em Santana do Livramento. De acordo com Albornoz (2000), em 1903, os empresários uruguaios Pedro Irigoyen e Francisco Anaya trasladaram seu estabelecimento saladeiro para Santana do Livramento, constituindo a Charqueada Livramento. A insegurança política causada pela vitória do colorado José Batlle à presidência da República Uruguaia, o aumento

<sup>28</sup> PADRÓS, Enrique Serra. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, Porto Alegre, v. 17, n. 1/2, p. 63-85, janeiro/dezembro.

das taxas de ingresso de charque estrangeiro no Brasil e a atratividade do mercado brasileiro motivaram a migração dos empresários para o município. Posteriormente, em 1917, a Charqueada Livramento foi vendida para o Frigorífico Armour que, em conjunto com a Companhia Wilson – instalada na cidade em 1918 –, realizavam a industrialização de parte considerável da carne bovina da Campanha (CHELOTTI, 2005).

Segundo Chelotti (2005), esses investimentos eram expansões de empreendimentos já realizados na Argentina e no Uruguai, expandiram-se para o Brasil e cresceram, especialmente, em função do mercado criado pela Segunda Guerra Mundial. Com o término da Guerra e conseqüente redução do mercado consumidor, a indústria da carne ingressou num ciclo de declínio e fechamento de empresas. O Frigorífico Armour, que chegou a empregar 4.000 trabalhadores, após sucessivas reviravoltas, entrou em falência em 1994 (ALBORNOZ, 2000).

Por sua vez, a produção de ovinos destinada à produção de lã também se constituiu de importante alternativa econômica até a década de 1990, quando ocorreu a desestruturação da cadeia produtiva da lã diante da introdução da lã sintética no mercado têxtil. Assim, a produção de ovinos foi reorientada para o mercado de carnes.

Dessa forma, com as referidas crises de mercado, Santana do Livramento sentiu seus efeitos, uma vez que, dentre os municípios da Campanha Gaúcha, era o maior produtor de ovinos (570.715 cabeças) e o segundo maior produtor de bovinos (523.963 cabeças) no ano de 1995 (CHELOTTI, 2005).

A economia agropastoril de Santana do Livramento, juntamente com o restante dos municípios da Região da Campanha, foi o carro-chefe da economia gaúcha por um longo período. Num paralelo traçado entre a economia gaúcha e a economia brasileira, podemos observar que o charque e a pecuária foram preponderantes até início do século XX, quando se iniciou o processo de industrialização do país (CARRION, 1981).

Na década de 1970, frente aos interesses econômicos de grupos empresariais e com o apoio do Governo Federal (Estatuto da Terra – 1964), as lavouras de subsistência passaram por um processo de modernização e mecanização. Conseqüentemente, na busca de mais terras para esse tipo de cultivo, houve o avanço dessas lavouras, existentes no norte gaúcho, em direção à Campanha.

A partir deste processo de modernização da agricultura, novas culturas produtivas passaram a compartilhar espaço com a pecuária extensiva de Santana do Livramento, mesmo

que de forma não significativa, se comparadas a outros municípios da Campanha (CHELOTTI, 2005).

Em Santana do Livramento, a área de arroz colhida manteve-se estável durante três safras (2001, 2002 e 2003) apresentando um crescimento de 3,63 % em 2004 e de 1,84% em 2005, o que podemos observar na tabela a seguir:

**Tabela 2 – Área colhida de arroz e produção de arroz em Santana do Livramento (2002-2005)**

Ano	2001	2002	2003	2004	2005
Área colhida – arroz - hectare	11.000	11.000	11.000	11.400	11.610
Produção – arroz - tonelada	65.395	59.323	46.090	68.833	66.316

Fonte: IPEA, 2008.

Além da produção de arroz irrigado, atualmente o município cultiva milho, soja, sorgo e uva, sendo que

depois da Serra Gaúcha, região mais tradicional no cultivo de uvas no estado (Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi), a Campanha Gaúcha, (em especial os municípios de Bagé e Sant’Ana do Livramento) destaca-se por ser a **segunda região de maior produção de uvas para fabricação de vinho no Rio Grande do Sul** (CHELOTTI, 2005, p. 61, grifo nosso).

De acordo com dados do IPEA (2008), verificamos que a produção de uvas mais que duplicou entre os anos de 2001 e 2005 e continua expandindo-se. A área colhida, no período de cinco anos, aumentou em 30,24%, representando um ganho de 53,65% em produtividade por hectare, conforme tabela abaixo.

**Tabela 3 – Área colhida de uva e produção de uva em Santana do Livramento (2002-2005)**

Ano	2001	2002	2003	2004	2005
Área colhida – uva – hectare	539	689	580	702	702
Produção – uva - tonelada	4.210	4.823	2.030	7.020	8.424

Fonte: IPEA, 2008

A diversificação hoje existente contrapõe-se ao modelo produtivo das estâncias tradicionais, onde se destacava a vocação para a pecuária extensiva voltada à produção de charque, couro e lã, sendo que os alimentos nela produzidos voltavam-se exclusivamente ao atendimento das necessidades internas da estância, não havendo a produção de excedente voltado à comercialização, ao contrário do que ocorria nas colônias de imigrantes assentadas ao Norte do Estado, próximas à capital<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> A migração alemã para o Rio Grande do Sul teve início em 1824.

Na Região da Campanha Gaúcha, a estância veio a ser “um núcleo habitacional, com caráter militar, baseada na criação de gado, que se tornou a base da economia sul-riograndense. Podemos pensar na tríade campo-gado-criação, sendo esta uma estratégia para controlar o território e tirar proveito daquelas pastagens” (TOLEDO *et al.*, 2006, p. 4). Assim sendo, as estâncias se configuraram como grandes propriedades de terra, com baixa diversificação da produção. Tanto o final da escravidão no Brasil, como término da Segunda Guerra Mundial atingiram fortemente a economia regional, tendo em vista que em ambas as situações houve significativa redução de mercados consumidores, especialmente em relação à pecuária.

Segundo Herrlein Jr. (2002) a propriedade fundiária de pecuária extensiva apresentou uma reduzida capacidade de autotransformação, no sentido de integrar novos ramos de produção agrícola ou industrial; e a concentração da riqueza e o caráter rentista de sua aplicação retardaram o desenvolvimento capitalista, restringindo as oportunidades de mercado e emprego.

De acordo com Rocha (1998), os estancieiros, mesmo em períodos em que o preço do gado estava baixo, resistiam em empreender-se na atividade agrícola<sup>30</sup>, porque a atividade requeria grandes somas de investimentos em máquinas, equipamentos, mão-de-obra, sementes, gerando risco de perdas significativas, caso a tentativa não lograsse sucesso, além das intempéries da natureza a que a empreitada ficava sujeita. Somava-se a isso a existência de terras inadequadas para o cultivo da lavoura, com solos superficiais e suscetíveis à erosão.

Considerando esses fatores, Rocha (1998) assinala para a ocorrência de uma racionalidade específica calcada principalmente nas características geográficas da região e na formação cultural originária do exército lusitano. Do seu ponto de vista, os estancieiros mantinham-se numa mesma atividade produtiva pelo completo desconhecimento de outra maneira de produzir, optando por uma racionalidade que primava pela segurança de um rendimento abaixo do estado ótimo, mas que lhe assegurava um padrão de vida relativamente satisfatório e com um menor nível de risco.

O modo de produção antigo, em grandes extensões de terras, inculcou nas pessoas a idéia de que o sucesso dependia essencialmente da natureza e da sorte divina. Em contraposição, o novo modo de produção calcado na indústria depende essencialmente de esforço humano próprio, de iniciativa, competência técnica, profissional e administrativa, de

---

<sup>30</sup> Segundo Rocha (1998), os gaúchos que habitavam a região não tinham propensão a atividade agrícola, o que exigia a importação de mão-de-obra. Os resultados das culturas agrícolas eram totalmente desconhecidos na região até os primeiros anos do século XX.

evolução tecnológica, disciplina humana, de arrojo e enfrentamento de riscos, de trabalho conjunto. Com a indústria, passaram a ser valorizados novos profissionais, com papéis mais salientes no contexto organizacional e social, bem diferentes dos papéis sempre subalternos dos antigos peões de estâncias, em relação aos seus patrões.

No caso de Santana do Livramento, a instalação, a partir de década de 1970, de indústrias vinícolas e da viticultura imprimiu uma nova dinâmica no referido espaço social, conforme será detalhado a seguir.

## 2.6 UVAS E VINHO NO RIO GRANDE DO SUL

Considerando os aspectos históricos e econômicos expostos acima, o plantio de uvas na Região da Campanha Gaúcha ainda gera estranhamento, sobretudo para os leigos sobre o tema, caso considerem a colonização italiana e sua fixação na Serra Gaúcha, por volta de 1875. Esses imigrantes trouxeram consigo a experiência na produção de vinho, e já o fabricavam dez anos após sua chegada na colônia (MELLO, 2007). A colonização do Rio Grande do Sul com imigrantes italianos lançou, com isso, a base para a formação da indústria vitivinícola brasileira.

Retirada a mata de cima do terreno, o primeiro sonho tomava a forma de uma casa. Na verdade, um casarão tosco e improvisado para abrigo nos primeiros dias, feito com as madeiras verdes no próprio local. Eram casas simples, mas eram deles. Então, resolvidas as necessidades primárias, eles iniciavam a formação do parreiral para as uvas que serviam de alimento e para fazer vinho (MELLO, 2007, p. 144).

As castas de uvas européias *vitis viniferas*<sup>31</sup> não se adaptaram às terras brasileiras, tendo em vista as pragas tropicais e as variações de temperaturas; por isso foram substituídas pela variedade de tipo *isabel* ou *isabella*. Essa variedade adaptou-se muito bem, conquistando, dessa maneira, os parreirais nacionais.

Todavia, ao considerarmos a produção de vinhos, temos que destacar que a variedade *isabella* não era a uva mais adequada para vinhos de guarda e envelhecimento, tendo em vista o gosto amargo gerado durante a fermentação (MELLO, 2007). Foram os próprios colonos italianos que, com a crescente produção e comercialização de vinho, reintroduziram outras

---

<sup>31</sup> “Nome da espécie de videira pertencente ao gênero *vitis*, responsável pela maioria dos vinhos produzidos no mundo” (NOVAKOSKI E FREITAS, 2003, p. 165).

castas *vitis viniferas* no Rio Grande do Sul. Mas, para que isso fosse possível, tanto a iniciativa privada como o governo passaram a dar atenção à necessidade de formação profissional na área da uva e do vinho. Assim, em 1891, foi fundada a Escola de Agricultura e Viticultura<sup>32</sup> em Taquari, além da primeira estação Agronômica Experimental em Porto Alegre, em 1899. Além disso, em 1920, por iniciativa governamental, houve a criação da Estação Experimental de Viticultura e Enologia<sup>33</sup> (EEVE), em Caxias do Sul.

Na década seguinte, em 1931<sup>34</sup>, a idéia de cultivar uvas européias ainda era exceção. A EEVE enfrentava o desafio de mudar hábitos e conceitos, pois já existia uma enologia moderna, totalmente diferente das práticas trazidas pelos imigrantes.

Converter os vinhedos do sistema de latada para o de espaldeira – o vinhedo típico de hoje, aquele enfileirado, que favorece o desenvolvimento das uvas e facilita poda e tratamento –, plantar viníferas superiores, modernizar a vinificação com novos equipamentos e, principalmente, vigiar, cuidar do campo, foram os maiores desafios de Gobatto, de seus sucessores e de toda a Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caxias do Sul. Portanto, a cada oportunidade que se apresentava – fosse uma festa da vindima, fosse uma feira da uva –, lá estavam os missionários da *vitis vinifera* trabalhando na mais difícil das revoluções: a que objetiva a mudança da mentalidade (MELLO, 2007, p. 159).

O primeiro sucesso nacional advindo de vinhos varietais foi o vinho Granja União, em 1938. Este vinho foi elaborado em Flores da Cunha com uvas advindas de área inicial de cem hectares de produção de viníferas européias.

A uva *isabella* passou a ser utilizada para a confecção de sucos de uva. As indústrias familiares despontaram e novas foram abertas. O mercado de vinhos efervescia e toda produção era vendida. Esse sucesso foi atingido em 1970, década que inaugurou um novo marco na história vinícola nacional, haja vista o reconhecimento mundial do Brasil como um país potencial para o vinho, causando o ingresso de multinacionais vinícolas como a *Martini & Rossi*, *Möet & Chandon*, *Maison Forestier*, *Heublein* e *Almadén* (MELLO, 2007, p. 161-162).

<sup>32</sup> Segundo Corvo (2006), o viticultor é o profissional voltado para o cultivo da vinha. É ele quem diariamente acompanha o crescimento e desenvolvimento da videira, decide quando podar, colher, é o responsável por entregar uvas de qualidade para a produção de vinhos (vinicultura).

<sup>33</sup> Em 1920, o Governo Federal contratou o especialista francês Louis Esquier para selecionar as primeiras variedades de uvas mais adaptadas ao clima brasileiro e procurar um lugar adequado para instalar uma unidade de pesquisa para gerar tecnologias que impulsionassem o setor vitivinícola. Caxias do Sul foi escolhida. Em 1929, o controle da entidade foi transferido ao Governo Estadual. (SOUZA, 2005).

<sup>34</sup> Nesse período, os governos brasileiro e uruguaio promoviam políticas de concentração nacional.

### 2.6.1 Ambiente estável: pressuposto para o estabelecimento de culturas frutícolas

Traçando os sucessivos tratados firmados com o intuito de estabelecer a fronteira oeste do Brasil e, principalmente, do Rio Grande do Sul no título “A ocupação do território”, verificamos que o cenário contextual da área geográfica em estudo não gozou de estabilidade pelo menos até o final do século XIX. A instabilidade causada pelas disputas territoriais legou a existência de grandes propriedades, cujo caráter militar, indiretamente, incentivou o desenvolvimento da pecuária extensiva em detrimento de diferentes culturas agrícolas. Nesse sentido, a dedicação da Campanha à pecuária pode ser explicada nas palavras de Flores<sup>35</sup> (*apud* MELLO, 2007, p. 137): “O território do Rio Grande do Sul foi conquistado lentamente, formando-se uma sociedade guerreira, com base econômica na pecuária, que se adaptava melhor ao tipo de fronteira móvel.” Essa explicação pode ser reforçada pela argumentação que se encontra em Frutos e Beretta (1999, p. 16) em relação ao Uruguai:

*desde el asentamiento hispano, la ganadería extensiva se había afirmado en desmedro de la agricultura. La consagración del Estado independiente, desde 1828, abrió una década de relativa paz interior y de iniciativas diversas en el agro y las actividades urbanas. Algunas experiencias agrícolas anegarían en un nuevo ciclo de guerras civiles en la región, que desde de la Guerra Grande (1839–1851) se prolongarían en levantamientos, pronunciamientos y revoluciones con injerencia creciente del gobierno del Brasil, hasta mediados de la década de 1870. Estos años serían críticos para todas aquellas actividades como la agricultura y, concretamente, la viticultura, que requerían de poblaciones estables, cuidados permanentes, capacitación de la mano de obra, así como de un mercado interno integrado.*

O Uruguai, após sua Independência, em 1828, sobretudo após a segunda metade do século XIX, em tempos de maior estabilidade, desenvolveu sua indústria vinícola tanto no norte e nordeste como no sul do país. Nesse contexto, temos a Intendência de Rivera o que nos permite dizer que a vitivinicultura não é totalmente estranha à realidade de Santana do Livramento, haja vista seu imbricamento com a intendência uruguaia, conforme podemos visualizar no mapa a seguir.

---

<sup>35</sup> FLORES, M. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ediplant, 2003.



**Figura 3 – Mapa das regiões produtoras de uva e vinhos no Uruguai**  
 Fonte: ACADEMIA DO VINHO, 2007.

De fato, no caso brasileiro, a vitivinicultura centrou-se na Serra Gaúcha, mas desde a década de 1970 vem ampliando suas fronteiras para a Região da Campanha, especialmente em Santana do Livramento.

### 2.6.2 Uvas e o vinho na Campanha Gaúcha

Desde a década de 1930 já há registros de cultivo da uva em Alegrete, Uruguaiana e Bagé (LONA, 2006). No entanto, o fortalecimento e o estabelecimento de bases para a vitivinicultura na Campanha Gaúcha ocorreram concomitantemente ao período de expansão e a modernização da produção gaúcha de vinho, principalmente a partir do ingresso de empresas multinacionais na Serra Gaúcha na década de 1970.

Na Campanha Gaúcha, o Grupo americano *National Distiller* investiu mais de U\$ 30 milhões em um projeto vinícola localizado no Cerro Palomas em Santana do Livramento, em 1976. A estratégia adotada pelo grupo baseou-se na importação das cepas para cultivar, de uma só vez, setecentos hectares de vinhedos além da construção de uma moderna cantina.

Os vinhedos da Almadén, localizados aos pés do Cerro de Palomas, são pioneiros na campanha gaúcha, e ali estão instalados há mais de trinta anos. Esta é a única grande vinícola brasileira que produz 100% das uvas que são empregadas na elaboração de seus vinhos. A capacidade anual de produção está em torno de 7 milhões de quilos



das variedades *Cabernet Sauvignon*, *Cabernet Franc*, *Merlot*, *Riesling*, *Chardonnay*, *Ugni Blanc*, *Gewurztraminer*, *Gamay*, *Sauvignon Blanc*, entre outras (PARREIRAIS, 2005).

Cabe destacar que a instalação dessa indústria baseou-se em estudos realizados pela Universidade de Davis (Califórnia), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, concluindo, em 1973, que as microrregiões da Campanha e do Sudeste do Estado gaúcho possuem as melhores características para o cultivo de viníferas nobres européias (FERREIRA, 2005).

Considerando o estudo encomendado pelo Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN) para o desenvolvimento estratégico do setor vitivinícola gaúcho – Visão 2025<sup>36</sup> – cabe referir que o mesmo aponta, em sua dimensão social, para a necessidade de criação de mecanismos e dinamização do setor na Metade Sul, Região na qual o município de Santana do Livramento encontra-se inserido.

Diferentemente da Serra Gaúcha, que concentra a produção na pequena propriedade, a vitivinicultura instalada em Santana do Livramento é calcada na agricultura capitalista, utilizando-se de tecnologia, grandes capitais e grandes áreas de cultivo, onde é possível utilizar mecanização e métodos de cultivo e manejo diferenciados, gerando ganhos de escala (DIAS, 2007). No entanto, é muito importante considerarmos, também, nesse contexto, tendo em vista suas implicações locais, a presença de produtores-autônomos de uvas e de vinhos.

Esta atividade produtiva trouxe consigo uma nova racionalidade, baseada no mercado e na competitividade. De acordo com a pesquisa realizada por Ferreira (2005), as características edafoclimáticas<sup>37</sup> foram a principal motivação dos agentes econômicos para a instalação na Campanha Gaúcha (clima mais seco no período de amadurecimento das uvas, solos e relevos capazes de otimizar a qualidade da matéria-prima). Trata-se de critérios competitivos valorizados pelos empresários para competir no mercado e dizem respeito a custo, confiabilidade na entrega, flexibilidade, qualidade e inovação.

A indústria vinícola, diferentemente da pecuária extensiva, caracteriza-se pelo poder de agregação de valor da produção, seja pelo incremento de novos produtos, seja pela variedade da produção de vinhos a partir de variadas castas de uvas, seja ainda pela crescente

---

<sup>36</sup> Documento síntese do estudo pode ser encontrado no site <http://www.winesfrombrazil.com/admin/UPLarquivos/280320081547572.doc>, em artigo de José Fernando da Silva Protas.

<sup>37</sup> As características edafoclimáticas referem-se às condições definidas através de fatores de meio ambiente tais como o clima, o relevo, a temperatura, a umidade do ar, a radiação, o tipo de solo, o vento, a composição atmosférica e a precipitação pluvial (VIANA, 2008).

tecnologia envolvida na produção de vinhos finos com qualidade e quantidade. Atualmente, a produção vitivinícola desenvolvida na Metade Sul está expandindo sua participação na produção gaúcha de vinhos finos e contribui para a transformação da paisagem regional.

Portanto, analisar o setor vitivinícola de Santana do Livramento como um processo de desenvolvimento tramado pela interação social de seus atores requer um aporte teórico que dê conta daquilo que entendemos por desenvolvimento, interação social e dos movimentos que transformam o local, enquanto um espaço vivido e socialmente construído. Estes referenciais teóricos serão tratados no próximo capítulo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Na seqüência, encontramos as bases teóricas que deram suporte à análise do objeto de estudo desta dissertação. Trata-se de referencial considerado indispensável para uma possibilidade de compreensão da realidade pesquisada, tanto do ponto de vista teórico quanto empírico. O propósito deste capítulo não foi realizar uma exaustiva revisão bibliográfica, mas sim, relacionar abordagens teóricas que, no seu conjunto, permitissem atender os objetivos desta pesquisa.

Sob esta intenção, serão apresentados os seguintes elementos teóricos: lugar-local, lugar-global, espaço vivido, combinação regional, cidade, espaço-tempo, desenvolvimento contemporâneo, desenvolvimento regional e interação social.

#### 3.1 LUGAR LOCAL, LUGAR GLOBAL E ESPAÇO VIVIDO

As tentativas de divisão da geografia política sul-rio-grandense referidas até o momento se caracterizam por uma análise voltada ao caráter econômico preponderante nas diferentes regiões do Estado. Segundo Vieira e Vieira (2003, p.19), em tempos de globalização, o lugar assume importância nas definições das operações globais: “os lugares são disputados pela posição estratégica, pelas vantagens oferecidas, pela logística instalada e pela infra-estrutura que permitam realizar, com eficiência e custos reduzidos, as práticas produtivas e circulatórias no processo de globalização econômica”.

A partir desse tratamento do lugar, emergem duas categorias: a de lugar-local e lugar-global. Enquanto a primeira faz referência ao espaço como herança histórica, na segunda, a ênfase é colocada no processo de globalização da economia. De acordo com Vieira e Vieira (2003, p. 19-20),

O lugar-local é o espaço da herança histórica. Dele se projeta a percepção de realidades construídas no passado, modernizadas de acordo com os ritmos econômicos e renovadas com avanços culturais. O lugar-local é base de sustentação do território organizado. Os processos econômicos e culturais têm caráter histórico e fazem parte do contexto de formação econômica e social da região de inserção.

Identificando a perspectiva econômica da noção de lugar-local, sustentamos que o estancieiro e o peão, figuras que remetem à Campanha e ao estilo de vida campeiro e rústico, dão sustentação ao território organizado e são afetados pela renovação tecnológica de sua própria realidade.

Assim, o lugar-global é a sede da ação, onde se operacionalizam as práticas produtivas e circulatórias; o centro da ação, contudo, pode estar muito distante fisicamente. Porém virtualmente próximo nas operações de comando. Nos lugares globais têm-se, quase sempre, comandos subordinados, porém se estabelece uma interconexão dialética virtual por meio de redes e de portais corporativos que administram o conhecimento e a informação. O lugar-global é, portanto, o espaço para as estratégias mundiais das grandes corporações multinacionais, estabelecendo redefinições territoriais e mudanças nos procedimentos de gestão (VIEIRA E VIEIRA, 2003, p. 20).

Na década de 70, vários foram os investimentos estrangeiros do setor vinícola no Rio Grande do Sul, configurando-se como espaço da ação global estrategicamente pensada em outros lugares. Segundo Mello (2007, p. 166),

pelas características culturais da população – de miscigenação com forte dose de genes europeus, formação cristã e histórica que preza o núcleo familiar e forte aculturação ao consumismo americano após a Segunda Guerra Mundial- , o vinho surgia como objeto de desejo ou como sinal de destaque social, pois entender ou mesmo gostar de vinho passou a ser *cult*. O cenário estava favorável para os investidores estrangeiros do setor vinícola aportarem entre nós.

Nesse cenário de expectativa, podemos citar os seguintes investidores e investimentos (MELLO, 2007, p. 166-167):

- a associação entre o Grupo *Cinzano, a Möet e Chandon* e o grupo de investimento brasileiro Monteiro Aranha, dando surgimento à Produtora de Vinhos Finos, em 1974 (Provifin), sediada em Garibaldi;
- a multinacional inglesa *Heublein*, que adquiriu a tradicional vinícola familiar *Dreher*, em Bento Gonçalves, em 1972;
- a *Maison Forestier*, braço vinícola da tradicional *Seagram* do Brasil, que instalou-se em Garibaldi em 1974, sendo adquirida em 2001 pelo grupo Francês *Pernod Ricard*, da mesma forma que a Almadén – braço vinícola da *National Distiller* instalado em Santana do Livramento desde 1976.

Segundo Vieira e Vieira (2003, p. 31), o espaço é a realidade que se transforma sob a ação de forças econômicas em determinados tempos históricos. O espaço social, por sua vez,

é construído com a apropriação, transformação e uso do território, não se constituindo em mera realidade econômica e social da atualidade.

Confrontando os conceitos de espaços econômicos anteriormente expostos, ele, o espaço, sempre pode ser trabalhado como um espaço vivido, de acordo com a categoria proposta por Armand Frémont (1980).

Segundo Frémont (1980), os lugares formam a trama elementar do espaço, a qual é sintetizada no conceito de combinação regional entendido como:

- a. uma estrutura, ou seja, um espaço-terrestre (físico) como fonte e meio de vida no qual pode haver coletividades humanas residentes que aplicam sobre ele suas iniciativas;
- b. um ambiente de inter-relações que podem ser: ecológicas (regulam as relações entre os homens e o meio em que vivem), sócio-econômicas (estabelecem as relações de produção) e sócio-culturais (dão ao homem um dimensão de si próprios e do mundo) e as sócio-demográficas;
- c. uma dinâmica, porque não se constitui de uma estrutura rígida, mas pelo contrário, em uma estrutura em transformação, em modificação que altera a região.
- d. uma imagem, pois entre homens e o espaço em que vivem, uma das relações mais fundamentais é a da percepção, do comportamento psicológico em relação ao espaço vivido.

O espaço vivido pode ser percebido em três dimensões temporais: passado, presente e futuro. Nesse sentido, o passado pode servir de base, para compreender no presente as ações voltadas para o futuro. “Sem negar as perspectivas oferecidas pela reordenação, nem as riquezas propostas ainda pelo passado, são as realidades presentes que convém essencialmente reconhecer e analisar, conjugando ‘espaço vivido’, no presente” (FRÉMONT, 1980, p. 245).

O espaço vivido pode ser associado à teia organizacional que denominamos de cidade. De acordo com Fischer (2006), esse ente constitui-se de mitos, imagens e representações elaboradas nela mesma ou por ela. Constitui-se de cenário de poderes locais, ponto de intersecção entre diferentes escalas locais, nacionais, transnacionais; sistema multidimensional de atores; local produtor de continuidades, rupturas e inovações culturais.

Entendendo a cidade como espaço de reunião dos diferentes atores e como espaço refletido de suas ações, ou seja, como um espaço de produção e de troca, podemos nos

aproximar daquilo que Fischer (2006) compreende por um *puzzle* cultural. Segundo a autora, organizações inovadoras e tradicionais contracenam e criam pautas de convivência e conflito, rejeição e solidariedade, que neste estudo foram observadas, principalmente, a partir de Santana do Livramento e do seu setor vitivinícola.

A cidade é uma organização, fruto da interação de pessoas, artefatos e natureza, formada a partir de interesses momentâneos, episódicos ou intermitentes, conjuntos complexos de teias organizacionais com diversidade e singularidade que geram forte multiplicação de projetos e jogos cooperativos (FISCHER, 1996).

Trata-se de um espaço-social no qual circulam atores e interesses que transcendem a consciência local, capazes de redefinir, reorganizar e reordenar o espaço historicamente construído. Nesse sentido, Vieira e Vieira (2003) argumentam que uma realidade local, tradicional, conservadora e lenta no desenvolvimento sócio-cultural passa a conviver com outra realidade na mesma territorialidade e que as forças desse novo cenário (lugar-global) – caracterizado pela inovação e por novas condições de gestão – geram novas percepções da realidade influenciando comportamentos e visões estratégicas.

As novas percepções são formadas a partir da interação entre a cultura existente e a cultura importada, gerando mudanças significativas no lugar-local empreendidas ao longo do tempo. Assim, podemos referir-nos à configuração do espaço-tempo.

O papel determinante do espaço-tempo na sociedade produz e reproduz, continuamente, formas sociais através de atributos de valor, signos, símbolos e comportamentos. O espaço geográfico é um espaço em movimento, capaz de produzir mudança social. Nesse sentido, é uma evolução bem caracterizada pela idéia de passado, presente e futuro (VIEIRA E VIEIRA, 2003, p. 31).

Dessa maneira, contextualizando Santana do Livramento sob a dimensão espaço-tempo, o estudo nos revela mudanças sociais processadas, no espaço social, a partir da diversificação da base econômica do município. “As mudanças não ocorrem apenas nos grandes centros urbanos. Pequenas e médias cidades onde as atividades se inserem na economia mundial passam por transformações significativas” (VIEIRA E VIEIRA, 2003, p. 29). Nesse sentido, Boisier (2000) caracteriza a região pela complexidade de um sistema aberto que contém, em termos reais ou potenciais, os fatores de seu próprio desenvolvimento. Enquanto sistemas abertos, as regiões, as cidades, o recorte espacial de análise, influencia e é influenciado a partir da intervenção da ação humana, considerando-se os recursos, os saberes, as tecnologias, os poderes e as visões de mundo que por nele circulam e operam. Dessa maneira, pessoas são influenciadas e influenciam, acarretando transformações sociais no

espaço, no lugar. Por isso, a seguir, relacionamos à cidade os conceitos de interação social e desenvolvimento.

### 3.2 CIDADE: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO

A cidade enquanto unidade de análise, e conforme já referido anteriormente, constitui-se, a partir da interação de seus atores, numa organização composta por um sem-número de organizações. Segundo Fischer (1996, p. 14), “a cidade é constituída de muitas unidades organizativas que, vistas em conjunto, representam um todo, maior que a soma das partes [...] partes e todo em interação real”. Cabe esclarecer que a idéia de cidade está vinculada ao urbano contrapondo-se ao rural. Todavia, podemos assumí-las como dois extremos de um *continuum* que configura o espaço vivido de um município. Conforme Silva (1999), de um modo geral, em meados de 1990, começam a se tornar evidentes as transformações no campo e nas áreas urbanas, tanto em si próprias como nas suas inter-relações. A ocupação do solo e de seu uso apresenta as mudanças, principalmente com o aumento de conteúdos urbanos no meio rural e diversificação das atividades produtivas. O rural não representa mais apenas o espaço destinado à produção agropecuária, constituindo-se em um espaço de novas práticas, estimuladas pela existência de melhores condições sociais (principalmente de melhores condições de educação, saúde), de infra-estrutura (luz, telefone, rádio, televisão, internet etc.), bem como de novos processos de interação social.

Segundo Pierson<sup>38</sup> (*apud* OLIVEIRA, 2002, p.219), “uma sociedade não somente existe por meio da interação, mas é interação.” A interação constituída em “um processo padronizado de conhecimento e de aculturação, onde os indivíduos procuram projetar sentimentos, idéias e vontades no espaço social, junto aos seus semelhantes” (OLIVEIRA, 2002, p. 219). De fato, a cidade e as formas organizacionais que a constituem são fruto do processo de interação social produzido entre os indivíduos e as organizações. Diferentes projetos, frutos de idéias individuais ou de grupos sociais, coabitam o espaço social criando conflitos e contradições, revelando a heterogeneidade presente na referida unidade de análise.

As cidades estão incrustadas num espaço geográfico que a partir da interação humana torna-se humanizado. No desenrolar da interação, os atores socializam-se. De acordo com

---

<sup>38</sup> PIERSON, D. *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

Charon (2004, p. 29), “a socialização é o processo pelo qual sociedade, comunidade, organização formal ou grupo ensina seus costumes a seus membros”. Assim, esse processo interacional é responsável pela difusão de atividades humanas, como por exemplo, as atividades produtivas.

Em termos mundiais, o êxodo do campo e a concentração das pessoas em zonas urbanas é um processo de longa data e acentuou-se a partir da Revolução Industrial no Século XVIII. Concomitantemente a este processo, algumas idéias passaram a ser difundidas, principalmente na esfera econômica e nas relações de produção. O mundo viveu a polarização entre o socialismo real, liderado pela antiga União Soviética, e o capitalismo, liderado pelos Estados Unidos da América. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, começou-se a discutir e implementar políticas e estratégias de desenvolvimento provindas do Plano Marshall de auxílio e reconstrução da Europa Ocidental (SIEDENBERG, 2006). A partir de então, o conceito de desenvolvimento foi constantemente revisitado, ganhando novas dimensões que não a meramente econômica de crescimento.

Conforme Boisier (2000, p. 158),

o desenvolvimento é uma utopia social por excelência. Num sentido metafórico é o miltoniano paraíso perdido da humanidade, nunca alcançável e nem recuperável devido a sua natureza assintótica de sua própria realização. Na prática, e no breve resumo de sua história contemporânea assim o provam, cada vez que um grupo social se aproxima do que é a sua própria idéia de um estado de desenvolvimento, imediatamente muda suas metas, seja qualitativas ou quantitativas.

Segundo Becker (2000), o desenvolvimento contemporâneo configura-se a partir da crescente transnacionalização dos espaços econômicos e a regionalização dos espaços sociais, conduzindo, de acordo com Thurow<sup>39</sup> (*apud* BECKER, 2000), a uma dinâmica que simultaneamente desintegra as nações e integra as regiões. A própria dinâmica do processo de desenvolvimento faz com que cidades e regiões concorram entre si com o intuito de fixar posições nos fluxos globais do processo de desenvolvimento contemporâneo<sup>40</sup>.

A expansão do capital (globalização) revigora os locais com a finalidade objetiva de que estes concorram entre si e, dessa maneira, sejam atrativos ao capital produtivo e alternativo à sua valorização. Por um lado, entende Becker (2000), o movimento geral da

---

<sup>39</sup> THUROW, L.C. **O futuro do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>40</sup> Becker (2000) entende o processo de desenvolvimento contemporâneo como uma nova fase de expansão do sistema capitalista que ocorre de acordo com seus pressupostos, de acordo com suas principais barreiras à emancipação humana: a divisão do trabalho e a propriedade privada. Para o autor, não pode haver ilusão, a nova fase expansionista ocorre nos limites do modo capitalista de produção visando a valorização do capital financeiro.



transnacionalização representa uma determinada lógica e dinâmica do processo de valorização do capital, na qual o conjunto de conglomerados econômicos objetiva os padrões de desenvolvimento para o mundo, evidenciando a hegemonia no processo de desenvolvimento econômico; de outro, o processo de regionalização caracteriza-se pela defesa dos recursos ambientais e culturais e pela busca de alternativas para sobreviver ao processo de globalização.

Então, a necessidade de projetos regionais de desenvolvimento local se deve ao fato de que cada vez mais as regiões são levadas a concorrer entre si e gerar condições favoráveis e atrativas para localizar em seu território investimentos produtivos gerando a necessidade de que os agentes regionais de desenvolvimento se articulem e mobilizem para garantir a participação crescente e direta de uma inserção alternativa e diferenciada no processo global de desenvolvimento contemporâneo. Conforme Becker (2000, p. 144), “não basta o pensar global e o agir local. É preciso ir além, pensar local e agir globalmente”.

Segundo o autor, as organizações locais não podem conceber suas práticas sem compreender o processo global da economia, ou seja, precisam reconhecer que o fenômeno da transnacionalização está vinculado ao movimento realizado pelas grandes corporações com base em seus projetos. De acordo com Pereira (2006, p.63),

no atual período histórico, os territórios se apresentam de uma forma integrada, própria do processo de globalização vigente, o que indica uma complementaridade e interdependência funcional dos lugares [...] ao mesmo tempo, o território também possui caráter fragmentário, visto que o espaço geográfico apresenta diferentes densidades materiais, de uso e de valores também distintos. É assim que os lugares se diferenciam, segundo suas lógicas de funcionamento e suas diferentes inserções no processo de uso econômico do território.

Pereira (2006) define que os territórios<sup>41</sup> se constituem de subespaços – regiões e lugares – e enquanto parte do território são *lócus* de produção das ações dos homens, individualmente e enquanto representantes das empresas, dos Estados e demais instituições sociais; são espaços resultantes das ações de todos os agentes. Então, a idéia de políticas de desenvolvimento territorial atrela-se ao uso de recursos locais e ação de projetos específicos de determinados agentes socioterritoriais.

Segundo Boisier (1992), o processo de desenvolvimento de uma determinada região, em longo prazo, depende da interação de três processos:

---

<sup>41</sup> A expressão é aqui utilizada enquanto território político. Para Dallabrida (2000), o território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à idéia de domínio ou de gestão de determinada área. Deve-se ligar o conceito de território à idéia de poder, seja público, estatal ou de uma empresa.

- a. a participação efetiva da região no uso dos recursos naturais, como função econômica;
- b. o impacto que o quadro global da política econômica tem sobre a região, requerendo uma negociação entre a Região e o Estado, como função de compensação;
- c. a evolução de uma situação de crescimento econômico<sup>42</sup> para uma situação verdadeira de desenvolvimento, que depende da capacidade de organização social da região, a capacidade de transformar os impulsos de crescimento em estados de desenvolvimento, como função de ativação.

Em seu artigo “Em busca do esquivo desenvolvimento regional<sup>43</sup>: entre a caixa-preta e o projeto político”, Boisier (1996, p. 113) reconhece que o desenvolvimento regional constitui-se de um processo com três cenários interdependentes: a) um cenário contextual, b) um cenário estratégico e c) um cenário político. No primeiro, encontramos dois processos: o de abertura externa (globalização) e de abertura interna (descentralização); no segundo, encontramos a nova configuração e gestão dos territórios. Quanto à configuração territorial, trata-se da constituição de regiões pivotais (territórios organizados que apresentam simultaneamente complexidade sistêmica, cultura capaz de gerar identidade e resiliência), que podem associar-se a outras regiões dando origem a regiões associativas (contíguas). Quanto à gestão, Boisier (1996) trata a região como um quase-Estado e uma quase-Empresa.

Assim, ao tratá-la como quase-Estado, ele devolve à região a dimensão política do desenvolvimento, e, com isso, o seu papel de acumulação de poder político. O autor define que a acumulação deste poder é obtida pela transferência (descentralização em um projeto nacional) ou pela criação desse poder, obtido pelo consenso político, pacto social, cultura de cooperação e a capacidade de criar, coletivamente, um projeto de desenvolvimento (projeto político regional). Ao tratá-la como quase-Empresa, Boisier (1996) considera que o governo

---

<sup>42</sup> De acordo com Boisier (2000), o termo crescimento econômico foi o tema central da economia clássica, representada por Smith, Ricardo e Marx, sendo que a idéia de desenvolvimento nasce na economia neoclássica a partir da distribuição como tema central tratado por autores como Marshall, Walras, Pareto, Pigou e outros. A partir da distribuição dos resultados do processo de acumulação, maior número de pessoas teria acesso às condições mínimas de sobrevivência. Boisier (1992) entende que o modelo de desenvolvimento adotado é um problema, uma vez que, em grande medida, o crescimento de uma região atende aos interesses do sistema como um todo, mais que aos interesses específicos de cada região que o compõe.

<sup>43</sup> Em seu artigo, Boisier utiliza-se da especialista brasileira Liana Maria da Frota Carleial para definir a categoria regional: “Defende-se, aqui, que a categoria regional deve representar unidades espaciais que se diferenciam e que podem estar referidas a diferentes níveis de análise. Pode-se utilizar a categoria regional para tratar questões que ocorrem em nível de Estado, município ou parcialidades de qualquer desses níveis, como regiões urbanas, rurais, agrícolas ou industriais” (CARLEIAL, 1993 apud BOISIER, 1996, p.121). Dessa maneira, o uso da expressão regional em relação ao recorte municipal é compatível com o estudo aqui realizado.

deve apresentar uma estratégia que responda as seguintes perguntas: O que produzir e onde vender?; Que projeto desenvolver e como financiá-los?; Com quais recursos humanos pode se contar e como empregá-los?; e, Qual é a imagem corporativa e como promovê-la?.

Por fim, enquanto cenário político, os governos regionais deverão ter como principal função a gestão política (negociação) e a animação social (sinergia e informação), ou seja, capacidade de negociação regional para a radicação do capital e ajuste desta radicação ao delineamento estratégico regional. Boisier (1996) afirma que o principal instrumento de negociação é um projeto regional com suficiente grau de consenso, mas sem ocultar o dissenso. Esse projeto seria resultado da capacidade do governo regional mobilizar a sociedade civil num rumo desafiante e aglutinante.

Diante do exposto, podemos entender que qualquer abordagem de desenvolvimento implica em ações que não se circunscrevem em si mesmas, mas enquanto ações produzidas no espaço interacional.

De acordo com Charon (2004, p. 47),

a interação é muito importante, pois é uma das causas da ação humana. Os atores ajustam-se uns aos outros e, portanto, são afetados pelos atos uns dos outros. À medida que a interação se desdobra, os planos são alterados, as ações avaliadas, alteradas e alinhadas. As pessoas descobrem-se fazendo coisas simplesmente porque a interação as conduziu a isso. Somos todos santos ou pecadores em potencial, e nos tornamos uma coisa ou outra, ou ambas, dependendo de nossa interação.

Conforme o autor, a interação social é ação social mútua, sendo cada pessoa simultaneamente sujeito e objeto; ou seja, cada pessoa, tendo em vista outras, atua como sujeito e por sua vez é considerada objeto pelas outras. Assim, as organizações, enquanto conjunto de pessoas, produzem socializações e propagam idéias, intenções, mesmo que de maneira implícita e não coesa.

A interação social produz algum tipo de desenvolvimento contextualizado que, aqui, será entendido por uma forma de interação entre os atores capaz de gerar melhores condições de vida e de bem estar da população aliando crescimento econômico, participação efetiva na utilização dos recursos territoriais e mobilização para defesa deste projeto que, de acordo com Boisier (1996), é um projeto político.

Ao considerar o contexto espacial de Santana do Livramento, principalmente sua fronteira seca com a Intendência Uruguia de Rivera, entendemos que a cidade apresenta-se como um espaço peculiar de desenvolvimento, portanto sendo necessária a compreensão desta particularidade.

### 3.2.1 Fronteira: espaço peculiar de desenvolvimento

Como ressalta Müller (2003), o espaço fronteiriço ora apresenta uma identidade nacional, ora uma identidade cultural, duas dimensões identitárias que, na zona de fronteira, tornam-se cotidianas e permitem caracterizar um espaço ambivalente, por vezes cooperativo, por vezes conflituoso. Ou seja, trata-se de uma região cujos termos local e internacional se confundem, tornando peculiares as situações do cotidiano. Por exemplo, situações relacionadas à manutenção do Parque Binacional situado entre Santana do Livramento e Rivera, que, apesar de sua característica local, devem ser tratadas na esfera diplomática entre Brasil e Uruguai. Então, em determinadas circunstâncias, tal complexidade gera situações de cooperação extra-oficial, como a que ocorre entre as polícias das duas cidades em casos de delitos em que a fronteira é utilizada como refúgio. De acordo com Müller (2003),

A distinção do que deve ser tratado como internacional ou local é bastante confusa, um exemplo disto está no sistema de telefonia de Livramento para Rivera, que é considerado local, mas a distribuição de correspondências é tratada como internacional. Santana do Livramento não possui aeroporto, mas para o fronteiriço da região o aeroporto de acesso é o de Rivera, sem que isto represente um voo internacional. Entretanto, não é permitido o trânsito de um táxi santanense nas redondezas deste aeroporto, podendo seu condutor ser multado pela polícia riverense, por se tratar de espaço exclusivo para circulação de táxis uruguaios.

Conforme se pode extrair da tese de doutoramento de Sánchez (2002), circunstâncias vitais para santanenses e riverenses, como o nascimento, a nacionalidade e a família formam uma trama de relações e significados muito complexa, uma vez que no centro do espaço vivido há a presença da “linha”, a fronteira política entre Brasil e Uruguai, que permite nascer em um país e se registrar no outro ou em ambos; estudar em um país e casar no outro; um espaço em que pais sejam brasileiros e o cônjuge uruguaio, um filho seja brasileiro e outro uruguaio.

Enfim, a proximidade física e a distância política em que vive a população dessas cidades podem gerar conseqüências inesperadas em suas práticas cotidianas, relacionadas com o matrimônio e o consumo, inclusive mediante práticas transgressoras frente aos dois Estados. Dessa maneira, elementos dessa natureza não podem ser ignorados durante a realização de um estudo que se propõe a analisar o setor vitivinícola enquanto um processo interacional promotor de desenvolvimento.

### 3.2.2 Fronteira Rivera-Santana do Livramento: espaço histórico de práticas sociais complexas e duradouras

A pesquisa histórica realizada por Albornoz (2000) na fronteira seca Rivera e Santana do Livramento relata as transformações ocorridas, sobretudo em Santana do Livramento, ao longo do ciclo do Frigorífico Armour na cidade, ou seja, entre 1917 e 1994. Segundo a autora, o fechamento do Frigorífico deixou a comunidade local sem a sua única empresa de grande porte, geradora da metade dos impostos municipais e responsável por mais de dois terços dos empregos urbanos. A pesquisa indica que o desemprego e miséria vividos na cidade devem-se a

enquadramentos mentais que obstaculizam o desenvolvimento, tais como a despreocupação com a educação e saúde do povo, o descaso com a produção e com a economia local, a desvalorização do trabalho e a falta da discussão dos problemas e interesses da região (ALBORNOZ, 2000, p. 149-150).

Segundo a historiadora, essa mentalidade obstaculiza a participação política da comunidade, como um todo, e foi gestada em décadas de positivismo, em que as oposições foram caladas, os adversários políticos tratados como inimigos, a ordem considerada o valor supremo, impedindo a participação da comunidade na equação de problemas importantes .

Os próprios trabalhadores foram contaminados por essa mentalidade pré-capitalista, esquecendo que em 1919 houve na cidade uma grande greve de dois meses que dobrou a poderosa empresa multinacional [...] Esse espírito aguerrido e anarquista dos operários não pode ser mantido por muito tempo, pois havia poucas fontes de emprego na região (ALBORNOZ, 2000, p. 150).

Ademais, enquanto, do ponto de vista histórico, estudos indicam a existência de uma mentalidade que sufoca a dimensão política da discussão dos problemas locais, estudos sociológicos revelam que as práticas sociais atuais ainda reproduzem relações clientelísticas mantidas pela força da tradição que apenas podem ser alteradas quando estabelecida uma nova base de convivência. Trata-se da manutenção de aspectos relacionados ao coronelismo:

[...] a base socioeconômica do “coronelismo” se efetivava mediante dominação e dependência pessoal, obrigação subjetiva de lealdade e fidelidade ao chefe local. Em termos políticos, essa base era efetivada pela organização do processo eleitoral no campo e, em grande parte, na cidade, pelo grande proprietário, membro da oligarquia agrária, mediante emprego de diferentes formas de manipulação e de violência (MÉLO, 2004, p. 124).

A falta de uma ampla alteração fundiária e de relações de trabalho, principalmente no meio rural, contribuiu para que as relações sociais mantivessem-se guiadas por redes de favores e de violências. Segundo Mélo (2004), o favor é elemento importante das práticas clientelísticas, visto que estabelece expectativas de proteção e renova, permanentemente, as dívidas daqueles que estão inseridos nas redes de favores. O favor é o elemento-motor do clientelismo, podendo ser transferido da esfera pessoal para a esfera política. É a partir dele que se instaura um processo de violência simbólica, a partir da transformação de uma relação que em algum momento foi material. O credor do favor jamais reconhece que o devedor tem uma dívida para com ele, mas o rompimento desse elo de lealdade configura o rompimento tácito de um contrato.

Nesse sentido, “o favor torna-se efetivo por equalizar, simbolicamente, posições sociais que são objetivamente desiguais (MÉLO, 2004, p. 126)”. Para o autor,

[...] o fato de hoje se viver, tanto no Brasil quanto no Uruguai, processos institucionais democraticamente abertos, não significa que se pode considerar que a abertura formal ocasione imediatamente a participação cidadã na organização em sindicatos, na reivindicação de direitos. As práticas sociais são muito mais complexas e duradouras. As trocas de favores, assim como outros tipos de violência, dentre os quais a intimidação, as “listas negras” de trabalhadores da cidade e no campo, não desaparecem da noite para o dia.

De acordo com Mélo (2004, p. 127), as forças da tradição,

[...] sejam elas econômicas, culturais ou políticas somente desaparecem quando agentes históricos produzem novas bases de convivência nas quais aquelas tradições do passado não têm mais lugar. Elas não são eliminadas, simplesmente vão se esvaecendo e desaparecem com o tempo. Mas, quando as bases sociais, econômicas e culturais não são alteradas significativamente – e isso demanda muito tempo – o novo continua a conter o velho.

Do ponto de vista do autor, a ruptura com uma rede de clientela é muito difícil, sobretudo quando há uma situação de desapossamento, fazendo com que inclusive a reivindicação de direitos não seja efetivada, e com que os agentes sociais fiquem presos às vontades das forças “mandonistas” do privado. Este tipo de relação desmobiliza os agentes sociais em favor de um pequeno grupo que, em muitos casos, pode estar constituído por famílias, tal como se pode depreender da fala de um vereador entrevistado pelo sociólogo Mélo (2004, p. 131):

Então, o poder hoje se tu olhares na Câmara de Vereadores, aqui não tá o poder hoje. [...] É aquele negócio familiar que cria uma rede de influência que se espraia.

Por quê? Porque devem muitos favores a eles durante a Ditadura, as pessoas devem. Por quê? Porque ele “quebrou o galho” do fulano, não deixou fulano ser preso, porque ele nomeou tal fulano... Então isso se espalhou, eram os “amigos do rei”. Então eles conseguiram manter a hegemonia. [...]. São as famosas famílias da cidade: as eminências pardas que seguem mandando. [...]. (vereador, Livramento)

Dessa maneira, considerando os elementos sociais do espaço estudado, tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista sociológico, fica evidenciada a importância de incluí-los no estudo por tratarem-se de elementos capazes de influenciar a interação dos diferentes atores envolvidos com a vitivinicultura.

Na década de 1970, ao estudar o desenvolvimento de vinte diferentes regiões italianas, Putnam (2000) observou como os contextos social, econômico, político e cultural influenciaram no desempenho prático das instituições governamentais regionais, mesmo que criadas de forma basicamente idêntica. O autor observou também que “certas regiões tinham herdado políticas clientelistas que permaneciam mais ou menos inalteradas desde os tempos medievais, outras haviam sido transformadas pelas grandes ondas de migração e mudanças sociais que varreram a Itália durante *il boom* dos anos 50 e 60” (PUTNAM, 2000, p. 22). Ao considerarmos que a vitivinicultura em Santana do Livramento surge da migração de um empreendimento para a cidade – Almadén – temos que, desde então, estabeleceram-se novas bases de convivência potencialmente capazes de alterar o espaço social e suas práticas. Nesse sentido, a ação empreendedora pode ser tomada como ação humana capaz de transformar o espaço vivido.

### 3.2.3 Ação empreendedora como base para um novo espaço vivido

Segundo Carpintéro e Bacic (2008), o empreendedorismo tem sido relacionado com a temática do desenvolvimento econômico, geração de empregos e desenvolvimento social. Os autores sustentam que

por trás de cada empreendimento novo, mais que um empreendedor individual encontra-se uma equipe empreendedora, onde distintas motivações e competências se articulam, para dar a luz a uma nova firma. Mais que o *self-made man*, há um *social-made team*. O empresário é um ser coletivo, não é adequado falar de um empresário individual.

Assim, a ação empreendedora também pode ser considerada como realizada por esta equipe, pelo *social-made team*, enquanto ator da ação empreendedora. Segundo Danjou<sup>44</sup> (*apud* MELLO *et al.*, 2007, p. 96),

o empreendedorismo pode ser observado sob três ângulos: o contexto, que são as condições ou efeitos sobre a ação empreendedora; o ator, que é o próprio empreendedor; e, novamente, a ação que é o processo empreendedor, ou seja, como o empreendedor, a partir da identificação de uma oportunidade no ambiente de negócios, desenvolve e gere as ações necessárias para concretizar sua idéia.

Empreendedores são pessoas (DIAS *et al.*, 2006) ou grupos de pessoas que assumem riscos, seja em termos de patrimônio, tempo ou comprometimento relacionados à ação empreendedora. Considerando Reynolds (2005) e sua assertiva de que a ação empreendedora é considerada imprescindível para o desenvolvimento das nações, podemos estender a aplicação deste princípio, validando-o para o caso de regiões e municípios, por favorecer o crescimento econômico ou pelo fato deste gerar oportunidades de empregos e incrementar a prosperidade social.

### 3.3 ATORES DO ESPAÇO

Na tentativa de compreender o processo de transformação que ocorre no espaço geográfico em análise, precisamente na cidade de Santana do Livramento, faz-se necessário compreender a presença ativa de diversos atores responsáveis pela transformação que acreditamos estar ocorrendo. Desta forma, tomamos a cidade como centro da proposta, como espaço que comporta conflitos e solidariedades, forças centrípetas e centrífugas, cada qual em sua forma particular de definição das relações sociais, políticas e econômicas nele estabelecidas (RANGEL, 2005).

Em suma, sobre o espaço há a ação humana, produtora da transformação que buscamos compreender. Dessa maneira, adotamos a seguinte definição conceitual de Buarque (1999, p. 27):

---

<sup>44</sup> DANJOU, I. L'Entrepreneuriat: Un champ fertile à la recherche de son unité. **Revue Française de Gestion**, v.28, n.138, 2002. pp.109-125.



*Atores sociais* são os grupos e segmentos sociais diferenciados na sociedade que constituem conjuntos relativamente homogêneos segundo sua posição na vida econômica e na vida sócio-cultural e que, por sua prática coletiva, constroem identidades e espaços de influência dos seus interesses e suas visões de mundo. Os atores sociais organizam-se e manifestam-se por intermédio de entidades, organizações, associações, *lobbies* e grupos de pressão política, expressando sempre *interesses e visões de mundo* diferenciadas segundo o corte temático ou espacial (grifo nosso).

Além dessa definição, o autor define o **Estado** como a instância jurídico-política que sintetiza o jogo de interesses e poderes dos atores sociais, bem como representa o projeto e a vontade dominante na sociedade em um determinado momento. Ou seja, define-o como expressão de uma estrutura de poder na sociedade (BUARQUE, 1999).

Por seu turno, define os **Conselhos e Fóruns de Participação** como

espaços de participação dos atores sociais e de negociação de interesses diferenciados da sociedade entre si e de influência sobre o Estado e as instituições públicas. É a instância de participação por excelência, constituindo-se num dos campos de disputa política e jogo de interesses dos atores. Pode ser limitado à representação dos atores ou juntar para negociação os atores e as representações dos órgãos públicos (BUARQUE, 1999, p.28).

Utilizando-nos principalmente da definição de ator social pretendemos, com a metodologia a seguir definida, descrever a vitivinicultura organizada em Santana do Livramento, identificar peculiaridades das relações estabelecidas entre os atores nela envolvidos, indicar a possibilidade de cooperação vitivinícola entre o município brasileiro e Rivera, e, deste ponto de vista, as possibilidades de novas práticas sociais no contexto em análise.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, caracterizamos o estudo realizado: o tipo de pesquisa, as técnicas de pesquisa, os participantes e o tratamento e a análise dos dados.

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho constitui-se de um estudo de caso, conceituado por Yin (2001, p. 32) como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos [...]”. Com efeito, o estudo de caso foi adotado como metodologia de pesquisa porque estávamos interessados no *insight*, na descoberta, na interpretação da complexidade. Ao invés de verificarmos hipóteses, tratamos de um fenômeno cujos limites não são conhecidos. Assim, conforme Hartley<sup>45</sup> (*apud* GODOY, 2006, p. 120), o estudo de caso

[...] consiste de uma investigação detalhada, freqüentemente com dados coletados durante um período de tempo, de uma ou mais organizações, ou grupos dentro das organizações, visando prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo.

Através da análise e identificação das forças históricas, das pressões contextuais e da dinâmica de vários grupos em relação aos processos de mudança, rastreamos os processos de mudança (HARTLEY, 1994 *apud* GODOY, 2006, p. 121) produzidos com a introdução de valores e signos diversos daqueles que preponderaram como padrões culturais por um longo período de tempo em Santana do Livramento.

Na condição de pesquisador, assumimos o fato de que, na ida a campo, estivemos acompanhados de pressupostos, conceitos e noções prévias que estiveram presentes na forma de perceber, observar e coletar os dados. Por mais que tentássemos perceber o significado

---

<sup>45</sup> HARTLEY, Jean F. Case Studies in Organizational Research. In: CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian. **Qualitative Methods in organizational research: a practical guide**. UK, SAGE Publications Ltd, 1994. cap. 12, p. 208-229

expresso pelos atores sociais, não foi possível desconsiderar nossos paradigmas e crenças durante a captação das informações, dos dados.

O estudo de caso foi qualitativo no qual, conforme Stake (2005), buscamos os significados, relacionando-os a contextos e experiências, considerando-se o caso como uma entidade complexa, locada sob diversos contextos, como histórico, físico, social, econômico, ético ou estético.

Na classificação de Stake (2005), estamos diante de um estudo de caso intrínseco, uma vez que o interesse foi de fato o caso, o entendimento de sua singularidade, sem a intenção de promover sua generalização, mas com o intuito de se aprender na singularidade, na complexidade de um caso único.

#### 4.2 COLETA DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para entendermos a produção das atividades econômicas desenvolvidas em Santana do Livramento, tornou-se relevante compreender o processo de expansão das fronteiras brasileiras do sul e, conseqüentemente, a atividade econômica que ali se desencadeou. Portanto, o processo histórico configurou-se como necessário, uma vez que nos permitiu uma análise processual. Tais dados foram coletados através da pesquisa bibliográfica que foi realizada durante todo estudo.

Por sua vez, o levantamento de dados relativo à pesquisa de campo, tendo por base a observação direta e as entrevistas em profundidade, foi realizado durante o mês de agosto de 2008. Entendemos que o período de permanência em Santana do Livramento foi suficiente para a realização dos objetivos propostos, o que foi possibilitado pela identificação e seleção prévias dos atores sociais envolvidos no setor vitivinícola santanense.

A observação foi incluída como técnica de coleta de dados, uma vez que é basilar para qualquer que seja o método de pesquisa. Nesse sentido observamos tanto a atividade humana como o ambiente físico em que realizamos a pesquisa, conforme assinalam Angrosino e Pérez (2003). A observação auxiliou-nos a identificar as percepções dos diferentes atores sociais em relação à vitivinicultura enquanto alternativa de desenvolvimento, bem como destacar elementos que muito tem contribuído para melhor entender as mudanças

sociais geradas a partir da inserção de uma nova atividade produtiva na realidade local em estudo.

O acesso a reportagens veiculadas em jornais locais, a sítios especializados em vinhos e a legislação municipal também contribuiu para identificar os atores sociais envolvidos na vitivinicultura de Santana do Livramento. Além disso, este material contribuiu para a evidenciação de temáticas pertinentes à descrição do setor vitivinícola de Santana do Livramento e que, por isso, serviram de referência na concepção das questões abertas utilizadas durante as entrevistas em profundidade realizadas.

Para Haguette<sup>46</sup> (*apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 72), a entrevista “é um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Para a consecução do estudo, foram inicialmente estabelecidos contatos, por telefone e por e-mail, com os diversos atores. Este procedimento foi adotado para que os mesmos tomassem conhecimento da pesquisa que pretendíamos realizar, bem como para convidá-los a participar na construção do caso. Estes contatos permitiram a obtenção de dados preliminares capazes de indicar o caminho a ser trilhado no campo, além de permitir o agendamento prévio das entrevistas para posterior inserção em campo. Avaliamos que este procedimento foi uma tentativa empática de aproximação evitando que o dia de inserção em campo fosse o primeiro contato rompendo barreiras que pudessem prejudicar o andamento das entrevistas em profundidade. De acordo com Rapley (2004), entrevistas em profundidade são a interação entre entrevistador e entrevistado, analisando elementos biográficos, contextuais, históricos e institucionais que apareçam.

Apoiado em entrevistas abertas e em profundidade, realizadas a partir de um núcleo de questões orientadoras (Apêndice A), pretendemos analisar o setor vitivinícola da cidade de Santana do Livramento a partir das interações produzidas pelos atores nele envolvidos enquanto agentes produtores de desenvolvimento. Para tanto, realizamos as nove entrevistas a seguir:

- Presidente da ASPROUVA - Associação dos Produtores de Uvas de Santana do Livramento;
- Sócio do empreendimento Vitícola Cerros Verdes e Associado da ASPROUVA;
- Gestor operacional da Vinícola Almadén<sup>47</sup>;

---

<sup>46</sup> HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>47</sup> No decorrer da dissertação, simplificamos e adotamos a expressão gestor operacional da Almadén.

- Gestor operacional da Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda<sup>48</sup>;
- Sócia-gestora e enóloga da Vinícola Cordilheira de Santana<sup>49</sup>;
- Viticultor-proprietário da Cave Don Gabriel;
- Engenheiro Agrônomo da Secretaria Municipal da Agricultura de Santana do Livramento;
- Sócios da Vallagarina Viveiro de Mudanças; e
- Assentado da Reforma Agrária.

Cabe destacar que, por questões éticas, na fase preparatória à realização de cada entrevista, os entrevistados foram cientificados sobre a pesquisa que estava sendo realizada, tendo os mesmos autorizado o uso das informações para fins acadêmicos, de acordo com o modelo do termo de consentimento informado apresentado no Apêndice B. As entrevistas tiveram uma duração aproximada de uma hora e foram gravadas com a autorização dos entrevistados, sendo posteriormente transcritas. A maioria das entrevistas foi realizada pessoalmente, no local de trabalho de cada entrevistado. A entrevista realizada com os representantes da Vallagarina Viveiro de Mudanças foi realizada em um restaurante, após reunião da ASPROUVA, e a entrevista realizada com o viticultor-proprietário da Cave Don Gabriel precisou ser feita por telefone, tendo em vista a impossibilidade de realizá-la durante a viagem de coleta de dados. Então, à exceção desta entrevista, todas as demais foram realizadas em Santana do Livramento.

É importante destacarmos que, apesar de não se constituir na única fonte de dados, as entrevistas tiveram papel preponderante na realização deste estudo. Durante a realização destas, verificamos que a presença da atividade vitivinícola nas cidades próximas à Santana do Livramento foi referenciada por diversas vezes. Dessa maneira, consideramos oportuno acrescentar ao estudo alguns dados sobre esta realidade, a fim de evidenciar ao leitor a dinâmica que ocorre na Metade Sul do Rio Grande do Sul.

Para tanto, subsidiariamente nos utilizamos de dados obtidos em material impresso ou material disponível em sítios da rede mundial de computadores e encaminhamos questionários abertos para atores sociais localizados em Municípios que circundam Santana do Livramento, tais como: Vinhos Rio Velho – Vinícola estabelecida na cidade de Rosário do Sul; Estância Guatambu, estabelecida na cidade de Dom Pedrito; Vinícola Peruzzo – estabelecida em Bagé; Vinoeste – Cooperativa Vitivinícola Uruguaiana Ltda; Terrasul Vinhos

---

<sup>48</sup> No decorrer da dissertação, simplificamos e adotamos as expressões gestor operacional da Aliança.

<sup>49</sup> No decorrer da dissertação, simplificamos e adotamos as expressões sócia-gestora da Cordilheira de Santana.

Finos Ltda, localizada em Pinheiro Machado e Vinícola Miolo – empreendimento Fortaleza do Seival – estabelecido em Candiota. Os referidos questionários foram encaminhados aos representantes dos empreendimentos citados na primeira semana de setembro de 2008. O Apêndice C contém as questões encaminhadas aos seis representantes, dentre os quais quatro encaminharam respostas. Os dados gerados foram utilizados para enriquecer a categoria temática denominada “a expansão da vitivinicultura na Metade Sul: realidade para além de Santana do Livramento”

Durante a realização do estudo foram identificadas como diretamente envolvidas na atividade vitivinícola santanense: as vinícolas, os viticultores, a Associação dos Produtores de Uvas de Santana do Livramento (ASPROUVA), a Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS), a Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos (COPTec), a Prefeitura Municipal de Santana do Livramento mediante a Secretaria Municipal da Agricultura, viveiros de mudas, a Universidade Federal do Pampa, dentre outros. Todavia, conhecedores desta gama de atores envolvidos e utilizando-nos do referencial sugerido por Buarque (1999), centramos o estudo no desenvolvimento promovido pela interação de dois grupos de atores sociais: as vinícolas e os viticultores. De fato, esta delimitação foi necessária para viabilizar a realização da coleta de dados, uma vez que não contamos com apoio de equipe de pesquisa. Assim, tratamos em aprofundar a abordagem no papel de promoção do desenvolvimento pelas vinícolas e viticultores atuantes no município. Para tanto, foram consideradas as vinícolas Almadén, a Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda, a Vinícola Cordilheira de Santana, a Cave Don Gabriel, a Associação de Produtores de Uva de Santana do Livramento, representada pelo seu presidente, e por um viticultor-enólogo associado, bem como a perspectiva dos viticultores assentados na cidade pelo INCRA.

Reconhecemos que a atividade vitivinícola poderia ter sido abordada considerando-se outros olhares, como o de órgãos governamentais de diferentes hierarquias, de instituições setoriais, dos funcionários das vinícolas, dentre outras possibilidades. No entanto, optamos por abordar apenas estes dois segmentos de atores sociais porque a atividade foi socializada, em Santana do Livramento, pelas vinícolas, e porque os viticultores surgem como resultado da interação daquelas vinícolas com o espaço social, seja mediante um processo de aprendizagem, seja pela atração destes em função dos resultados obtidos pelas vinícolas, motivando a migração de interessados na viticultura.

### 4.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Dada a caracterização qualitativa do estudo de caso, utilizamos para a análise dos dados, tanto a descrição, quanto a análise de conteúdo.

Segundo Bardin (1977, p. 31), “a análise do conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. A autora defende que o analista é visto como um arqueólogo, trabalhando com vestígios, ou seja, com os documentos que pôde descobrir ou suscitar (BARDIN, 1977).

Nesse sentido, durante a análise, foram utilizados tanto documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade (tudo o que é comunicação), como documentos suscitados pelas necessidades de estudo (por exemplo: respostas a questionários e questões de entrevistas) (BARDIN, 1977). Dentre os documentos gerados espontaneamente, podemos descrever os sítios dos atores sociais envolvidos disponibilizados na rede mundial de computadores e reportagens veiculadas em diferentes mídias, seja em papel ou meio digital. Já, dentre os documentos suscitados foram utilizados os dados gerados nas entrevistas em profundidade, em conversas informais e observação direta. De posse destes documentos, para darmos conta de nossos objetivos específicos, realizamos categorização que contemplasse a descrição do setor vitivinícola de Santana do Livramento, a identificação de peculiaridades das relações estabelecidas entre os atores envolvidos na vitivinicultura e seus possíveis impactos sobre o desenvolvimento do município, além de identificar as possibilidades de cooperação entre o município de Santana do Livramento e a intendência uruguaia de Rivera.

Segundo Bardin (1977, p. 117),

a categorização, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro, no caso de análise de conteúdo), sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

Em relação à definição das categorias ou rubricas resultantes do processo de categorização, a autora define que os critérios podem ser:

- semânticos (por temas);
- sintáticos (os verbos, os adjetivos);
- léxico (classificação das palavras segundo seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos); e

- expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).

No estudo realizado, optamos por adotar as categorias de análise a partir do critério semântico. Assim, para além do aspecto descritivo, concentrado no título “Trajetória dos atores sociais”, a análise foi realizada a partir das seguintes categorias:

- Investimento em estrutura para vinificação;
- Rivera e Livramento: duas cidades, uma única realidade? ;
- Desenvolvimento e Vitivinicultura: geração de empregos;
- Enoturismo: realidade vivida ou de papel? ;
- As dificuldades do setor vitivinícola Santanense;
- A cidade e o movimento em Defesa da Uva e do Vinho Nacional;
- Relações estabelecidas entre os atores: vinícolas e viticultores-autônomos, e
- A expansão da vitivinicultura na Metade Sul: realidades para além de Santana do Livramento.

Optamos pela utilização deste critério, uma vez que é simples e rápida e eficaz na condição de se aplicar aos discursos diretos (significação manifesta) (BARDIN, 1977).

Por fim, ressaltamos que o processo de identificação das categorias com base no critério semântico, articulou-se pelos seguintes princípios sugeridos por Bardin (1977): exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade. Pela exclusão mútua a autora entende que cada categoria deve apresentar apenas um elemento; pela homogeneidade, entende que as categorias devem ser definidas por um único princípio de organização; pela pertinência, entende que as categorias devem refletir as intenções da investigação; pela objetividade, entende que cada categoria deve ter em si a definição clara de sua composição; por fim, pela produtividade, entende que as categorias devem ser férteis quanto aos resultados encontrados.

Acreditamos ter atentado a estes princípios porque o conteúdo de cada categoria não é retomado nas seguintes (exclusão mútua); porque os dados utilizados em sua constituição foram preponderantemente originados nas entrevistas em profundidade (homogeneidade); porque o conteúdo de cada categoria buscou atender aos objetivos propostos contendo particularidades, peculiaridades e impactos em relação a proposta deste estudo (pertinência); porque a concepção das categorias buscou deixar claro o seu conteúdo (objetividade); e, por fim, porque acreditamos que as referidas categorias temáticas foram férteis revelando nuances capazes de atentar aos objetivos deste estudo (produtividade).



## 5 RESULTADOS DO ESTUDO

Conforme já referido no capítulo anterior, delimitamos o estudo especialmente à percepção dos vinicultores e viticultores de Santana do Livramento. À primeira vista, o exercício destas duas atividades deveria se articular em caráter de complementaridade, sendo o viticultor fornecedor de matéria-prima para as vinícolas. Mas não foi esta a realidade encontrada em Santana do Livramento, tal como buscamos demonstrar ao longo da análise e na descrição apresentada, a seguir, nisto que definimos pela trajetória dos atores sociais.

Além disso, no desenrolar do capítulo, apresentamos as categorias advindas da análise de conteúdo dos materiais obtidos ao longo da pesquisa: investimento em viticultura para vinificação; Rivera e Livramento: duas cidades, uma única realidade?; desenvolvimento e vitivinicultura: geração de empregos; enoturismo: realidade vivida ou de papel?; as dificuldades do setor vitivinícola santanense; a cidade e o movimento em defesa da uva e do vinho nacional; relações estabelecidas entre os atores: vinícolas e viticultores-autônomos; a expansão da vitivinicultura na Metade Sul: realidade para além de Santana do Livramento.

Após a apresentação das categorias temáticas mencionadas, realizamos algumas análises e reflexões acerca do desenvolvimento e do município.

### 5.1 A TRAJETÓRIA DOS ATORES SOCIAIS

Relatar as histórias dos atores sociais, descrever suas atividades e como estas são realizadas no espaço social é essencial para analisarmos o papel de cada ator social no setor vitivinícola e entendê-lo como um processo de desenvolvimento tramado pela interação social. Portanto, a seguir apresentaremos a Vinícola Almáden, a Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda., a Vinícola Cordilheira de Santana, a Cave Don Gabriel, a Associação dos Produtores de Uva de Santana do Livramento e a vitivinicultura nos assentamentos do Inbra.

### 5.1.1 Vinícola Almadén

Em 1974, a estrutura organizacional da Vinícola Almadén foi instalada inicialmente em Bagé, onde a atividade vitícola foi iniciada com a criação de mudas para a implantação do que viria a ser o maior parreiral de uvas viníferas da América Latina. Não conseguindo área com a extensão de terras necessária para a implantação integral do projeto de vinhos finos no Brasil, a *National Distiller* instalou-se na cidade vizinha – Santana do Livramento – onde encontrou duas fazendas contíguas que estavam à venda e totalizavam 1.200 hectares.

Não sei por que questão, se preço, o que era. Então acharam [a *National Distiller*] essas duas propriedades aqui, que fazem esses 1.200 hectares, que hoje tem aqui a *Pernod*, e acabaram vindo pra cá dois anos depois, em 1976. Iniciou em 1974, em Bagé, com a criação de mudas, e aí depois, em 76, acabou vindo pra cá [Santana do Livramento] com a compra da área e trouxe todo o projeto pra cá (Gestor Operacional da Almadén).

A realização do empreendimento vitivinícola, baseado em estudos já mencionados, apostou no caráter científico da indicação do local como uma região favorável ao plantio de uvas para a produção de vinhos finos, ficando evidente que a escolha da Campanha Gaúcha pela então investidora – *National Distiller* – ocorria mediante a seleção do lugar pelas vantagens edafoclimáticas oferecidas naturalmente pelo local e combinadas com a disponibilidade de terras e preços baixos em relação às regiões tradicionalmente produtoras de uvas. Resultado da ação global referida por Vieira e Vieira (2003), o projeto vitivinícola da multinacional apresentou os primeiros resultados dos varietais em 1983, ou seja, nove anos após o início do empreendimento.

A implantação da Almadén esteve embasada no cenário proibitivo que vigia no Brasil em relação à importação de produtos de todos os gêneros antes da abertura comercial promovida em fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, tendo em vista as elevadas taxas de importação.

Os investimentos iniciais tiveram seu foco voltado para o cultivo do parreiral, o que leva, em média, de quatro a cinco anos para a obtenção da primeira safra. A infra-estrutura necessária ao processo de vinificação foi inteiramente provida, assegurando os meios para sua efetivação *in locus*, ou seja, as instalações da vinícola abarcaram a integralidade do processo, desde a produção da matéria-prima ao produto final. Conforme Costa (2005, p. 93, grifo

nosso), “a vinícola está localizada no paralelo 31°, sendo que possui 1.200 hectares de terras próprios, o maior da América Latina, **totalmente auto-suficiente**”.

Atualmente, a vinícola pertencente ao Grupo Francês *Pernod Ricard*, conta com uma área plantada de 620 hectares de vinhedos que vêm sendo renovados desde 2005. Em 2007, a produção de 11,5 toneladas por hectare produtivo totalizou o montante de 5.544.910,00 kg (2.650.600,00 kg de uvas tintas e 2.894.310,00 kg de uvas brancas) dos quais 858.430 kg foram comercializados na forma de excedentes (ALMADÉN, 2007). Esta produção contribui para a geração de empregos locais. De acordo com o gestor operacional da Almadén, entre parreiral e vinícola estão empregadas 135 pessoas por doze meses, e outras 130 nos meses de safra, ou seja, durante um mês e meio, podendo estender-se até dois meses ao ano.

A atividade agroindustrial que surgiu em Santana do Livramento a partir da instalação da Almadén reverteu a estrutura da matriz produtiva do município, o que sugere, conforme Fischer (2006), a reorganização e reordenação do espaço historicamente construído. Ou seja, de acordo com Vieira e Viera (2003), Santana do Livramento configura-se como lugar-global, como espaço da estratégia mundial das grandes corporações multinacionais estabelecendo redefinições territoriais. A socialização da nova atividade produtiva passa, então, a alterar o que Vieira e Vieira (2003) definem como lugar-local e Frémont (1980) entende como espaço vivido. A iniciativa aplicada sobre o espaço-terrestre por uma empresa estrangeira propôs um novo ambiente de inter-relações principalmente econômica, trazendo para Santana do Livramento a relação de produção industrial imprimindo a esta uma nova dinâmica. Trata-se de uma ação empreendedora que, conforme Dias *et al.* (2006), é um processo dinâmico pelo qual se pode criar e gerar riquezas.

Conforme ressaltado anteriormente, a aposta de investimento da multinacional embasou-se em critérios científicos:

Ao contrário da Serra [Gaúcha], que foi formada por uma questão cultural de imigração, aqui [em Santana do Livramento] foi uma questão científica, embasada em um estudo científico, encomendado com técnicos norte-americanos e brasileiros. Então não era aventura, nem uma questão cultural, era uma questão científica, mas mesmo assim pra população gera um certo: mas o que é isso? Trazer parreira pra cá? A gente cria gado aqui, arroz alguma coisa! Gera uma certa resistência, uma desconfiança que aos poucos vai se dissipando vendo a coisa dá certo e vendo principalmente os frutos que rende, mesmo que indiretamente pra quem não está envolvido no processo e acaba tendo esse reflexo. (Gestor Operacional da Almadén).

Socializar uma nova atividade produtiva foi o maior desafio enfrentado pela empresa, uma vez que houve desconfiança quanto à viabilidade do empreendimento, não somente de

parte das pessoas da zona de fronteira, mas também do próprio setor, acostumado às restritas áreas de produção até então cultivadas no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil. Pelo relato do gerente operacional da unidade, constatamos que foi necessário convencer as pessoas de que o empreendimento seria positivo para o município, além de trazer pessoas para trabalhar com a produção. O referido gestor frisou que tanto o pessoal técnico como as tecnologias do processo enológico “*foram trazidos de fora*” para a cidade. Para as demais atividades, a empresa contou com pessoas de Santana do Livramento, as quais precisaram de treinamento:

A mão-de-obra? Não existia uma mão-de-obra, teve que ser toda ela treinada, hoje já existe bastante gente acostumada à cultura da uva e à fabricação. Na época não tinha nada, não se fazia, então foi uma dificuldade sim que eles [os primeiros técnicos da Almadén na cidade] também enfrentaram (Gestor Operacional da Almadén).

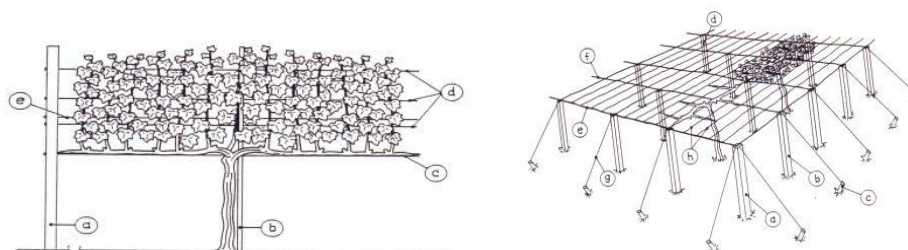
Segundo Marras (2001, p. 145), o “treinamento é um processo de assimilação cultural a curto prazo, que objetiva repassar ou reciclar conhecimento, habilidades ou atitudes relacionadas diretamente à execução de tarefas ou à sua otimização no trabalho”. A partir dele, surgiu uma nova opção de trabalho e, com a atividade, uma nova figura, a do viticultor. No entanto, cabe frisar que a tipologia deste viticultor é a de um viticultor<sup>50</sup>-empregado, situação em que a empresa detém todos os recursos de produção, cabendo ao empregado apenas o aprendizado da atividade vitícola transmitida pela empresa mediante treinamentos de pessoal. Tal relação permite que o empregado venda sua força de trabalho, gerando renda e conseqüente melhoria nas condições de vida de uma população que, ano após ano, abandona a cidade à procura de oportunidades de trabalho. O modelo organizacional em análise privilegiou a mínima dependência da empresa em relação a recursos externos, o que pode ser explicado pelo pioneirismo do investimento na Região da Campanha Gaúcha, não existindo no município ou arredores possíveis fornecedores ou prestadores de serviços necessários para o desenvolvimento diferenciado da atividade. Ou seja, mesmo que houvesse a intenção de não ser auto-suficiente nos processos, não havia factibilidade, uma vez que não havia produtores independentes de uvas, dispostos a vendê-las, e também porque convencer as pessoas a produzirem uva em uma região onde esse cultivo era estranho demandaria muito tempo e

---

<sup>50</sup> Fabíola Sostmeyer Polita (2006) elaborou em sua dissertação de mestrado em desenvolvimento uma tipologia de viticultores presentes no Vale dos Vinhedos, primeira região brasileira a conquistar a Indicação de Procedência na produção de vinhos. O estudo intitulado “O Processo de desenvolvimento do Vale dos Vinhedos (Bento Gonçalves-RS)” apresenta tipologia a partir da relação do viticultor com a terra, com as uvas produzidas e de sua relação com os compradores. Utilizamos o mesmo raciocínio e construímos uma tipologia própria para a realidade de Santana do Livramento.

talvez não lograsse êxito. Somente após os primeiros resultados terem sido atingidos pela Almadén é que a atividade passou a despertar o interesse de outros atores.

Em termos produtivos, a Almadén implantou em seus parreirais a produção de uvas em espaldeira, forma de organização da produção que prima pela circulação de ar junto à fruta, evitando a formação de micro-climas que causam o apodrecimento das uvas, além de priorizar a insolação dos cachos e o favorecimento, a ela devido, à produção natural de açúcares e álcoois. Em contrapartida, o cultivo em espaldeira gera uma quantidade menor em termos de produção. Segundo Rosa (2007), esse tipo de produção diminui a produtividade do parreiral por hectare, mas incrementa a qualidade da uva colhida. Portanto, a utilização desta técnica constituiu um diferencial em relação à produção de uvas da Serra Gaúcha que, tradicionalmente, cultiva suas videiras na forma de latada<sup>51</sup>.



**Figura 4: Sistemas de condução da videira: em espaldeira com poda mista e em latada, respectivamente**  
**Fonte:** Brasil, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2008a.

### 5.1.2 Cooperativa Viti-Vinícola Aliança

No momento em que a Vinícola Almadén lançava seus primeiros vinhos no mercado, um segundo empreendimento agroindustrial vitivinícola veio a instalar-se em Santana do Livramento. Trata-se do Grupo Japonês Hombo, que instalou no município a Vinícola Livramento Ltda., em 1983. A propriedade adquirida pelo Grupo foi a Fazenda Santo Antônio, com área total de 400 hectares, dos quais 70 foram destinados aos varietais de uvas *vitis viniferas*. Os vinhos produzidos pelo Grupo foram vendidos sob as marcas Santa Colina e Cerro da Cruz.

<sup>51</sup> A latada é o sistema de condução de produção de uva mais comum no Brasil. Trata-se de um sistema onde as plantas unem seus galhos e a plantação parece um conjunto de latas. Nesse sistema, o crescimento vegetativo das plantas reduz a insolação sobre os cachos da fruta (ROSA, 2007).

No ano 2005, cessou o interesse dos investidores na vinícola localizada na Metade Sul, o que veio ao encontro dos interesses da Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda., produtora de vinhos desde 1931, em Caxias do Sul, cidade berço da imigração italiana no Estado. A cooperativa surgiu numa época em que o cenário vinícola gaúcho estava praticamente monopolizado, já que apenas duas vinícolas centralizavam a produção de vinhos e derivados e ditavam os rumos do setor. Uma delas, a Cooperativa Viti-Vinícola Rio-grandense, por exemplo, elaborava 80% do vinho gaúcho (CRISE, 2006).

A expansão das atividades vitícolas da Cooperativa Viti-Vinícola Aliança para além da Serra Gaúcha iniciou-se em Encruzilhada do Sul, no Vale do Rio Pardo, no ano 2000, com a aquisição de 35 hectares de vinhedos. Tendo o intuito de vinificar em Encruzilhada do Sul, a Cooperativa soube da intenção de venda da Vinícola Livramento Ltda., localizada em Santana do Livramento, e passou então, a avaliar a possibilidade de ali investir (LONA, 2006).

A aquisição da Vinícola Livramento Ltda. pela Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda. reforçou a atividade em Santana do Livramento e constituiu-se em uma resposta de tradicionais produtores gaúchos ao cenário competitivo da indústria vitivinícola. Paralela à transnacionalização de empresas do setor, que buscaram o novo mundo para investimentos, as indústrias nacionais também investiram na expansão de seus domínios para áreas localizadas na Metade Sul, com a finalidade de assegurar presença no mercado e buscar competitividade. Segundo Alceu Dalle Molle, presidente da Cooperativa na época de aquisição da Vinícola Livramento Ltda. pela Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda., um dos pontos fracos da Cooperativa era a falta de padrão na produção de vinhos finos, o que viria a ser viabilizado pela criação e manutenção de três *terroirs*<sup>52</sup> - Serra Gaúcha, Campanha e Serra do Sudeste (LONA, 2006).

De acordo com o atual gerente operacional da unidade da Cooperativa em Santana do Livramento, a vinícola destinou a planta industrial da Campanha Gaúcha para a produção de vinhos finos, ficando a atividade na Serra Gaúcha reservada ao vinho de mesa e à fabricação de sucos. “Nós [a Cooperativa] trabalhamos na área de vinhos finos aqui em Livramento. Nós dividimos vinhos finos, dentro da empresa, para Santana do Livramento, e vinhos de mesa e sucos para Caxias do Sul” (Gestor Operacional da Aliança em Santana do Livramento).

---

<sup>52</sup> A idéia de *Terroir* é francesa e “significa o pacote completo de condições de cultivo que são específicas de um vinhedo ou local e que, em combinação, influencia o estilo e a qualidade do vinho que pode ser produzido lá. *Terroir* engloba topografia (altitude, inclinação e orientação), clima (temperatura, sol e chuva), solo, subsolo e leito rochoso. Para os franceses, *terroir* é um artigo de fé [...]” (SIMON, 2003, p. 113).

A atividade vitivinícola desenvolvida na Região da Campanha abrange a produção de uvas e vinificação no interior da estrutura organizacional, gerando emprego fixo para 21 pessoas e 15 postos de trabalho temporário em época de safra, isto é, no período de janeiro a março de cada ano. Estes trabalhadores também estão entre aqueles que podemos chamar de viticultores-empregados.

No entanto, cabe destacar que a referida Vinícola encontra-se estruturada sob a forma de Cooperativa, sendo os mais de duzentos associados entendidos como viticultores-cooperados já que não vendem sua força de trabalho, mas sim sua produção. Essa forma de estruturação assegura ao produtor a compra de suas uvas, independentemente do estoque existente na Cooperativa. O Gesto operacional da Aliança no município explica:

Que nem nós como cooperativa, nós temos que pensar em ter produto diferenciado, mas assim, com custo mais baixo, nós temos que vender. Por quê? No ano seguinte, nós somos obrigados a receber a produção dos associados. Nós não podemos deixar a empresa com os estoques lá em cima pro próximo ano e quando é janeiro e fevereiro nós não podemos estar com os estoques cheios. Então nós temos que fazer produtos, como te falei antes, com qualidade e competitivos pra poder vender no mercado. Nós não podemos parar no tempo. Uma empresa privada que tem lá um volume de 100.000 litros, ela pode muito bem, chegar no fim do ano, estar com estoque cheio, e decidir que naquele ano não vai querer uva! Ela se reserva o direito de dizer que não quer uva e pronto. Entendeu, não vou comprar uva esse ano. Estou com estoque cheio ainda. As cooperativas (pausa) as cooperativas não são assim! Tu és obrigado a receber uva do associado. Quando será pago? Não sei! Tu és obrigado a receber. Então, por isso, a gente copia de empresas, a gente copia o que é bom dessas empresas, qualidade, alguma coisa tecnológica que eles estão usando e está dando certo. Isso aí acho que todas as empresas procuram fazer.

Segundo o entrevistado, para fazer face ao mercado, a Cooperativa precisa se atualizar e concorrer por fatias cada vez maiores neste mercado. Tal expansão garante aos associados a colocação de sua produção. No caso da cooperativa em relação aos seus cooperados, não há venda de força de trabalho, mas de um produto, sendo o produtor o proprietário de sua mais-valia, caso viéssemos a analisar a relação de produção sob uma ótica marxista. De acordo com Filisbino (2007), as sociedades cooperativas resultam numa organização peculiar, que se afirma como empresa econômica subordinada a regras doutrinárias de conteúdo ético, sendo que, antes de estar voltada ao mercado, está voltada aos seus associados.

Esse tipo de compromisso assegura aos viticultores-cooperados da Serra Gaúcha a venda de sua produção para a elaboração de vinhos na Campanha. Ou seja, apesar da produção na Campanha não ser suficiente para a elaboração de produtos vinícolas daquela

unidade, a Cooperativa não adquire uvas dos produtores de Santana do Livramento ou mesmo arredores. As uvas são trazidas da região serrana do Estado, conforme demonstrado:

Pesquisador: Todas as uvas que vocês utilizam no processo produtivo são produzidas aqui?

Gestor Operacional Aliança/Santana do Livramento: Não, não! Para vinhos finos, nós produzimos aqui em torno de 45% das uvas finas. É produzido por nós, dentro da empresa. E 55% vem de associados. Esses associados estão produzindo uvas em outras cidades [localizadas na Serra Gaúcha], e a uva é trazida pra cá.

Pesquisador: Vocês trazem uvas para Santana do Livramento?

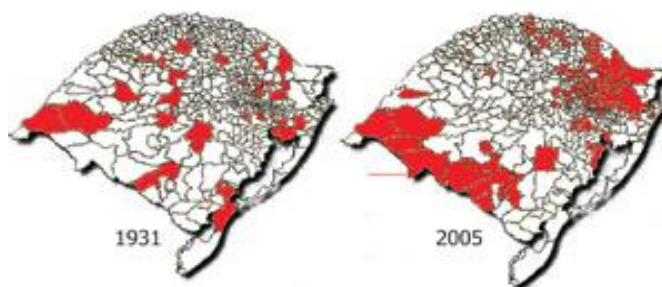
Gestor Operacional Aliança/Santana do Livramento: Dos associados (enfático), entendeu!

Pesquisador: O restante é produzido dentro aqui da propriedade?

Gestor Operacional Aliança/Santana do Livramento: Exatamente! Então 45% nossa e 55% do próprio associado! Então tu me perguntas assim: não era mais fácil comprar do próprio produtor aqui em Livramento? Mas é que o associado já era associado antes! E ele produz a uva e ela é trazida pra cá. Como te falei antes, a gente definiu vinhos finos e espumantes em Livramento, sucos de uva e vinhos de mesa em Caxias do Sul.

Segundo o gestor operacional da Aliança em Santana do Livramento, a Cooperativa pensa em abrir o ato cooperado para viticultores do município quando a situação do setor vinícola melhorar. Atualmente, o setor vive um momento de retração e exige cautela.

O referido gestor ressaltou que, no início de sua atividade na fronteira, ainda em 1991, à época ligado ao Grupo Hombo, havia somente duas empresas em Santana do Livramento. Atualmente, além da Almadén e da antiga Vinícola Livramento Ltda., atual Cooperativa Viti-Vinícola Aliança, há a Cordilheira de Santana em atividade e a Cave Don Gabriel sendo regularizada, além de existirem muitos produtores independentes. O gestor operacional da unidade justifica que estes estão plantando porque perceberam a oportunidade que a viticultura representa, aliada à reconhecida qualidade dos produtos vitivinícolas oriundos desta Região, o que justifica os sucessivos investimentos realizados por outras vinícolas e produtores na Metade Sul do Estado e na região fronteira, conforme pode ser verificado nos mapas a seguir:



**Figura 5: Áreas vitícolas do Rio Grande do Sul, comparativo entre 1931 e 2005**  
Fonte: LONA, 2006.



Por fim, o gestor operacional e também enólogo da Aliança frisa que os projetos desenvolvidos pela Almadén e pelo Grupo Hombro foram determinantes para a expansão da atividade vinícola:

Eu acho assim, principalmente, a Almadén que se instalou em Livramento foi por causa de pesquisas feitas na época né, e começou um projeto muito grande. Depois disso, logo, eu acho uns seis, sete anos após a Almadén se instalar aqui, veio um grupo japonês que é essa empresa onde trabalhamos hoje. Esses dois foram os principais investimentos de porte que começaram aqui em Livramento e fizeram com que depois outras empresas olhassem com outros olhos essa região. Viram do poder de desenvolvimento dessas duas empresas e as outras empresas vieram pra cá também! (Gestor Operacional da Aliança/ Santana do Livramento).

### 5.1.3 Cordilheira de Santana

A Vinícola Cordilheira de Santana localiza-se na região de Palomas, em Santana do Livramento. Este empreendimento foi totalmente financiado por recursos particulares e foi concebido para a produção de vinhos finos voltados para os mercados interno e externo.

O investimento foi realizado por dois profissionais com experiência anterior na atividade vinícola. Tanto a sócia-gestora quanto seu sócio foram colaboradores do Grupo *Pernod Ricard* do Brasil e se estabeleceram em Santana do Livramento por causa de suas carreiras. A sócia-gestora trabalhava na *National Distiller* do Brasil e conheceu seu sócio quando a Vinícola Almadén foi vendida para a *Seagram* do Brasil. Ambos continuaram trabalhando na Vinícola Almadén, mesmo quando esta foi revendida para o Grupo *Pernod Ricard*.

A idealização do investimento foi resultado da tentativa dos investidores de unir todas as qualidades possíveis em um vinho produzido no Brasil. A concretização da Cordilheira de Santana, segundo a sócia-gestora, é fruto da realização pessoal dos proprietários, e nos permite sugerir, conforme McClelland<sup>53</sup> (*apud* SANTOS, 2004), que a necessidade de realização induz ao comportamento empreendedor. Ambos sócios são enólogos e tiveram experiências anteriores em multinacionais. Como referido na entrevista, a escolha de Santana do Livramento para a implantação desse projeto baseou-se em estudos que apontavam a Região da Campanha Gaúcha como a melhor área para a produção de uvas viníferas, tendo

---

<sup>53</sup> McCLELLAND, D. C.. **Entrepreneurship and achievement motivation**. Paris UNESCO, 1971.

em vista o solo e o clima. A sócia-gestora justificou que outros municípios citados em estudos poderiam ter sido escolhidos. Entretanto, o fator determinante para a escolha de Santana do Livramento como sede para o investimento foram os laços já estabelecidos ao longo de suas vidas profissionais. O sócio trabalhou na Almadén até 2005, ano em que a Cordilheira de Santana lançou seus primeiros vinhos.

Atualmente, a referida vinícola possui 46 hectares de área total, dos quais 24 estão com videiras implantadas, gerando sete empregos diretos. Destes, três estão na condição de viticultores-empregados. As uvas produzidas são: *Cabernet Sauvignon*, *Merlot*, *Tannat*, *Chardonnay*, *Gewurztraminer e Sauvignon Blanc*<sup>54</sup>. A Vinícola projeta-se como uma Adega Regional de Vinhos Finos e tem capacidade de estocagem de 155.000 litros. Deste total, são envasados atualmente 80.000 litros. O principal mercado concentra-se na Região Sul do país e nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro (SEBRAE, 2008). Os vinhos são gerados a partir de uma base tecnológica de ponta, ou seja,

os equipamentos e tanques são de aço inoxidável, o sistema de refrigeração e remontagem dos vinhos é automático e computadorizado, o engarrafamento é feito com um monobloco enchedora/arrolhador, também totalmente construído em aço inoxidável e possui barris de carvalho e uma cave para envelhecimento e amadurecimento de seus vinhos (ABAGA, 2008).

Da mesma forma que as demais vinícolas aqui mencionadas, a forma de produção adotada privilegiou a concentração de todas as atividades no interior da empresa, ou seja, todo o processo desde a produção da uva até o engarrafamento é realizado em instalações próprias. De acordo com publicação da Associação Brasileira de Alta Gastronomia – ABAGA – os proprietários

[...] fizeram questão de controlar todas as fases de produção dos vinhos Cordilheira de Santana, desde a produção da uva, até ao seu engarrafamento, que acontece dentro da propriedade, sob seus atentos olhos com liberdade de decidir sobre o momento exato para colher as uvas, engarrafar o vinho ou qualquer outra parte do processo (ABAGA, 2008).

A vinícola participa da Rede *Wines from Brazil*, vinculada ao Instituto Brasileiro do Vinho/IBRAVIN, em conjunto com outras 34 vinícolas brasileiras. O intuito desse projeto é promover os vinhos brasileiros e fomentar a exportação mediante a participação em feiras e

---

<sup>54</sup> As diferentes variedades de uvas possibilitam a produção de vinhos diferenciados, proporcionando aos apreciadores diferentes sensações e aromas.

eventos internacionais do setor. Criada em passado recente, esta Vinícola já alcançou projeção no cenário nacional e internacional.

#### 5.1.4 Cave Don Gabriel

A iniciativa vinícola mais recente, que ainda encontra-se em fase de regularização junto às diversas instâncias governamentais, é a vinhos Cave Don Gabriel.

Segundo informações colhidas junto aos sócios da Vallagarina Viveiro de Mudas, a história deste investidor está relacionada à imigração italiana no Brasil. A família materna deste viticultor possui uma história de migração dentro do Rio Grande do Sul. Isto é, chegou a Bento Gonçalves, em 1875, depois migrou para região da Quarta Colônia, próximo à Santa Maria, de onde, na década de 1940, migrou para a região de Quaraí, com o intuito de plantar arroz.

Segundo sócio da Vallagarina Viveiro de Mudas,

Ele (o avô do proprietário) acabou vindo pra cá e se transformou num arroteiro, mas seu sonho era sempre ter uma produção de uva e vinho. E o neto, acabou ele comprando uma pequena propriedade e foi indo. Hoje ele tem belos vinhedos e esta produzindo mais. Esse ano ele esta implantando um novo vinhedo. De quê? De *Gewurztraminer*, que é uma uva de origem alemã.

Conforme relato do Presidente da ASPROUVA, este viticultor não conta com infraestrutura enológica em sua propriedade, mas obtém seus vinhos a partir da vinificação realizada na Serra Gaúcha. Trata-se de um investidor local que aprendeu a atividade por meio da contratação de consultoria técnica realizada junto a técnicos da área, duas vezes por semana, durante a implantação do parreiral. Segundo o proprietário da Cave Don Gabriel, não há como esperar por apoio de órgãos governamentais, mesmo aqueles destinados à prestação de assistência técnica. O viticultor-proprietário relatou que, inicialmente, achou a viticultura uma área bonita de atuação, mas tomando conhecimento da rentabilidade, sentiu-se motivado a ingressar num setor pelo qual, hoje, se declara apaixonado.

No caso da Cave Don Gabriel, todos os processos precisaram ser aprendidos pelo investidor, o que nos permite entender que ele é um empreendedor nato que buscou sua capacitação. Apesar de que, atualmente se considera que o empreendedorismo pode ser

ensinado e entendido por qualquer pessoa que seja capacitada para tal, ainda encontram-se aqueles que são empreendedores natos (DORNELAS, 2001).

Seguindo estes traços, o proprietário da Cave Don Gabriel adquiriu a propriedade para iniciar o cultivo da uva em 2002. Em 2003, houve a implantação dos parreirais. Atualmente, mesmo diante da crise pela qual passa o setor, o viticultor-proprietário considera que a atividade seja interessante economicamente, principalmente para a pequena propriedade familiar. Pelos idos de 2000, seria possível receber R\$ 30.000,00 por tonelada de uva produzida, hoje se recebe R\$ 11.000,00. Mesmo assim, acredita ser interessante para a produção familiar.

A propriedade da Cave Don Gabriel possui sete hectares que estão produzindo uvas, além dos outros seis hectares com expectativa de produção em 2013. Atualmente, a atividade emprega dois funcionários durante doze meses e um terceiro entre os meses de junho e março. Estes funcionários recebem remuneração mensal entre R\$ 550,00 e R\$ 650,00.

### **5.1.5 Associação dos Produtores de Uva de Santana do Livramento - ASPROUVA**

Para além das vinícolas instaladas em Santana do Livramento, houve a adesão de pequenos produtores à dinâmica da vitivinicultura. Constituindo-se como uma alternativa para a diversificação da propriedade para alguns - os pecuaristas e arroteiros investiram na produção de uvas - e numa alternativa para as pequenas propriedades, a viticultura apresentava boas perspectivas, principalmente durante a safra de 2000, quando os valores ofertados pela produção chegaram a patamares de R\$ 2,00 a R\$ 2,50 por quilo de uva (Sócio da Vallagarina Viveiro de Mudas).

Desde então, baseados na expectativa de ganhos futuros, outros interessados, face aos resultados já alcançados no local, passaram a investir na viticultura. Assim, a atividade começou a se expandir e, com isso, surgiram outros investimentos, dentre os quais os viveiros de mudas da Vitiplant e da Vallagarina, em 2000 e 2002, respectivamente.

Os produtores de uva, que podemos denominar de viticultores-autônomos para contrapor aos que se encontram na condição de viticultores-empregados, defrontaram-se com dificuldades de comercialização da produção desde o início de suas atividades, o que ocorre pela falta de um projeto político que os vincule às vinícolas. As vinícolas de Santana do

Livramento são auto-sustentáveis, pois produzem a matéria-prima de que necessitam. Portanto, não há um mercado local de consumo, o que gerou a necessidade de se encontrar público consumidor em vinícolas localizadas na Serra Gaúcha.

Após as dificuldades iniciais, características do tempo em que uma nova atividade é aprendida, a partir de uma ação integradora, foi constituída, em 2004, a Associação de Produtores de Uva de Santana do Livramento. Atualmente e desde a sua fundação, em 8 de agosto de 2004, a ASPROUVA é constituída por onze produtores que se reúnem na primeira terça-feira de cada mês. A idéia de associar-se surgiu daqueles produtores que detinham uma boa produção de uvas, porém não conseguiam vendê-la.

Segundo o Presidente da Associação,

[...] essa associação veio, digamos assim, para orientar, dar agilidade, e buscar melhores formas de comercialização dos produtos. Para o produtor, aquele que fica um pouco desligado, aquele que fica lá fora [na terra] só trabalhando na sua cultura, seja na uva, seja na vinificação dentro de suas pequenas propriedades. A nossa associação tem o intuito de apoiar aqueles pequenos produtores.

A idéia de reunir-se em uma associação revela-se como um instrumento básico por meio do qual as pessoas ou instituições buscam realizar seus objetivos comuns, e atuam conforme grupo de interesse que, em determinadas condições, se transformam em grupos políticos (GRAZIANO, 1997). Apesar de existir formalmente a intenção de uma reunião mensal, a participação dos associados se efetiva principalmente quando é proposta alguma atividade específica, como um curso ou seminário direcionado à atividade vitivinícola.

Questionado sobre o perfil dos associados e de que modo estes iniciaram as atividades ligadas à produção de uvas, o Presidente da Associação explica:

Bem, dentre os associados, a maioria são agricultores, empregados de empresas privadas que tem as suas propriedades individuais e também alguns comerciantes que resolveram diversificar as atividades. Aqueles que tinham pequenas propriedades e iniciaram na atividade da viticultura, que antes era um ótimo negócio, tomava-se como um ótimo negócio, como uma outra fonte de renda. Então eles, digamos, diversificando dentro das suas propriedades, com criação de animais, plantio de árvores frutíferas pra própria família, resolveram aproveitar outras áreas livres pra o plantio da uva.

O perfil do viticultor-autônomo corresponde a iniciativas de diversificação de atividades, quer dizer, não se trata de produtores que vivem exclusivamente da uva, mas de produtores que vislumbraram na viticultura a possibilidade de uma renda alternativa a outras atividades como a pecuária, a rizicultura, o emprego nas vinícolas ou mesmo o comércio.

Em relação a socialização da atividade, percebemos que a mesma ocorreu principalmente a partir de pessoas que se empregaram nas vinícolas e se orientaram para a produção própria da uva, assim como pelas consultorias que estes empregados, chamados de técnicos de campo pelo Gestor Operacional da Almadén, prestaram para pequenos produtores na cidade e em outros municípios da Metade Sul. A disseminação da atividade por esta via foi de suma importância, uma vez que a cultura da uva e do vinho carece de educação formal local contando apenas com algumas iniciativas por parte do poder público municipal. Então, as vinícolas e os profissionais por elas contratados foram e são de extrema importância na socialização da atividade no município.

No entanto, cabe destacar que uma parcela dos viticultores que desempenham suas atividades em Santana do Livramento é oriunda de outras regiões do Rio Grande do Sul, sobretudo da Serra Gaúcha. E estes, ao migrarem, já trouxeram consigo experiências vitícolas e enológicas, como foi o caso dos proprietários da área vitícola Cerros Verdes. Esta propriedade conta com cinco sócios, dos quais dois trabalham para a unidade santanense da Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda., sendo um natural de Sarandi/RS e o outro de Bauru/SP, além de um enólogo e de um comerciante de Bento Gonçalves/RS e de um enólogo natural de Cotiporã/RS. Dos cinco sócios, apenas um trabalha diretamente na propriedade e é auxiliado por três funcionários fixos no manejo do parreiral. O viticultor-proprietário relata que, em época de safra, chegam a trabalhar quarenta pessoas em um único dia, porque a colheita deve ser feita para encher um caminhão de uvas a serem transportadas para Bento Gonçalves, município em que ficam localizadas vinícolas que compram a produção da propriedade. Ainda segundo sócio-viticultor deste empreendimento, a colheita poderia ser realizada com mais tempo caso a uva pudesse ser vinificada em Santana do Livramento.

O empreendimento Cerros Verdes localiza-se em uma propriedade de 30 hectares, cujo investimento foi projetado a partir de anos de experiência no setor vinícola. O sócio-viticultor relata que antes de investir em parreiras, trabalhou durante doze anos com enologia, parte dos quais trabalhando na Almadén. Em 1996, ele e seus atuais sócios planejaram os parreirais; em 1999, adquiriram as terras e, em 2000, concretizaram a implantação dos mesmos.

### 5.1.5 A viticultura nos assentamentos do INCRA

O município de Santana do Livramento apresenta uma grande área de assentamentos<sup>55</sup> de colonos, empreendida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, ligado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário. Nestas áreas, as propriedades destinadas a cada família possuem de 24 a 30 hectares, onde prevalece o cultivo agrícola para a subsistência, conforme relata assentado da reforma agrária. No entanto, há excedentes que são disponibilizados ao mercado. No caso da uva, entretanto, os assentados que iniciaram investimentos no setor acabam por não encontrar interessados na compra da sua produção. De acordo com o assentado, o fato de a produção ser pequena, a distância dos centros de compra, a falta de infra-estrutura rodoviária, a descontinuidade de programas governamentais e a atual situação do setor vitivinícola mostram-se desfavoráveis ao incremento da viticultura nesses assentamentos.

Segundo o assentado, na gestão municipal 2000/2004, houve incentivo à produção de uvas viníferas nos assentamentos, medida não efetivada com a mesma intensidade na gestão 2004/2008. É possível explicar essa percepção, porque durante o primeiro período houve o envolvimento da Embrapa na oferta de cursos para os produtores que estavam interessados em implantar videiras viníferas. Esse posicionamento é confirmado pelo relato do viticultor-proprietário da Cave Don Gabriel, que acredita que na última gestão municipal foi priorizada a cadeia leiteira estabelecida no município.

Conforme dados da Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos/COPTEC divulgados no Seminário sobre a Fruticultura enquanto alternativa viável em assentamentos da Metade Sul do Estado, em Santana do Livramento, onze famílias destinam oito hectares para o cultivo de uvas viníferas e sua produção alcança 16 toneladas dos cultivares *cabernet sauvignon*, *merlot* e *tannat*.

Na ocasião do Seminário, em março de 2008, os técnicos da COPTEC esclareceram que tanto as viníferas, quanto as frutas de mesa produzidas pelos agricultores assentados não são de fácil comercialização. Isso ocorre em função da concorrência com frutas uruguaias, pela distância dos mercados consumidores e pela falta de possibilidade de beneficiamento na cidade. Dessa maneira, grande parte da produção deteriora-se nos pomares e a rentabilidade

---

<sup>55</sup> De acordo com Chelotti (2008), Santana do Livramento conta com 23 assentamentos, totalizando 20.609 hectares.

que a fruticultura (incluído a viticultura) poderia gerar acaba não ocorrendo. Dessa forma, a agroindústria apresenta-se como uma solução para estes problemas (COPTEC, 2008).

Segundo Auri Roque Turra, produtor de uvas viníferas do assentamento Cerro do Munhoz, primeiro assentamento de Santana do Livramento, o conhecimento é necessário para o desenvolvimento de qualquer atividade frutícola, inclusive para a viticultura (CONVÊNIO INCRA-FAPEG-EMBRAPA, 2007). Nesse sentido, o assentado entrevistado afirma que o acompanhamento técnico torna-se uma das principais necessidades para que o assentado consiga colher frutos que atendam as exigências dos possíveis compradores. Tais dificuldades foram confirmadas pelo proprietário da Cave Don Gabriel que, durante sua entrevista, posicionou-se afirmando que há falta de políticas adequadas para o pequeno produtor, seja ele proveniente de assentamentos ou não, motivo que o levou a recorrer à contratação de consultores que o auxiliaram no início de seu empreendimento.

No caso dos assentamentos, a assistência deveria ser priorizada, tendo em vista os seguintes fatores apontados pelo assentado entrevistado: baixa escolaridade dos assentados e a falta de conhecimento sobre a fruticultura por parte dos assentados, uma vez que suas experiências agrícolas anteriores ao assentamento em Santana do Livramento eram orientadas para o plantio de grãos.

## 5.2 INVESTIMENTO EM ESTRUTURA PARA VINIFICAÇÃO

Durante a pesquisa, foi viabilizada a participação do pesquisador em uma das reuniões da ASPROUVA. Naquela ocasião, discutiu-se o destino da estrutura de uma cantina que estava em obras no *packing-house*<sup>56</sup> do município. Com o incremento de verbas federais oriundas do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais/PRONAT, acrescido da contrapartida da Prefeitura Municipal, a cantina será destinada para a vinificação de uvas viníferas dos pequenos produtores de Santana do Livramento.

Apesar de considerarem positivo o investimento público em equipamentos enológicos, os viticultores questionavam-se sobre quem seria responsável pelo processo de vinificação, assim como de quem seria a responsabilidade pelo local. Aparentemente, a ASPROUVA estaria convidada a responsabilizar-se pelo espaço, no entanto, nada estava oficializado.

---

<sup>56</sup> Unidades de processamento de frutas.



Assim como não estava assegurada a contratação de técnico necessário ao manejo enológico da vinificação, também não havia previsão de verbas para a manutenção do espaço. Desta maneira, ficou evidenciado que a elaboração de uma política local de melhoramento da vitivinicultura de pequenos produtores não foi concebida com o envolvimento, nem dos associados à ASPROUVA, nem mesmo dos produtores dos assentamentos e, muito menos, foi concebido o modo de operacionalização da cantina referida. De acordo com o viticultor-enólogo sócio do empreendimento Cerros Verdes, alguns produtores, por terem formação superior em enologia, terão condições de elaborar seus vinhos. No entanto, muitos não terão condições de fazê-lo. Por isso, os membros da ASPROUVA acreditam que, então, deveria haver um enólogo à disposição dos produtores.

Dessa forma, instalada a cantina municipal e resolvida sua forma de gestão, haveria possibilidade de que os produtores vinificassem suas uvas em Santana do Livramento, agregando valor à produção local. Com isso, conforme proprietário da Cave Don Gabriel, o setor vitivinícola santanense tornar-se-ia mais independente da Serra Gaúcha.

### 5.3 RIVERA E LIVRAMENTO: DUAS CIDADES, UMA ÚNICA REALIDADE?

Conforme já detalhado, as economias de Santana do Livramento e Rivera, desde que estas cidades foram fundadas, são complementares e constituem, por tal condição, um espaço social único. Ambas compartilham, além da pecuária, a vitivinicultura. Em tese, a realização de festas conjuntas, como a Vindima 2009, apontariam para uma cooperação proveitosa tanto para o setor vinícola de Santana do Livramento como para o setor riverense. No entanto, a interação entre os dois setores não ultrapassa a fronteira política, restringindo-se a visitas técnicas, conforme os relatos dos diferentes entrevistados. Assim, entendemos que, talvez, seja pela via do enoturismo que a integração possa vir a ser fomentada de uma forma mais intensa.

O gestor operacional da Almadén refere que a consolidação do lugar como um pólo vitivinícola conduziria a uma denominação de origem, aos moldes do que vem sendo buscado no Vale dos Vinhedos, localizado na Serra Gaúcha.

Segundo este gestor, a especificação geográfica solicita a reunião de um número considerável de empresas de determinada região comprometidas em manter padrões de

produção, tanto de técnicas como de tipos de uvas produzidas. Nesse sentido, não haveria como conceber a denominação de origem sem considerar Rivera como parceira inelutável. É o que aponta a sócia-gestora da Vinícola Cordilheira de Santana, quando questionada sobre a cooperação existente entre o município de Santana do Livramento e a Intendência de Rivera:

Juntamente com a empresa Carrau [Vinícola localizada na Intendência de Rivera], já trocamos idéias sobre a criação e o reconhecimento de uma região de identificação geográfica a qual pudesse extrapolar os limites da divisão política dos dois países, levando-se em conta apenas as características para o plantio de determinadas variedades de uvas. Mas foi somente uma conversa informal e, até o momento, nenhuma ação foi efetivamente tomada.

Podemos perceber, conforme o exposto, que há quem identifique, na fronteira, possíveis aliados; entretanto, também há quem a perceba simultaneamente como barreira ou meio de proteção. O gestor operacional da Aliança indica que atualmente é complicado cooperar com as vinícolas riverenses porque não há como comercializar matéria-prima entre os dois lados, principalmente, em se tratando de uvas *in natura*. Ele percebe, além disso, que a fronteira é um limite para o setor, cabendo aos governos protegerem as indústrias existentes em cada lado. Tal como o gestor operacional da Aliança, o sócio do empreendimento vitícola Cerros Verdes é igualmente enfático quando questionado a respeito: “Eles são eles e nós somos nós”. Ambos destacam, em seus depoimentos, a forte identidade nacional que envolve o setor em Santana do Livramento, especialmente no que diz respeito à proteção comercial.

Da mesma forma, o presidente da ASPROUVA entende que não há uma interação entre os setores do município brasileiro e da Intendência uruguaia, apesar da proximidade. Segundo ele,

[...] essa questão de interação entre os dois municípios não existe, até porque essa questão de fronteira e comercialização é um pouco complicada, entendeu? Então, claro que nós [produtores de uvas] daqui de Santana do livramento, conhecemos o pessoal de lá [de Rivera], conhecemos as cantinas deles, existe as visitas deles nos nossos locais aqui [Santana do Livramento] e vice versa. Mas nada além disso!

Segundo os entrevistados, o intercâmbio técnico existente ocorre efetivamente com atores sociais da Serra Gaúcha, seja através da venda de uvas ou mesmo pela troca de experiências técnicas. Enólogo sócio da Vallagarina Viveiro de Mudas esclarece que, em especial por causa da condução em espaldeira, colonos da Serra Gaúcha vêm a região como referência, pois graças à instalação da Almadén, a Região da Campanha tornou-se símbolo da viticultura moderna. Até o presente momento, os viticultores da Serra Gaúcha não

converteram a maioria de seus parreirais para a condução em espaldeira. Segundo este enólogo, que atua em empresas com projetos nas duas regiões do Estado, a dificuldade encontrada na Serra pelas indústrias do vinho é a de convencer os viticultores de que a uva em espaldeira é melhor para a produção de vinhos, dado que favorece à produção natural de açúcares e álcoois. Neste caso, percebemos que a modificação da forma de condução das parreiras, representaria a alteração de um modelo de produção consolidado desde o início da atividade vitícola, quando da imigração italiana. Logo, entender que um modelo que sempre funcionou não é mais o ideal, não é facilmente assimilado<sup>57</sup>. Assim, a descoberta da fronteira como região vitícola permitiu às empresas iniciarem um trabalho com as características técnicas mais propícias ao cultivo da uva, passando, sob este aspecto, a servir como uma referência para a Serra Gaúcha apesar de sua vinculação histórica à cultura produtiva em estudo.

Se o modelo adotado em Santana do Livramento serve de referência para a viticultura serrana, talvez os produtores de uva e vinho deste município devessem atuar de forma mais interativa com os produtores da Intendência de Rivera, uma vez que, segundo o gestor operacional da Aliança, as vinícolas brasileiras se atualizaram bastante em termos enológicos, mas ainda teriam muito a aprender em relação à viticultura, o que ocorreria de forma inversa no Uruguai:

Hoje no Brasil, nem falo apenas em Livramento, as empresas têm uma tecnologia muito boa na parte de vinificação, mas têm ainda muito que aprender na parte vitícola. Por isso, acho que nós estamos olhando para o exterior. Sou da opinião da gente sair e ver exatamente o que outras regiões do mundo estão fazendo, para podermos aplicar o que é certo ou errado dentro do Brasil. Eu estava dizendo [...] O Uruguai, ele tem muita tecnologia em viticultura e não tem tanta em enologia, nós temos hoje mais tecnologia na parte enológica do que na parte vitícola. Então eu acho, temos que melhorar a produção de uvas para poder produzir mais qualidade.

#### 5.4 DESENVOLVIMENTO E VITIVINICULTURA: GERAÇÃO DE EMPREGOS

A geração de empregos na vitivinicultura foi um dos aspectos mais enfatizados pelos entrevistados ao serem questionados sobre o desenvolvimento a partir da mesma.

---

<sup>57</sup> A dificuldade em trocar a forma de condução das videiras assemelha-se a dificuldade encontrada quando a uva *isabella* foi substituída pela *vitis vinifera* na década de 1930.

De acordo com o gestor operacional da Almadén,

[...] um dos aspectos que mais se destaca no município [Santana do Livramento] hoje é a geração de empregos. Num município que não tem a indústria da transformação. Ou seja, a grande matriz produtiva é um produto primário, ou é carne, ou é leite, ou arroz. Que, muitas vezes, não é beneficiado aqui [Santana do Livramento], então esse processo de agregar valor ao produto gera emprego, a indústria! Então a geração de empregos, acho que é um fator determinante para o município. É um aspecto social, que sem dúvida faz a diferença!

Segundo o referido gestor, caberia aos gestores municipais atrair investimentos industriais. Tais gestores deveriam divulgar as vantagens que há em instalar-se em Santana do Livramento. Ainda, do ponto de vista deste gestor, a carne e o arroz, por exemplo, são beneficiados em outros lugares deixando de agregar valor para o município, principalmente em termos tributários.

Ao ser comparada com outras culturas produtivas desenvolvidas em Santana do Livramento, em caráter de unanimidade, a vitivinicultura foi considerada, face as demais, como sendo a cultura mais justa socialmente, tendo em vista o número de empregos gerados por hectare cultivado.

Sobre isso, a sócia-gestora da Vinícola Cordilheira de Santana refere-se que

a vitivinicultura e a fruticultura necessitam de mais mão-de-obra do que a pecuária. Por isso, são economias mais sociais, em que a distribuição dos lucros é muito mais justa. A pecuária desenvolvida na região é mais extrativista, há menos mudança de hábitos e o investimento é menor.

Por sua vez, o gestor operacional da Aliança detalha e esclarece que, enquanto se necessita de uma pessoa para cuidar de cinco hectares de videiras, igual número é requerido para cuidar de até quinhentos hectares de terra destinados à pecuária. Especificamente: “Na pecuária, com dois funcionários, tu podes cuidar de mil hectares de terra com gado. Hoje, um funcionário, ele cuida no máximo de cinco hectares de parreira após a implantação. Em implantação, um hectare precisa no mínimo de três a quatro funcionários”.

Se compararmos os atuais níveis de emprego gerados pela vitivinicultura de Santana do Livramento àquele gerado outrora pelo Frigorífico Armour, não deixaremos de ficar impressionados com o impacto que o fechamento de uma única indústria causou ao local. De acordo com dados fornecidos pela historiadora Albornoz (2000), a atividade desenvolvida pelo Frigorífico Armour correspondeu, na década de 1940, a 85% do PIB do município e chegou a empregar quatro mil operários. Tanto em Rivera como em Santana do Livramento, a

comunidade local não percebeu que o desenvolvimento vivenciado naquela época não era auto-sustentado, já que dependia exclusivamente de um mercado fomentado pela guerra e por investidores que ninguém conhecia. Hoje, a cidade não depende exclusivamente da indústria vitivinícola, a qual gera em torno de 300 empregos diretos apenas no manejo dos parreirais. No entanto, a atividade pode desenvolver-se e criar novos postos de trabalho, seja diretamente no plantio de uvas ou no processo de vinificação, seja em outras áreas ligadas ao setor.

De acordo com gestor operacional da Almadén,

[...] do jeito que está institucionalizada a vitivinicultura aqui na região [da Campanha], é claro que o desenvolvimento desse Município passa pela vitivinicultura. Sem dúvida alguma, agora falta fomentar alguns setores, alguns braços da vitivinicultura, como é o caso do turismo.

## 5.5 ENOTURISMO: REALIDADE VIVIDA OU DE PAPEL?

Em função dos *free shops* localizados na cidade de Rivera, o gestor operacional da Almadén ressalta o aumento da quantidade de turistas<sup>58</sup> que tem visitado Santana do Livramento durante 2008. No entanto, também destaca que até o momento não tem sido percebida por parte dos representantes das vinícolas uma ação efetiva voltada à promoção da cidade para o turismo. Conforme o gestor, em todo o mundo, onde há vinhos, há turismo, sendo os dois praticamente combinados de maneira inseparável. Quer dizer, individualmente, as vinícolas recebem turistas, sem contudo promover uma ação integrada ao local e/ou com os demais atores sociais da Região. Cada vinícola tenta receber o turista como pode. Tanto a Almadén como a Cordilheira de Santana contam com pessoal e estrutura apropriada para receber o turista, e a vinícola Cooperativa Aliança pretende adaptar suas instalações para realizar tal atividade.

Segundo Valduga (2007), estudioso do turismo, o enoturismo constitui-se como um segmento da atividade turística motivado pela apreciação do sabor e aroma dos vinhos, das tradições e tipicidades das localidades que produzem esta bebida. O que verificamos é que, de uma forma geral, os atores sociais entrevistados desconhecem iniciativas governamentais municipais que busquem desenvolver a atividade turística alavancada pelo setor em estudo. No entanto, a Lei Complementar nº. 45, de 10 de outubro de 2006, que instituiu o Plano

---

<sup>58</sup> O fluxo de visitantes varia de acordo com a flutuação do câmbio da moeda brasileira em relação ao dólar.

Diretor Participativo como instrumento básico de planejamento de Santana do Livramento aponta como ações estratégicas para o turismo o desenvolvimento na zona rural e urbana do Roteiro da Uva, inclusive com a infra-estrutura e serviços correspondentes. Além disso, o poder executivo municipal, em setembro de 2008, lançou a Rota Martin Fierro. Todas as iniciativas referidas emanam, contudo, do Poder Público Municipal, sem que, aparentemente, tenha sido buscada e/ou promovida a participação das agroindústrias locais nestes projetos. Da mesma forma, outras iniciativas, advindas do Governo Federal e também voltadas para a questão, como projeto do Ministério do Trabalho e Emprego que capacita para o turismo social e ecológico, e iniciativas do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural/SENAR RS, com vistas a formar empreendedores no turismo rural, não foram citadas.

Segundo a sócia-gestora da Cordilheira de Santana, “se o Governo Municipal de Livramento quisesse fazer alguma coisa a respeito de vitivinicultura da região, deveria investir no enoturismo. As empresas já estabelecidas certamente apoiariam”. Tendo em vista depoimentos desta natureza, verificamos que capacidades de geração de sinergia promotoras de desenvolvimento deixam de ser aproveitadas, e conseqüentemente, não promovem a animação social vislumbrada na proposta de Boisier (1996).

Considerando, por um lado, os propósitos das vinícolas localizadas em Santana do Livramento e, por outro, as ações governamentais, constatamos que as iniciativas estão desconexas, causando desencontros e desinformação. O proprietário da Cave Don Gabriel ressalta que o enoturismo não é realidade, e considera que os turistas que visitam Santana do Livramento e Rivera vêm ao local com o intuito exclusivo de realizar compras nos *free shops*. Nesse sentido, o seu entendimento vem ao encontro do que sugere Boisier (1996), que explica que a cidade/região deve ser tratada como uma quase-empresa, inclusive investindo em escritórios destinados à promoção de negócios e à divulgação das suas potencialidades. De certa maneira, os gestores municipais têm realizado iniciativas como esta, anualmente, nas edições da Exposição Internacional de Animais/Expointer<sup>59</sup>. Durante a edição de 2008, o município contou com um estande - “Casa de Livramento” – onde foram expostos produtos regionais, dentre os quais os vinhos das vinícolas Almadén e Cordilheira de Santana. Iniciativas como estas são necessárias para que maior número de pessoas tome conhecimento desta atividade. O proprietário da Cave Don Gabriel enfatiza que o enoturismo é potencialmente viável em Santana do Livramento e Rivera, mas para que isso ocorra

---

<sup>59</sup> A Expointer – Exposição Internacional de Animais – é a maior feira do agronegócio da América Latina e a terceira do mundo e, em 2008, realizou sua 31ª edição. (EXPOINTER, 2008).

adequadamente, as pessoas precisam vincular as cidades aos vinhos e não apenas aos *free shops*.

## 5.6 AS DIFICULDADES DO SETOR VITIVINÍCOLA SANTANENSE

A instalação de novas vinícolas e a migração de vinícolas tradicionais para a Região da Campanha devem-se, principalmente, aos seguintes fatores: preço acessível da terra; possibilidade de implantação de projetos vitícolas conduzidos com técnicas mais modernas, sem a necessidade de convencer produtores sobre a necessidade de troca de sistemas de condução da produção das uvas; viabilidade de mecanização da produção; e, por fim, condições climáticas favoráveis. No entanto, mesmo diante de tais vantagens, a implantação de uma cultura produtiva, em um novo espaço social parece encontrar dificuldades. Por exemplo, o preço da terra a um custo inferior não indica que haja terras com as características desejadas à disposição para compra. A Vinícola Almadén tinha como projeto inicial instalar-se em Bagé. Todavia, o projeto tornou-se inviável pela falta de oferta de terras adequadas para a atividade na extensão do projeto concebido pela empresa, migrando, então, para Santana do Livramento, onde encontrou o espaço que desejava.

Outro aspecto dificultoso esteve relacionado à mão-de-obra. Quando determinada atividade já está plenamente socializada, não há dificuldades em encontrar mão-de-obra capacitada para executá-la. O inverso é verdadeiro quando o projeto envolve a implantação de uma atividade produtiva desconhecida em determinado espaço. De acordo com gestor operacional da Almadén,

[...] não existia uma mão-de-obra qualificada em Santana do Livramento, teve que ser toda ela treinada. Hoje [2008] já existe bastante gente acostumada à cultura da uva e à fabricação de vinho, mas que na época [1976] não tinha. Então foi uma dificuldade sim que eles [os primeiros gestores das vinícolas] também enfrentaram na época. [...] Além de ser uma coisa nova, teve certa resistência das pessoas.

Se na época em que a Vinícola Almadén se estabeleceu em Santana do Livramento, houve resistência das pessoas, o gestor operacional assinala que, na atualidade, a inserção da atividade provavelmente causaria menor impacto, face à necessidade da fronteira e da Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul por atrair investimentos para as cidades inseridas nesse contexto. De acordo com o gestor operacional da Aliança, as resistências foram vencidas e a

mão-de-obra necessária para o desenvolvimento da vitivinicultura vem sendo treinada pelas vinícolas ao longo dos anos. Ele explica esse processo:

[...] quando tu vais numa região totalmente nova, aqui (Santana do Livramento) era pecuária e arroz basicamente! Então, quando começa a produzir um fruto novo, tu tens que treinar esse pessoal. Logo, principalmente de saída (no início dos investimentos) foi a mão-de-obra que a gente patinou bastante, hoje já não temos esse problema. Que nem eu te falei, a gente vem formando o funcionário. A pessoa que tem interesse aprende rápido e se tem uns funcionários que sabem trabalhar, tu botas um ou dois junto com ele e estes vão aprender rápido. Mas se tu botar um grupo de funcionários e nem um deles sabe e só tem uma pessoa pra tentar ensinar, fica mais complicado, então essa foi uma das principais dificuldades enfrentadas pelo setor (Gestor operacional da Aliança/ Santana do Livramento).

A esse respeito, frisa a sócia-gestora da Cordilheira de Santana, “sempre soubemos que iríamos ter muitas dificuldades, principalmente com relação à falta de mão-de-obra especializada na região”.

Tendo em vista o apontamento de que mão-de-obra foi o principal fator restritivo para o desenvolvimento da vitivinicultura, os questionamentos a respeito de curso técnico e superior voltados para o setor apontaram que, na recentemente criada Universidade Federal do Pampa, havia expectativas de que fosse instalado um curso superior em Enologia. No entanto, o curso a que os entrevistados se referiam foi aberto na Universidade Federal de Pelotas, distante 360 quilômetros.

O gestor operacional da Aliança acredita que a falta de envolvimento político dos atores governamentais municipais com o setor desfavorece a instalação de cursos na área. Por sua vez, a sócia-gestora da Cordilheira de Santana entende que de nada adianta formar enólogos na cidade caso não seja possível absorver esta mão-de-obra. No entanto, ela acredita que cursos de atendimento e recepção ao turista, voltados ao enoturismo e ao turismo rural, deveriam ser imediatamente implantados.

Além disso, outra dificuldade encontrada pelos investidores da vitivinicultura diz respeito à infra-estrutura da cidade, não havendo manutenção das estradas existentes ou mesmo a expansão da recapagem para outras estradas. De acordo com o sócio do empreendimento vitícola Cerros Verdes, a escolha da propriedade adquirida para o investimento em parreiras de uvas *vitís viníferas* foi orientada pela existência de estrada asfaltada, uma vez que já era previamente conhecida a situação das estradas que levam até o interior do município. Esse problema relacionado à infra-estrutura também é apontado pelo assentado da reforma agrária, para quem um dos problemas com que se defrontam os assentamentos é ocasionado pela distância da região central da cidade e pela péssima



condição das estradas que seriam necessárias para estimular a produção e favorecer seu escoamento.

Por fim, o gestor operacional da Aliança relata que a cidade carece de pequenos negócios necessários para a manutenção de empresas maiores, como pequenas assessorias ou fornecedoras de peças que, muitas vezes, no caso da Cooperativa Viti-Vinícola Aliança são adquiridas em Caxias do Sul.

## 5.7 A CIDADE E O MOVIMENTO EM DEFESA DA UVA E DO VINHO NACIONAL

Santana do Livramento e toda região da Metade Sul do Rio Grande do Sul despontam como a mais nova área vitivinícola do Estado. A indústria vinícola brasileira já é nova; a da Metade Sul do Rio Grande do Sul, novíssima. Apesar disso, somente no município em estudo, a atividade gera em torno de 300 empregos diretamente relacionados ao manejo dos parreirais e emprega mais de 20.000 famílias na Região Sul do Brasil (ABE, 2008). Portanto, problemas do setor vitivinícola geram inquietudes aos atores sociais santanenses que apostam na vitivinicultura como uma alternativa de diversificação da economia.

Segundo os entrevistados, a crise vivenciada pelo setor vitivinícola brasileiro está relacionada, principalmente, com a alta carga tributária nacional; com os subsídios que vinhos importados recebem em seus países de origem; com a invasão de vinhos importados e contrabandeados no território brasileiro e pela falta de controle das falsificações de vinhos no mercado brasileiro, tais como coquetéis e falsas sangrias, dentre outras.

De acordo com reportagem veiculada pelo jornal Zero Hora, em 24 de agosto de 2008, a cada 10 garrafas de vinho entornadas pelos brasileiros, menos de duas são produzidas no país. O mau momento vivenciado pelo setor conta com ajuda governamental para a venda dos estoques excedentes desde 2007, por meio do Prêmio de Escoamento do Produto. Mas, no momento, a crise atinge uma dimensão bastante grave, pois se não ocorrer o escoamento dos estoques, a safra 2009 poderá esvair-se nos parreirais. A ameaça ao setor fez com que todo o segmento unisse esforços, exigindo das esferas governamentais um posicionamento mais efetivo sobre a questão.

Nesse sentido, o gestor operacional da Almadén explica que atualmente o setor está unido. No entanto, mesmo considerando todo o setor vitivinícola em Santana do Livramento,

não há como falar em força e representatividade. Por isso, torna-se necessário somar esforços com associações e entidades do ambiente institucional, como a Fecovinho, o Sindivinho, a Uvibra, o Ibravin, além da união do setor público com o privado, no intuito de garantir a dimensão política do movimento em favor da uva e do vinho nacional. Organizadas enquanto setor, as entidades mencionadas e outras que participaram do VI Seminário da Vitivinicultura da Metade Sul, finalizaram o evento que ocorria em Bagé, deslocando-se para Santana do Livramento, onde simbolicamente abriram garrafas de vinhos e as despejaram sobre a linha fronteira que separa o Brasil do Uruguai. Nesse episódio, o simbólico ganhou ênfase nas palavras proferidas por Hermes Zanetti, presidente da Câmara Setorial da Viticultura, Vinhos e Derivados<sup>60</sup>, no Obelisco do Parque Internacional, local conhecido como *fronteira da paz*: "A paz não é só a ausência de guerra; a paz é também a presença da justiça. E é por isso que nós estamos aqui hoje, para exigir que se faça justiça a uma bebida tão nobre e de qualidade como é o vinho brasileiro" (ABE, 2008).

As reivindicações do setor foram encaminhadas ao Governo Federal, a partir da denominada Carta de Bagé. As vinícolas e viticultores de Santana do Livramento, agregados a representantes de outros municípios da Serra Gaúcha, participaram da manifestação ocorrida em 15 de agosto de 2008, a qual reuniu mais de mil pessoas (ABE, 2008).

A garantia da competitividade do setor brasileiro, sem dúvida, é aclamada pelo atores setoriais instalados em Santana do Livramento, tanto pela manutenção de empregos e renda como pela visão de resultados econômicos futuros.

## 5.8 RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE OS ATORES: VINÍCOLAS E VITICULTORES-AUTÔNOMOS

As vinícolas instaladas em Santana do Livramento, quanto a sua principal matéria-prima, não dependem de atores externos, mas, seus interlocutores, quando questionados a respeito de como elas enxergam umas as outras, foram enfáticos em indicar a existência de complementaridade.

---

<sup>60</sup> Câmara vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

De acordo com o gestor operacional da Almadén, as empresas são parceiras, uma vez que acredita ser necessária a união delas enquanto região. Entende, ainda, que o município deveria contar com mais vinícolas.

Da mesma forma, o gestor operacional da Aliança entende que as vinícolas são complementares e que hoje os concorrentes não estão no Brasil, mas no exterior. Por sua vez, para a sócia-gestora da Cordilheira de Santana, a vitivinicultura é uma economia que não se desenvolve sozinha e necessita de mais empresas próximas:

Precisamos de vizinhos fortes. Seria muito interessante se as outras empresas da região estivessem mais fortalecidas e também se houvesse mais empresas vitivinícolas em Santana do Livramento e noutros município do entorno. A concorrência é saudável e fomenta o progresso.

A troca de informações entre os gestores das vinícolas ocorre em caráter informal, mas não expressa nenhuma ação conjunta.

Por parte dos viticultores-autônomos foi mencionada a importância da troca de informações técnicas com as vinícolas, quando da realização de visitas de campo, geralmente organizadas pela ASPROUVA. Segundo o presidente da Associação, a troca de informações é muito restrita e só ocorre quando os técnicos das grandes empresas são convidados a participar de encontros, a exemplo do Seminário da Vitivinicultura de Santana do Livramento. Do contrário, os atores desenvolvem suas atividades de forma independente e aparentemente isolada.

Dessa maneira, as vinícolas, de certa forma, reproduzem o modelo da grande propriedade estabelecido pelas estâncias de gado. A auto-suficiência destas inibe uma cooperação mais efetiva, restringindo-a mesmo entre as vinícolas, quiçá entre vinícolas e viticultores-autônomos. Estes últimos, por sua vez, representam o novo. Empreendem na viticultura assumindo riscos financeiros e de aprendizagem, sem a garantia de colocação do produto uma vez que não mantém relações comerciais com as vinícolas locais. Desenvolvem suas atividades em pequenas áreas (menos de 30 hectares) e valorizam a cooperação. A Associação de Produtores de Uva de Santana do Livramento confirma a intenção de apoio mútuo.

## 5.9 A EXPANSÃO DA VITIVINICULTURA NA METADE SUL: REALIDADES PARA ALÉM DE SANTANA DO LIVRAMENTO

Conforme anteriormente exposto, a viticultura e a vinicultura têm demarcado seu espaço na Metade Sul do Estado desde meados dos anos 1970 e início dos anos 1980, sobretudo nos primeiros anos do século XXI. Na Região da Campanha Gaúcha, foram identificadas diversas iniciativas nesse sentido, principalmente no que se refere à viticultura. Estas iniciativas podem ser entendidas como os primeiros sinais de independência da Região em relação à vitivinicultura da Serra Gaúcha, processo apontado como necessário pelo proprietário da Cave Don Gabriel.

Por exemplo, em Uruguaiana, a Associação de Fruticultura de Uruguaiana/AFRUG, que vendia suas uvas para a Serra Gaúcha, formou a Cooperativa de Vitivinícola Uruguaiana Ltda./VINOESTE, em 2007, passando a vinificar desde então. Esta iniciativa foi relatada como um caso de sucesso durante o VI Seminário de Vitivinicultura da Metade Sul do Rio Grande do Sul, realizado de 13 a 15 de agosto de 2008, na cidade de Bagé.

Da mesma forma, em Dom Pedrito, a Estância Guatambu diversificou sua produção para além da pecuária, soja e arroz, passando a investir no plantio de uvas a partir de um projeto piloto desenvolvido em 0,5 hectares, em 2003. Atualmente, a propriedade tem 7,5 hectares de uvas e pretende processar sua própria produção dentro de três anos. A atividade vem sendo desenvolvida com o acompanhamento de consultoria técnica, e a partir do aprimoramento de profissional formado em agronomia

Em Bagé, a família Peruzzo encontrou espaço para dedicar-se à atividade transmitida de geração para geração. A família migrou da Serra Gaúcha para Bagé em 1982. Inicialmente, a atividade foi desenvolvida em 0,6 hectares de uvas destinadas à Vinícola Salton. Já no ano seguinte, a produção foi expandida com o intuito de gerar uma produção destinada à vinificação própria. Deste ideal, em 2008, foi inaugurada a Vinícola Peruzzo, empregando 10 pessoas no manuseio de quinze hectares de videiras. Além deste empreendimento, localiza-se no referido município a Associação Bageense dos Fruticultores/ABFRUT, com aproximadamente 30 associados que se dedicavam exclusivamente à pecuária e à ovinocultura, passando, desde então, a diversificar a sua atividade através da produção e comercialização de uvas para a Vinícola Salton, localizada na Serra Gaúcha.

Outro município para onde a atividade vitivinícola se expandiu foi Rosário do Sul, na qual está localizada a Vinícola Vinhos Rio Velho. Da mesma forma, em Pinheiro Machado, tomamos conhecimento da Terrasul Vinhos Finos Ltda. Em Candiota, há o empreendimento da Vinícola Miolo que, em 2008, passou a vinificar no próprio município, sem a necessidade de transportar a matéria-prima para a Serra Gaúcha. Atualmente, este empreendimento, denominado Fortaleza do Seival, mantém contrato de compra com produtores dos municípios de Quaraí, Santana do Livramento e Pedras Altas, totalizando uma aquisição de 300 a 400 toneladas de uvas. No entanto, consta no projeto da empresa a auto-suficiência, nos moldes do que identificamos nas vinícolas de Santana do Livramento. Tal intenção pode vir a gerar problemas de comercialização, em um futuro próximo, para aqueles viticultores que atualmente obtêm rendas devido a contratos mantidos com a referida Vinícola.

Para evidenciarmos a dinâmica estabelecida a partir da vitivinicultura, apresentamos um mapa das principais regiões vinícolas estabelecidas no Rio Grande do Sul, destacando-se as áreas de produção mais recente, como os municípios da Região da Campanha e da Serra do Sudeste.



**Figura 6: Regiões Vinícolas do Rio Grande do Sul<sup>61</sup>**

Fonte: CLEMENTE, 2008.

<sup>61</sup> Os municípios nominados referem-se àqueles em que encontramos empreendimentos que de uma forma foram citados na pesquisa de campo e com os quais obtivemos dados pelo envio de questionários por correspondência eletrônica.

Por um lado, dentre os empreendimentos anteriormente mencionados, verificamos tendência dos pequenos viticultores se reunirem em associações, principalmente devido à dificuldade de comercialização de seus produtos, uma vez que, aos poucos, a produção que era comprada pela Serra Gaúcha deixou de ser efetivada. Por outro lado, também percebemos a expansão de indústrias da Serra para a Região de Fronteira/Metade Sul, o que contribuiu para a consolidação da região como produtora de uva e de vinhos. Diante dessa movimentação setorial na Metade Sul, é importante ressaltar que os resultados obtidos pela Vinícola Almadén em Santana do Livramento desde 1976 foram referenciados como fator de motivação para o estabelecimento de novos empreendimentos.

Ao olharmos para outros municípios da Metade Sul, percebemos não apenas que a experiência santanense atraiu novos e antigos investidores do setor para a Região, mas também que as mesmas dificuldades assolam a atividade nos municípios mencionados, dentre as quais destacamos: a distância dos centros consumidores; a ausência de cursos voltados para a área e, sobretudo, a dificuldade de identificarmos a priorização da atividade em políticas públicas locais. Ou seja, percebemos que as iniciativas oriundas de projetos individuais ou de empresas precisam atingir um patamar político para terem seus anseios atendidos e fortalecidos.

Nesse sentido, observamos que nem sempre a mobilidade social necessita ser animada pelos governos, e que em certos casos, possivelmente encontra-se mobilizada a partir do comportamento empreendedor de alguns atores que socialmente organizados buscam, pelo contrário, animar o governo. Boisier (1996) lembra que não podemos ignorar ou omitir que são impossíveis decisões de investimentos estritamente neutras e técnicas e que critérios puramente econômicos de avaliação premiariam apenas as localidades que apresentem importantes economias externas, o que demonstra que os atores sociais regionais devem assumir um posicionamento político alinhado a suas propostas.

Assim, entendemos que há uma dinâmica regional transformando lentamente a paisagem da Região da Campanha e da Metade Sul que, todavia, precisa de respostas mais ágeis de parte dos diferentes níveis governamentais. Se Boisier (1996) aponta para a descentralização como um processo necessário para a apropriação regional do poder político, temos que tentativa neste sentido ocorre administrativamente, no Rio Grande do Sul, a partir dos COREDES. No entanto, em nenhuma entrevista ou resposta de questionário essa esfera foi mencionada. Nas entrevistas, se quer quando questionado diretamente pelo pesquisador.

Talvez este Conselho não tenha sido apropriado politicamente pelos interessados ou projeto interesses de outros segmentos locais.

Desta maneira, entendemos que a vitivinicultura de Santana do Livramento e da Região precisa atingir o domínio da política com o intuito de integrar o projeto político regional e encontrar eco em um plano de gestão regional, conforme sugerido por Boisier (1996), sem o qual o desenvolvimento, tal como proposto pelo autor, encontra-se comprometido.

## 5.10 DESENVOLVIMENTO E A CIDADE: ANÁLISES E REFLEXÕES

Parte da dinâmica relacionada à vitivinicultura de Santana do Livramento pôde ser apreendida e foi o suficiente para entendermos que ela tem alterado a realidade do lugar-local a partir de uma ação global que, ao longo do tempo, socializou-se, conquistando e mesmo exigindo seu espaço na cidade. Face ao sucesso da Vinícola Almadén, novas iniciativas foram lançadas, tanto em Santana do Livramento como em outros municípios da Metade Sul do Rio Grande do Sul.

Em relação às abordagens de desenvolvimento apresentadas, tanto por Boisier (1992) como por Becker (2000), identificamos que ambas encontram eco na cidade, uma vez que se constituem em perspectivas sobre o mundo que operam (FISCHER, 2006).

Os entrevistados apontam a necessidade de o governo municipal divulgar a cidade, competir por empresas, mostrando que o município deveria disputar por empreendimentos empresariais. Segundo essa visão, o projeto de cada empresa não é questionado, mas é visto como algo positivo, porque agrega valor ao município. As vinícolas apresentam-se muito ligadas a esta visão sobre o que é desenvolvimento. No entanto, apenas a Almadén está atrelada aos planos de uma empresa multinacional. A Cooperativa Viti-Vinícola Aliança buscou sua expansão para poder competir na área de vinhos finos e a Cordilheira de Santana pretendeu reunir em um só espaço todas as qualidades de um bom vinho fino. As empresas nacionais buscam colocar-se num mercado que, além de pequeno<sup>62</sup> se comparado com outros países, vem sendo absorvido pelos vinhos finos importados.

---

<sup>62</sup> “O consumo no Brasil ainda é pequeno: 1,9 litros per capita. Nos vizinhos latino-americanos, como Argentina, Uruguai e Chile, varia entre 20 e 30 litros. Na França, pode chegar a 50 litros. Na média os brasileiros consomem pouco vinho, e os jovens, menos ainda” (COPETTI, 2008).

Considerando os elementos apresentados por Mélo (2000), referentes a práticas sociais que contribuem para a manutenção do *status quo* ou as contribuições de Putnam (2000), sobre o modo pelo qual contextos diferenciados concorrem para promoção dos resultados pretendidos pelos atores sociais, verificamos que Boisier (1998, p. 112) compartilha deste pensamento quando reconhece “que a realização do projeto de vida de cada indivíduo depende significativamente do comportamento do entorno em que ele vive”. Boisier (1996) complementa que a relação negativa entre o entorno e o projeto de vida individual constitui, pelo menos em parte, motivos para muitas decisões de migração, o que já foi constatado que vem ocorrendo atualmente em Santana do Livramento.

Contudo, o entorno e os contextos não são determinantes, havendo espaço para novas realidades que podem ser expressas por aqueles que vêem oportunidades no espaço que alguns abandonam, como é o caso daqueles produtores que buscaram no cultivo da uva uma alternativa de atividade humana, e que quando não vêem atendidas suas expectativas, reivindicam, como muitos viticultores-autônomos que buscam participação efetiva no processo desencadeado pela vitivinicultura. O Presidente da ASPROUVA revela que as empresas vinícolas instaladas em Santana do Livramento não são vistas como parcerias efetivas pelos produtores referidos, uma vez que estes, para comercializarem seu produto, precisam encontrar interessados em outras localidades. De certa forma, a sócia-gestora da Cordilheira de Santana confirma essa posição quando afirma que “se não fosse a Serra Gaúcha, muitos produtores de uvas não teriam para quem vender a sua produção. Por este motivo, as vinícolas estabelecidas na Serra têm uma importância extremamente relevante para a economia de Livramento”.

Para Boisier (1992), o desenvolvimento deve ser garantido pela defesa da região<sup>63</sup> em relação aos impactos globais: trata-se de uma dimensão política assumida pelos atores sociais, frente ao Estado. Nesse sentido, podemos verificar que a defesa da vitivinicultura a partir do Movimento em Defesa da Uva e do Vinho Nacional foi uma tentativa forçada de diálogo entre aqueles interessados na vitivinicultura e os representantes do Estado. Ou seja, subjaz ao movimento reivindicatório o entendimento de que o setor necessita de proteção ou de uma compensação pelas políticas levadas a cabo pelas esferas mais hierarquizadas da esfera estatal. Segundo Fischer (2006), é na cidade que se produzem pontos de continuidade e de

---

<sup>63</sup> Quando nos referimos ao conceito de região definido por Boisier (1996), devemos estar cientes de que este é utilizado representando parcialidades de Estados ou mesmo municípios. O que aqui definimos como região diz respeito aos municípios fronteiros do Rio Grande do Sul, nos quais atores sociais estão investindo na vitivinicultura e que, em conjunto com atores sociais da Serra Gaúcha, têm reivindicado proteção ao setor brasileiro.



ruptura e é nela que se interseccionam as diferentes escalas, além de nela incidirem os efeitos produzidos por tais movimentos. Da mesma forma, Boisier (1992) enfatiza que é a partir da cidade que devem ser negociadas as perdas provocadas pelo Estado. Nesse sentido, a manifestação em defesa do setor vitivinícola expressou de forma clara essa intenção, visando assim alertar as autoridades competentes sobre os problemas que o setor de uvas e vinhos vem enfrentado.

Iniciativas como as realizadas pelo proprietário da Cave Don Gabriel representam práticas humanas que naturalmente se beneficiam da interação existente em Santana do Livramento em relação à atividade vinícola, podendo configurar-se na mobilização de um ator em transformar impulsos de crescimento em um estado afirmativo de desenvolvimento. A apropriação da atividade vitivinícola por novos atores cria novos cenários na cidade.

A teia organizacional definida por Fischer (2006) se manifesta capaz de captar a dinâmica que constrói a realidade da cidade. Foi nesta realidade que encontramos a vitivinicultura dividindo espaços de interesse com a criação de gado e ovinos. Em Santana do Livramento realiza-se, há mais de vinte anos o Festival do Ovino e do Vinho – festividade municipal – que marca a co-existência pacífica entre as diferentes alternativas econômicas que promovem o desenvolvimento da cidade. Nas entrevistas realizadas, não houve o relato de resistências abertas contra a inserção da vitivinicultura no Município. O posicionamento de resistência, quando referido, foi relacionado à insegurança quanto à vocação local para a vitivinicultura, face ao desconhecimento das pessoas locais sobre essa atividade humana.

Nesse sentido, verificamos como na cidade podem ser identificados locais produtores de continuidades e de rupturas, conforme sugerido por Fischer (2006). A pecuária não deixa de existir, mas compartilha espaço com a vitivinicultura, gerando novos cenários possíveis, produzidos por diferentes interesses e projetos que são socializados pela interação social.

A maturação de idéias, como a identificação de uma denominação de origem, seria um importante passo não só para Santana do Livramento, mas também para municípios do entorno, no intuito de fixarem suas posições no fluxo global de vinhos. Permitir-se é o primeiro passo para a realização. Se o futuro da cidade realmente passa pela viticultura, como acredita o gestor operacional da Almadén, esse parece o caminho viável e frutífero.

Fremónt (1980) entende o espaço vivido como uma categoria conjugada no passado, presente e futuro. Há trinta anos, a Vinícola Almadén introduziu a atividade vitivinícola na Região da Campanha Gaúcha e, a partir desta realização, a matriz produtiva de Santana do Livramento foi diversificada com a interação de novos atores setoriais como a Santa Colina, a

Cordilheira de Santana, a ASPROUVA, os assentados da Reforma Agrária e outros atores que não foram analisados em função do recorte estipulado pelo pesquisador.

Tomando a idéia de desenvolvimento como resultado da interação social ocorrida em tempo presente, concluímos que a interação dos atores referidos lança as bases de um futuro por ora desconhecido, mas sobre o qual as práticas sociais presentes têm ingerência, sobretudo se reconhecidas a partir de sua dimensão política.

Em Santana do Livramento, a associação de produtores chamou para si respostas que deveriam compor a estratégia do município, a partir da idéia de quase-empresa de Boisier (1996). Entendemos, aí, a união dos produtores para comercializar sua produção. Outrossim, houve envolvimento da administração municipal e da própria associação na busca de recursos que viabilizassem a construção de uma cantina no município, o que permitirá a vinificação da safra na própria localidade.

Percebemos que, na interação social, projetos individuais tornam-se coletivos, exigindo sincronicamente às suas formulações e implementações individuais, formulações e implementações coletivas que, conforme Boisier (1996), constituam um projeto político fruto de um consenso que ao invés de ser provocado pelo governo pode vir de baixo e ser provocado pela sociedade civil já mobilizada, chamando à responsabilidade as administrações municipais. Assim, para além do técnico, o político revela-se essencial para o desenvolvimento e manutenção da vitivinicultura não só em Santana do Livramento, mas na Região da Campanha, o que vem sendo protestado pelas manifestações em defesa da uva e do vinho, conforme já mencionado.

De acordo com o gestor operacional da Almadén, falta um pensamento estratégico para o município, e caberia ao governo vislumbrar seu desenvolvimento para um período superior a dez anos. Então, articular aqueles que se prontificam a contribuir para a diversificação da matriz produtiva municipal seria necessário, especialmente se pensarmos a administração pública municipal.

Considerando-se os estudos de Albornoz (2000), nem mesmo a indústria vinícola conseguiu reverter a situação de migração demográfica ocorrida após o declínio das atividades da indústria de carnes na cidade. No entanto, observamos que apesar da falta de cooperação entre as iniciativas voltadas a vitivinicultura, houve um incremento da atividade que hoje emprega pessoas que talvez tivessem seguido o mesmo caminho de muitos, deslocando-se para os centros urbanos da Aglomeração Urbana do Nordeste do Rio Grande

do Sul ou para a Região Metropolitana de Porto Alegre. Podemos assim referir que “boas sementes foram plantadas”.

A instalação de um novo empreendimento e de uma atividade que diversifique a matriz produtiva sugere a alteração do contexto social. Atenção à educação, principalmente profissionalizante, melhorias na infra-estrutura e mais apoio governamental, foram as principais reivindicações setoriais nas quais as autoridades municipais poderiam atuar de forma direta e que, segundo Boisier (1996), devem compor a estratégia municipal. Quando o autor se refere aos recursos humanos e à forma de empregá-los, entende que não há preocupação maior para a administração do que a de ajudar a gerar empregos para a sua própria população. Para isso, é essencial a existência de ações de cooperação entre o governo, o sistema científico e tecnológico do município ou de toda Região. Individualmente, os projetos vitivinícolas contribuem para isso, mas a produção de um ambiente mais coeso revelar-se-ia mais propício para ampliar as contribuições do setor, desenvolvendo, na expressão do gestor operacional da Almadén, outros braços da vitivinicultura, como o enoturismo, ou fortalecendo outras alternativas frutícolas<sup>64</sup> e industriais relacionadas, como a de sucos, por exemplo.

Durante as entrevistas, não houve manifestações que levassem à compreensão de que antigas estruturas sociais, como o clientelismo, estivessem sendo utilizadas no interior da atividade vitivinícola. No entanto, a falta de um apoio mais próximo talvez seja fruto de pressão de outros grupos de interesse, atrelados à ordem tradicional. Dentre todos os entrevistados, não houve menção a iminente apoio explícito dos poderes oficiais, permanecendo a alegação de que há falta de verbas. Todavia, houve relato de oportunidades em que não haveria necessidade de empregar recursos financeiros como, por exemplo, na disputa do município pela instalação de um curso acadêmico público, específico para a área.

A ação empreendedora da Almadén foi decisiva para o surgimento da atividade e, conseqüentemente, para a socialização de suas práticas. Atualmente, percebemos por parte dos atores a necessidade de cooperação governamental para articular os diferentes interesses do setor santanense, inclusive com outras áreas da Metade Sul. Trata-se daquilo que concebemos por governança e que permite que os diferentes atores se articulem para em conjunto discutir os rumos do setor na esfera municipal e regional.

---

<sup>64</sup> O Comitê de Fruticultura para a Metade Sul do Rio Grande do Sul é composto por 90 municípios. Esse comitê foi criado na década de 90 com o intuito de diversificar a matriz produtiva dos municípios constituintes. O comitê foi criado para gerenciar o projeto de desenvolvimento da fruticultura irrigada da metade sul (COMITÊ DE FRUTICULTURA DA METADE SUL DO RS, 2003).

De acordo com Cassiolato e Lastres (2002, p. 70), a governança parte da

[...] idéia geral do estabelecimento de práticas democráticas locais por meio da intervenção e participação de diferentes categorias de atores – Estado, em seus diferentes níveis, empresas privadas locais, cidadãos e trabalhadores, organizações não governamentais, etc – nos processos de decisão locais.

A prática da governança apresenta-se como um desafio para o setor, pois como aponta o sociólogo Mélo (2004), as práticas associativas e democráticas são preteridas no jogo de poderes que está tradicionalmente estabelecido na cidade. Pelas entrevistas não foi possível identificar uma abertura no sentido evidenciado. Talvez a governança devesse ser exercida por outro ator que não o governo. Cassiolato e Lastres (2002), apontam que grandes empresas podem jogar com seu poder econômico e exercer o papel da governança local. No entanto, na avaliação dos fatos, parece que a indicação da ausência de participação do setor governamental pode ser entendido como uma forma implícita de que o setor necessita da atuação do governo, de que não há disponibilidade local por parte das empresas assumirem a governança local em relação às demais. Boisier (1996) defende que o município/região deve ser compreendido como um quase-Estado e como uma quase-Empresa, contando com um projeto político e um projeto de gestão desta política. Esse projeto de gestão deve compreender a promoção da imagem do município, demonstrando sua unicidade e integridade. Com vistas a isso, o autor destaca que poderiam ser utilizadas feiras, eventos, material audiovisual, estabelecimentos permanentes e escritórios de promoção de negócios.

Por fim, acreditamos que a recente criação do campus da Universidade Federal do Pampa<sup>65</sup> e a oferta do Curso de Administração poderá ser de grande valia para uma articulação mais apropriada do setor. Segundo informações disponíveis no sítio do curso, há intenção de realização de estudos sobre a cadeia produtiva da uva e do vinho a serem realizadas a partir de 2009.

De acordo com os dados coletados durante o estudo, a vitivinicultura tem se mostrado uma cultura capaz de assegurar empregos formais, conseqüentemente, gerando melhores condições de vida, na medida em que viabiliza acesso dos envolvidos a bens e serviços não ofertados pelo Estado, além de contribuir para a diminuição do êxodo rural e urbano.

Durante o trabalho de campo, não obtivemos informações que evidenciassem numericamente o crescimento econômico gerado exclusivamente pela vitivinicultura, mas é

---

<sup>65</sup> A UNIPAMPA teve sua criação aprovada pela Lei nº. 11.640, de 11 de janeiro de 2008. A universidade tem sido considerada como elemento fundamental de desenvolvimento econômico e social da região, conforme podemos depreender do projeto político-pedagógico das graduações a serem oferecidas.

inegável que a atividade está e tem contribuído para isso. Já em termos de participação da população na utilização dos recursos locais, a atividade tem possibilitado tanto a diversificação das atividades produtivas desenvolvidas nas Estâncias, como também o surgimento de pequenas propriedades<sup>66</sup> voltadas para a vitivinicultura. Diferentemente da pecuária, a vitivinicultura não necessita de grandes propriedades para ser desenvolvida, além de envolver maior número empregos por hectare, tanto durante o plantio de parreiras, quanto durante sua manutenção.

Por fim, a crise aprofundada no setor vitivinícola tem garantido mobilização dos atores e reflexão sobre seu destino, sustentando a necessidade de um projeto político que amplie o desenvolvimento desejado pelos envolvidos, garantindo a função de ativação mencionada por Boisier (1992).

---

<sup>66</sup> Segundo o Engenheiro Agrônomo da Secretaria Municipal da Agricultura de Santana do Livramento, são consideradas pequenas propriedades, em Santana do Livramento, aquelas com até 300 hectares.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao problematizarmos a estagnação econômica da Metade Sul do Rio Grande do Sul, elegemos a vitivinicultura de Santana do Livramento como dinâmica social que pode estar transformando tanto a realidade deste município como a de outros que o circundam. Para tanto, analisamos o setor vitivinícola do referido município enquanto um processo de desenvolvimento tramado pela interação social entre os atores sociais que dele participam. A análise realizada, atentando para o processo histórico, revelou nuances da construção do espaço estudado considerando o que Frémont (1980) denominou como as três dimensões temporais do espaço social: o passado, o presente e o futuro. Resgatando tanto a história do espaço geográfico estudado como da vitivinicultura brasileira, elucidamos que os investimentos vitivinícolas realizados em Santana do Livramento foram pioneiros na Região da Campanha imprimindo nova dinâmica à Metade Sul Gaúcha. Esses investimentos, em princípio, resultaram da ação global de grupos multinacionais alterando o lugar-local, de acordo com Vieira e Vieira (2003).

Conforme depreendido de materiais produzidos pelos meios de comunicação, dos dados coletados nas entrevistas em profundidade e da coleta realizada por questionários, os resultados obtidos pelos investimentos realizados no município serviram de motivação para iniciativas empreendidas em municípios como Uruguaiana, Quaraí, Bagé, Dom Pedrito, Candiota e Pinheiro Machado. Desta maneira, estudando o setor vitivinícola de Santana do Livramento foi possível tomar conhecimento de um amplo processo de expansão da atividade ao longo da fronteira Brasil-Uruguai e que avança pela Metade Sul do Rio Grande do Sul, caracterizando a dimensão temporal presente. Essa dinâmica pode não ter surpreendido com um crescimento substancial das economias locais, mas tem contribuído para diversificação destas e gerado novas perspectivas, o que nos permite afirmar que este processo constitui-se numa realidade ativa, dinâmica e socialmente viva da Metade Sul, especialmente em municípios próximos a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

O estudo descreveu a vitivinicultura de Santana do Livramento privilegiando a percepção dos viticultores e dos vinicultores do município, com base na qual constatamos que o setor tem contribuindo para a alteração da matriz produtiva do Município exclusivamente voltada, até a década de 1980, à indústria da carne. A análise setorial do município revelou-nos um processo econômico que articula os interesses do lugar-local e lugar-global de forma

conflituosa, requerendo a interferência do ator governamental para sintetizar os interesses dos diferentes grupos ali representados, seja de multinacionais, ou das vinícolas nacionais e dos próprios viticultores. Quer dizer, o processo social desencadeado pela vitivinicultura necessita garantir a articulação dos interessados locais, para, deste modo, gerar o desenvolvimento preconizado por Boisier (1992), ou seja, um desenvolvimento resultante da efetiva participação da região na utilização dos recursos territoriais e de uma interação entre os atores que gere melhores condições de vida e de bem estar à população mediante a concepção de um projeto político. Esse projeto possibilita o estabelecimento de compromisso dos atores sociais para com a realidade municipal tendendo a radicação do capital, conforme sustentado por Boisier (1996).

O conjunto de dados gerados pelas diferentes técnicas de coleta de dados empregadas no estudo foi analisado com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (1980). Categorias de análise foram estabelecidas a partir do critério semântico, possibilitando identificar as relações estabelecidas entre os diferentes atores envolvidos com a vitivinicultura santanense, além de indicar as possibilidades de cooperação entre Santana do Livramento e Rivera. A cooperação setorial entre o Município de Santana do Livramento e a Intendência de Rivera poderia impulsionar a integração do MERCOSUL. Entretanto, efeitos sentidos pelo setor, principalmente de produtos estrangeiros advindos do Chile e da Argentina, têm gerado percepções de que é necessário proteger o setor destes concorrentes. No caso específico de Santana do Livramento e Rivera, a cooperação pode ser reforçada a partir do turismo, o qual pode ser fomentado desde o momento em que as pessoas identifiquem o espaço em relação à vitivinicultura e não apenas aos *free shops*. Ainda em relação à cooperação vitivinícola entre as cidades irmãs, identificamos que a cooperação é imaginada no sentido de constituir-se uma denominação de origem vitivinícola binacional e poderia ser reforçada também mediante intercâmbios que visassem o aprimoramento vitícola pelos empreendedores estabelecidos em Santana do Livramento e o aprimoramento enológico pelos empreendedores riverenses, conforme relato do gestor operacional da Viti-Vinícola Aliança em Santana do Livramento.

Com base nas entrevistas realizadas com os gestores das vinícolas instaladas em Santana do Livramento, foi possível identificarmos, em função das relações estabelecidas entre os viticultores e as vinícolas, três categorias de produtores de uva: os viticultores-empregados, os viticultores-cooperados e os viticultores-autônomo. Dentre os primeiros, estão classificados aqueles produtores de uvas contratados como tais pelas vinícolas que são auto-suficientes e, por isso, não compram uvas de produtores independentes, aqui

denominados viticultores-autônomos. A categoria de viticultores-cooperados foi destacada apenas para distinguir as relações estabelecidas entre os viticultores da Serra Gaúcha e os de Santana do Livramento com a Cooperativa Viti-Vinícola Aliança Ltda, uma vez que em Santana do Livramento a uva é produzida por viticultores-empregados e na Serra Gaúcha por viticultores-cooperados. Constatamos que os viticultores-autônomos e as vinícolas, a exemplo do movimento em defesa da uva e do vinho nacional, necessitam direcionar esforços para a coexistência proveitosa a ambos. Quer dizer, deveriam voltar-se a criação de poder político, pois, esse poder, de acordo com Boisier (1996), prescinde de um comprometimento obtido pelo consenso político, um pacto social e cultura de cooperação capaz de gerar um projeto de desenvolvimento. Então, é na dimensão política que a estratégia de cada ator social deve ser agregada em um projeto coletivo que necessita de um agente de governança local para conduzi-lo. Também a partir das entrevistas abertas, identificamos o reconhecimento da cooperação como uma via necessária para o fortalecimento da atividade, uma vez que aparece como importante em todos os depoimentos. Dessa forma, o envolvimento dos atores sociais e do Estado aparece novamente como uma necessidade para o fortalecimento do setor. Esse envolvimento torna-se necessário para a produção de um consenso capaz de orientar um projeto político regional (BOISIER, 1996). Então, segundo a percepção dos entrevistados, percebemos que por trás da indicação generalizada de que as esferas governamentais encontram-se ausentes, há consenso de que o governo deve atentar mais para as necessidades do setor, incorporando a função de governança local na condução do futuro do espaço social da atividade humana analisada.

Retornando à reconstituição histórica da ocupação territorial, do desenvolvimento da pecuária extensiva e da indústria da carne em Santana do Livramento e dos valores sociais presentes, destacamos que a migração de pessoas para o município pode estar contribuindo para mudanças de práticas sociais, como o clientelismo. A sociedade anteriormente definida por Rangel (2005) como uma sociedade patriarcal, latifundiária e pastoril tem seu entorno transformado pela vitivinicultura, o que gera um novo cenário, onde novas realidades podem ser concebidas a longo prazo. As pequenas propriedades oriundas do programa de reforma agrária e as pequenas propriedades que investem na vitivinicultura têm transformado a paisagem regional e as relações historicamente nela estabelecidas.

Da mesma forma, se, por um lado, encontramos estudos como os de Rocha (1998), indicando que os estancieiros seriam portadores de uma racionalidade específica, avessa mesmo a investimentos agrícolas, na realidade encontramos estancieiros ligados à



ASPROUVA, que apostaram na atividade vitícola, assumindo os riscos de investir em uma atividade nova, tais como os custos de aprendizagem e a incerteza de retorno financeiro. Talvez o caráter rentista da estância proposto por Herrlein Jr. (2002) esteja sofrendo mudanças perceptíveis e que somente o longo prazo pode assegurar. Da mesma forma, a dinâmica descrita ao longo do caso evidencia que o descaso com a produção e com a economia local, a desvalorização do trabalho e a falta da discussão dos problemas e interesses do município (ALBORNOZ, 2000) estão sendo questionados pelos atores sociais ligados à vitivinicultura.

Ao compararmos o modelo produtivo das tradicionais estâncias, baseados na grande propriedade, ao modelo adotado pelas vitivinícolas instaladas no município, percebemos, de certa forma, a reprodução de um modelo baseado na concentração da atividade em propriedades de grande porte. Assim, as vitivinícolas representariam os “estancieiros de videiras”. Portanto, não fossem os viticultores-autônomos, a auto-suficiência das vinícolas reproduziria, em parte, a estrutura fundiária historicamente existente no município. No entanto, as atividades desenvolvidas tanto pelas vinícolas como pelos viticultores alteram o contexto sócio-econômico valorizando a especialização e a atualização constante.

Diferentemente do peão de estância, o viticultor necessita conhecer e melhorar cotidianamente seus processos, especializar-se quanto aos tipos de uvas a serem produzidas e os diferentes cuidados de que estas necessitam a fim de que o parreiral seja manuseado de forma a gerar uvas com a qualidade esperada. Conforme bem frisado pelo gestor operacional da Aliança, o viticultor brasileiro tem muito a aprender com a viticultura uruguaia. Nessas considerações, não esquecemos de que a pecuária também pode buscar melhorias, especialmente quanto à genética. Todavia, o mercado vinícola requer melhorias constantes de cepas e vinhos; e requer um planejamento da atividade que a pecuária, quando praticada sem arrojo tecnológico, dispensa. Os ares que acompanham o setor vitivinícola e exigem atualizações e melhorias constantes dos processos, seja pela atualização de tecnologias enológicas, seja pela agregação de valor, alteram o modo de investir e de conceber os negócios, tanto no município de Santana do Livramento, como nos demais municípios em que outros investidores despertam para a vitivinicultura. Essas alterações implicam percepções principalmente em relação ao fator tempo. Se na pecuária o retorno é anual, na vitivinicultura o ciclo de operação é mais amplo, englobando implantação, manutenção e renovação das videiras.

Ainda traçando um paralelo, segundo os entrevistados, diferentemente da produção pecuarista, a produção de uvas não tem como elemento preponderante a extensão de terras, três ou quatro hectares podem garantir um bom retorno financeiro. Todavia, a perda de um hectare pode representar a perda da parcela de lucro de uma safra. Por isso, a dedicação pessoal ao cultivo das videiras é importante. Se por um lado o peão de estância se caracteriza pela liberdade com que realiza seu trabalho pastoril de proteção do gado, o viticultor necessita ser bastante detalhista, atento, paciente, curioso em relação a situações, recursos e técnicas novas, além de necessitar de uma habilidade manual extremada para conduzir as plantas. A atividade que há três décadas compartilha espaço com a pecuária é muito mais intensa, especialmente se considerarmos as pequenas áreas de terra onde pode ser realizada, além do emprego e atualização das técnicas humanas para a obtenção de ganhos de produção. Todas as ponderações que realizamos foram possíveis em função da metodologia de estudo de caso utilizada, especialmente durante a realização das entrevistas.

A metodologia do estudo de caso viabilizou a investigação empírica, os *insights*, a descoberta e a interpretação da complexidade da realidade encontrada na pesquisa de campo, permitiu identificarmos, sob a perspectiva dos atores sociais entrevistados, as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da atividade vitivinícola em Santana do Livramento, quer seja no nível municipal, ou mesmo nacional. Ou seja, tanto precariedades relacionadas à educação profissional e infra-estrutura, como relacionadas à alta carga tributária brasileira que incide sobre os vinhos, acordos comerciais que permitem o ingresso de vinhos subsidiados dos países de origem, acarretando diminuição no consumo do vinho nacional; e a falta de fiscalização da qualidade de produtos importados denominados como vinhos, mas que não o são de fato, foram registradas. Sintetizando, percebemos que as principais dificuldades elencadas não se referem a competências municipais, mas a questões de âmbito estadual e federal, o que reitera a necessidade apontada por Boisier (1992) de que a região, quando prejudicada, deve buscar negociar suas perdas com o Estado, sejam elas econômicas ou sociais.

Por sua vez, voltando nossas considerações a possibilidades futuras de desenvolvimento da vitivinicultura, de forma propositiva, sugerimos que os atores sociais envolvidos com a vitivinicultura unam formalmente seus esforços, condição necessária para que suas reivindicações sejam legitimadas perante a sociedade em geral. Reconhecemos a vitivinicultura como uma atividade importante, por fins econômicos e sociais. No entanto,

para que a atividade seja considerada politicamente importante, torna-se necessária a união de esforços.

A implantação da UNIPAMPA na cidade, apesar de não oferecer um curso voltado para a área, contribuirá para o incremento da dinâmica social e transformação do município e da Região da Campanha, mediante a formação de indivíduos críticos para com a realidade social.

Por fim, entendemos o presente estudo como uma possibilidade de análise da vitivinicultura Santanense, na qual consideramos a perspectiva de Boisier acerca do desenvolvimento. Por certo, não podemos omitir limitações desta pesquisa. Assim, dentre elas, podemos apontar, primeiramente, a própria trajetória do autor que cresceu e viveu toda sua adolescência em município pertencente a Metade Norte do Estado, na Região Metropolitana de Porto Alegre, o que permitiu ao autor olhar o contexto da Metade Sul com um certo distanciamento, mas que, no entanto, tem presente vieses do contexto de origem do pesquisador. Além disso, apontamos o tempo de permanência em campo que, apesar de o considerarmos suficiente, teria, se ampliado, sido de grande valia no aprofundamento dos propósitos e na constituição de novos questionamentos. Por fim, o próprio recorte proposto neste estudo, se por um lado falicitou a condução do mesmo, por outro lado restringiu o olhar sobre o fenômeno.

Nesse sentido, acreditamos que estudos futuros possam abordar a questão da participação dos atores sociais na construção de espaço vivido conjugado no tempo futuro. Verificar a existência ou não de espaço de participação junto ao Estado, bem como a concretização de esforços locais para viabilização da governança local, constituem-se em opções possíveis de ampliação do objeto deste estudo. Nesse sentido, ampliar o estudo junto às esferas governamentais – governo federal, governo estadual e governo municipal – enriqueceria sobremaneira o trabalho realizado.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA DO VINHO. **Uruguai.** Disponível em: <[http://www.academiadovinho.com.br/mostra\\_regiao.php?reg\\_num=UY](http://www.academiadovinho.com.br/mostra_regiao.php?reg_num=UY)>. Acesso em: 10 fev. 2007.

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima.  **Armour: uma aposta no Pampa.** Santana do Livramento: Ghaf Designer, 2000.

ALBUQUERQUE, Roberto Luiz de. **Comemorações dos 182 anos de emancipação de Santana do Livramento.** Porto Alegre. 05 de agosto de 2005. Disponível em: <[http://www.betoalbuquerque.com.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=565](http://www.betoalbuquerque.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=565)>. Acesso em: 10. fev. 2007.

ALMADÉN comemora sucesso da safra 2007. **A Platéia.** Santana do Livramento. 29 de março de 2007. Disponível em: <<http://srv3.v-expressa.com.br/edicoes/2007/marco/290307/a2.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2008.

ALONSO, José Antônio F.; AMARAL, Rafael Quevedo. Desigualdades Intermunicipais de renda no Rio Grande do Sul: 1991-2001. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.26, n. especial, p.171-194, 2005.

ANGROSINO, Michael V.; PÉREZ, Kimberly Mays de. Rethinking Observation: from method to context. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.) **Collecting and Interpreting Qualitative Materials.** London: Sage, 2003. p.107- 154.

AREND, Marcelo. **Abordagem evolucionista para análise do desenvolvimento e do desequilíbrio industrial do Rio Grande do Sul.** [S.l.: s.n. 200-].

ABAGA - Associação Brasileira de Alta Gastronomia. **Após muitos anos de estudos, nasce uma nova vinícola no Brasil:** Cordilheira de Sant'ana. São Paulo. Disponível em: <<http://www.abaga.com.br/modules.php?name=Sections&sop=printpage&artid=4762>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

ABE - Associação Brasileira de Enologia. Mobilização em defesa da uva e dos vinhos do Brasil inicia pela capital gaúcha. **Informativo ABE.** Bento Gonçalves, n. 61, p. 3, jul. 2008. Disponível em: <[http://www.enologia.org.br/one/gerenciador\\_arquivos/users/informativos/ABEInfor60juho-2008.pdf](http://www.enologia.org.br/one/gerenciador_arquivos/users/informativos/ABEInfor60juho-2008.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Movimento em Defesa das Uvas e dos Vinhos do Brasil**. Bento Gonçalves. Agosto de 2008. Disponível em: <[http://www.enologia.org.br/conteudo.asp?id\\_artigo=559&id\\_categoria=1&sTipo=artigo&sSecao=noticias&sSubSecao=&bSubMenu=1&sParamMenu](http://www.enologia.org.br/conteudo.asp?id_artigo=559&id_categoria=1&sTipo=artigo&sSecao=noticias&sSubSecao=&bSubMenu=1&sParamMenu=)>. Acesso em: 10 set. 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Dinizar Fermiano. Necessidades e finalidade dos projetos regionais de desenvolvimento local. In: BECKER, Dinizar Fermiano; BANDEIRA, Pedro Silveira (Orgs). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 129-145.

BOISIER, Sérgio. **El difícil arte de hacer región**: las regiones como actores territoriales del nuevo orden internacional (conceptos, problemas e métodos). Cusco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de las Casas. 1992. p. 1-63.

\_\_\_\_\_. Em Busca do Esquivo Desenvolvimento Regional: entre a Caixa-Preta e o Projeto Político. In: **Planejamento e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro. n. 13, p. 111-143, jun. 1996. Disponível em: <[www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp13.html](http://www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp13.html)>. Acesso em: 28 mai. 2008.

\_\_\_\_\_. Desarrollo (local): ¿ de qué estamos hablando? In: BECKER, Dinizar Fermiano; BANDEIRA, Pedro Silveira (Orgs). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 151-185.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos de Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, vol. 2, nº. 1, p. 68-80, janeiro-julho/2005. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2008.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**: bases de uma política integrada de desenvolvimento regional para a faixa de fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº. 6.047, de 22 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Regional – PNDR e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6047.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6047.htm)>. Acesso em: 02 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 11.640, de 11 de janeiro de 2008**. Institui a Fundação Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA e dá outras providências. Disponível em:<

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11640.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11640.htm) - 80k>. Acesso em: 20 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **EMBRAPA Uva e Vinho**. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/>>. Acesso em 21 dez. 2008a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Integração Nacional. **Programa de Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2008b. Disponível em: [http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/index.asp?area=spr\\_promeso](http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/index.asp?area=spr_promeso). Acesso em: 17 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/divpol/sul/rs/apresent/apresent.htm>>. Acesso em 20 jan. 2008c.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Fronteira Brasil – Uruguai**. Disponível em: <<http://www2.mre.gov.br/daa/42i.html>> . Acesso em: 20 jan. 2008d.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento e desenvolvimento local e municipal sustentável**: material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos de planejamento local e municipal. Brasília: Ministério Extraordinário de Política Fundiária, 1999.

CASSIOLATO, José Eduardo; LASTRES, Helena Maria Martins. O Enfoque em Sistemas Produtivos e Inovação Local. In.: FISCHER, Tânia (Org.). **Gestão do Desenvolvimento e Poderes Locais**: marcos teóricos e avaliação. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 2002. p. 61-90.

CARLEIAL, L. M. da Frota. A questão regional no Brasil contemporâneo *In*: L. Lavinias, L.M. da Frota Carleial y M. R. Nabuco (orgs.). **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: ANPUR/HUCITEC, 1993.

CARPINTÉRO, José Newton Cabral; BACIC, Miguel Juan. **Empreendedorismo e Desenvolvimento**. Campinas: Fundação de Estudos e Projetos – FINEP. Disponível em: <[http://www.venturecapital.gov.br/VCN/empreendedorismo\\_e\\_desenvolvimento\\_CR.asp](http://www.venturecapital.gov.br/VCN/empreendedorismo_e_desenvolvimento_CR.asp)>. Acesso em: 10 out. 2008.

CARRION JR, Francisco M. **RS: política econômica e alternativas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CHARON, Joel M. **Sociologia**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Saraiva, 2004.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. A dinâmica do espaço agrário no município de Sant'ana do Livramento/RS: das sesmarias aos assentamentos rurais. **Estudos Geográficos**. Rio Claro, jan-jun/2005, p.53-70. Disponível em <[www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm](http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm)> . Acesso em: 21 out. 2007.

\_\_\_\_\_. Latifúndio, assentamentos rurais, florestamento: qual identidade regional da Campanha Gaúcha no Século XXI? In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. 9, 2007. Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/9porto/chelotti.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2008.

CHELOTTI, Marcelo Cervo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A Reforma Agrária na Campanha Gaúcha: a (re) construção de espaços socioculturais. In: **Simpósio Reforma Agrária: balanço crítico e perspectivas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2007. Disponível em: <<http://www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br/trabalhos/grupo3/6.doc>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

CLEMENTE, João Felipe. **Brasil, Regiões Produtoras – I**. Disponível em: <<http://falandodevinhos.wordpress.com/2008/11/04/regioes-produtoras-no-brasil-i>> . Acesso em: 20 nov. 2008.

COMITÊ DE FRUTICULTURA DA METADE SUL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estatuto Social do Comitê de Fruticultura da Metade Sul do Rio Grande do Sul**. Pelotas: 16 jun. 2003. Disponível em: <<http://www.comitedefruticultura.com.br/estatuto.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

CONVÊNIO INCRA-FAPEG-EMBRAPA. **O agricultor Auri Roque Turra fala da importância do Seminário de Fruticultura**. 2007. Disponível em: <[http://www.cifers.t5.com.br/acoes\\_2.htm](http://www.cifers.t5.com.br/acoes_2.htm)>. Acesso em: 12 jun. 2008.

COPETTI, Thiago. Cinco caminhos para o vinho gaúcho. In: **Jornal Zero Hora**, Caderno Dinheiro. Porto Alegre: Zero Hora, 24 ago. 2008, p. 4-5.

COPTEC - Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos. **Espécies frutíferas dos pomares dos assentamentos da região de Santana do Livramento, acompanhados pela Coptec**. Disponível em: <[http://www.cifers.t5.com.br/fruticultura/seminario\\_coptec.pdf](http://www.cifers.t5.com.br/fruticultura/seminario_coptec.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2008.

CORVO, Alexandra. Viticultores, enólogos e sommeliers. **Veja São Paulo**. São Paulo, 01, agosto, 2006. Disponível em: <<http://vejasaopaulo.abril.com.br/vinhos/colunista/m0024092.html>> . Acesso em: 02 dez. 2008.

COSTA, Elmar Bones da. **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: JA Editores, 1998.

CRISE impulsionou cooperativismo vitivinícola gaúcho. **Correio Riograndense On Line**. Caxias do Sul, 1º de fevereiro de 2006. Edição 4.973. Disponível em: <<http://www.esteditora.com.br/correio/4973/4973.htm>> . Acesso em: 20 jul. 2008.

DALLABRIDA, Valdir Roque. Sustentabilidade e endogenização: novos paradigmas para o desenvolvimento regional. In.: BECKER, Dinizar Fermiano; BANDEIRA, Pedro Silveira (Orgs). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 187-223.

DIAS, E. A. *et al.* O desafio da ação empreendedora e das políticas públicas nacionais no desenvolvimento das micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista Sodebras**.v.1, n. 10, outubro, 2006.

DIAS, Henry Paulo. Origem, evolução e perspectivas da cadeia de produção vitivinícola no município de Caxias do Sul. In: **Global Manager/ Faculdade da Serra Gaúcha** – n. 13, Caxias do Sul, RS: FSG, 2007.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campos, 2001.

EXPOINTER – Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários. **Notícias**. Disponível em: <<http://www.expointer.rs.gov.br/site2008/index.php?acao+noticias&cod=1114> h>. Acesso em: 30 ago. 2008.

FAMURS - Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul. **Portal Municipal**. Disponível em: <<http://www.famurs.com.br>>. Diversos acessos, 2008.

FARIAS, Cláudio Vinícius Silva. Formação da Indústria Vitivinícola do RS: da imigração italiana aos dias atuais. In.: ENCONTRO DA ECONOMIA GAÚCHA. 4. Mai./2008. Porto Alegre. **Anais ...** . Disponível em: <<http://www.pucrs.br/eventos/eeg/trabalhos/historia-sessao2-2.doc>>. Acesso em: 20 jun. 2008.



FEE/RS – Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. **Dados Socioeconômicos do município de Santana do Livramento/RS**. Porto Alegre. Disponível em: <[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg\\_pib\\_municipal\\_sh\\_pib\\_nova.php?ano=2005&letra=S&nome=Santana+do+Livramento](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_pib_municipal_sh_pib_nova.php?ano=2005&letra=S&nome=Santana+do+Livramento)>. Acesso em: 18 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **PIB dos municípios do RS**. Porto Alegre. Disponível em: [http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg\\_pib\\_municipal\\_sh\\_pib\\_nova.php?serie=2002-2005](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_pib_municipal_sh_pib_nova.php?serie=2002-2005) . Acesso em: 12 fev. 2009.

FERREIRA, Felipe Gutheil. **Estratégias de produção das empresas vitivinícolas da Serra Gaúcha investidoras em vitivinicultura na metade sul do Rio Grande do Sul**. 2005. 152f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FILISBINO, Laura Naves. **Sociedade Cooperativa: aspectos atuais**. São Paulo: 2007. [Digitado].

FISCHER, Tânia. Gestão Contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e reconfigurações do local. In: Tânia Fischer (Org.). **Gestão Contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-36.

\_\_\_\_\_. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais – Salvador Bahia, cidade puzzle. In: MOTTA, Fernando C. Prestes; CALDAS, Miguel P. (Orgs.). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 254-271.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ediplat, 2006.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira: (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.

FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana. Educação**, Porto Alegre, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263-281, Mai./Ago. 2004. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/Index.php/faced/article/viewFile/382/279>>. Acesso em: 02 fev. 2008.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FRONTEIRA recebe equipe responsável por manter limites. **A platéia on line**. Nov. 2006. Disponível em: <<http://srv3.v-expressa.com.br/edicoes/2006/novembro/151106/geral2.php>> Acesso em: 15 fev. 2008.

FRUTOS, Estela de; BERETTA, Alcides. **Un Siglo de Tradición**. Montevideo: Ediciones Sabtillana S.A., 1999.

GRAZIANO, Luigi. O Lobby e o Interesse Público. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid+S0102-69091997000300009&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid+S0102-69091997000300009&lng=&nrm=iso)>. Acesso em: 26 out. 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, Christiane K.; MELLO, Rodrigo B.; SILVA, Anielson B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Territorialidades “gaúchas”. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis A.; SUERTEGARAY, Dirce M. A. (Orgs). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 247-266.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Aspectos culturais e ideológicos da construção da regionalidade gaúcha. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis A.; SUERTEGARAY, Dirce M. A. (Orgs). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 215-232.

HERRLEIN JR., R.. A peculiaridade da transição capitalista no Rio Grande do Sul, 1889-1930. In: **ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA**, 1, 2002, Porto Alegre. CD-Rom do 1º EEG. Porto Alegre: PPGE-PUCRS; FEE, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Diversos acessos, 2008.

ILHA, Adayr da Silva *et al.* **O potencial de desenvolvimento dos municípios da metade sul do Rio Grande do Sul: uma abordagem através da análise fatorial**. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/3eeg/Artigos/m08t01.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2008.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Santana do Livramento, no RS, perdeu frigorífico e 8% da população**. São Leopoldo: 07 jul. 2008. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/\\_ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15120](http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15120)>. Acesso em: 12 fev. 2008.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dados Econômicos, demográficos e geográficos para estados, municípios (e suas áreas mínimas comparáveis) regiões administrativas e bacias hidrográficas brasileiras.** Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?65370046>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

KLERING, Luis Roque. **Análise do Desempenho Econômico dos Municípios do RS em 2007.** Disponível em:< <http://www.terra gaucha.com.br/economia>>. Acesso em 10 fev. 2009.

KRUKOSKI, Wilson R. M. **Masoler/Vila Albornoz:** breve notícia história. [S.l.: s.n.]. 2006. Disponível em: <<http://www.info.lncc.br/wrmkkk/masoller.html>>. Acesso em 12 fev. 2008.

LONA, Adolfo Alberto. Rio Grande do Sul: o Rio Grande do Vinho. **Jornal Bonvivant.** Garibaldi, Jun. 2006. Disponível em: <<http://www.jornalbonvivant.com.br/not/index.php?Pg=LerNot&Id=206>> . Acesso em: 20 jun. 2008.

MARRAS, Jean Pierre. **Administração de Recursos Humanos: Do Operacional ao Estratégico.** 4. ed. São Paulo: Futura, 2001.

MÉLO, José Luiz Bica de. O "velho" e o "novo" da violência rural na fronteira Brasil-Uruguaí. **Sociedade e Estado.** , Brasília, v. 19, n. 1, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922004000100006&lng=&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000100006&lng=&nrm=isso)>. Acesso em: 26 out. 2008.

MELLO, Sérgio Carvalho Benício; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza; CORDEIRO, Adriana Tenório. O sujeito como centro da ação empreendedora: concepção e verificação empírica de um arcabouço conceitual-analítico. **O&S**, v. 14, n. 41, abril/junho, 2007.

MELLO, Carlos Ernesto Cabral de. **Presença do vinho no Brasil:** um pouco de história. São Paulo: Editora de Cultura, 2007.

MESOSUL. **Messoregião Metade Sul do RS.** Disponível em: [http://www.mesosul.org.br/mesorregiao\\_sul.html](http://www.mesosul.org.br/mesorregiao_sul.html). Acesso em: 17 nov. 2008.

MISOCZKY, Maria Ceci (Coord.). **Características da coerência regional nos municípios da linha da fronteira Brasil-Uruguaí: projeto de pesquisa.** Porto Alegre, 2007. [digitado].

MÜLLER, Karla Maria. **Mídia e ideologia: um estudo dos veículos de comunicação dirigida de entidades de classe.** 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Centro de Comunicação Social,

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003. Disponível em: <<http://www.midiaefronteira.com.br/tese/cap1.htm#1.1>> Acesso em 02 jan. 2008.

NOVAKOSKI, Deise; FREITAS, Armando. **Vinho**: castas, regiões produtoras e serviço. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003. p. 47-97.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Sociologia das organizações**: uma análise do homem e das empresas no ambiente competitivo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PARREIRAIS do Paralelo 31. **A platéia on line**. Outubro 2005. Disponível em: <<http://srv3.v-expressa.com.br/edicoes/2005/outubro2005/111005/index.html>>. Acesso em: 30 set. 2007.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. O território sob o “Efeito Modernizador”: a face perversa do desenvolvimento. **Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 8, n. 13, p. 63-69, set. 2006.

PREFEITURA Municipal de Santana do Livramento. **Lei Complementar nº 45, de 10 de outubro de 2006**. Institui o Plano Diretor Participativo como Instrumento Básico de planejamento do Município, cria Conselho de Planejamento da Cidade e dá outras providências. Santana do Livramento: 10 de outubro de 2006. Disponível em: <[http://www.santanadolivramento.rs.gov.br/leis\\_municipais/plano\\_diretor\\_participativo\\_2006.pdf](http://www.santanadolivramento.rs.gov.br/leis_municipais/plano_diretor_participativo_2006.pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2008.

POLITA, Fabíola Sostmeyer. **O processo de desenvolvimento do Vale dos Vinhedos (Bento Gonçalves-RS)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí: 2006.

PROTAS, José Fernando da Silva. **Programa de Desenvolvimento Estratégico da Vitivinicultura do Rio Grande do Sul – Visão 2025**. Disponível em: <<http://www.winesfrombrazil.com/admin/UPLarquivos/280320081547572.doc>>. Acesso em: 01 abr. 2008.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia**: a experiência da Itália moderna. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

RAPLEY, Rim. Interviews. In: SEALE, Clive *et al.* (Eds.). **Qualitative research practice**. London: Sage, 2004. p. 15-33

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **Fronteira Brasil-Uruguaí: entre o nacional e o regional (1928/1938)**. [S.l.: s.n.]. 2005.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Atas do Conselho de Estado Pleno: Terceiro Conselho de Estado, 1857-1864**. Brasília: s.n. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/anais/pdf/ACE/ATAS5-Terceiro Conselho de Estado 1857-1864.pdf](http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/anais/pdf/ACE/ATAS5-Terceiro%20Conselho%20de%20Estado%201857-1864.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2008.

REYNOLDS, P. Understanding Business Creation: Serendipity and Scope in Two Decades of Business Creation Studies. **Small Business Economics**. V. 24, n. 4. p. 359–364. 2005.

RICHARDSON, Laurel; St. PIERRE, Elizabeth A. Writing: a method of inquiry. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research: Third Edition**. London: Sage, 2005. p.959-978

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento e Gestão. **Rumos 2015: um plano de desenvolvimento para o Estado**. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <[http://www.scp.rs.gov.br/principal.asp?conteudo=texto&cod\\_texto=1895&cod\\_menu=597](http://www.scp.rs.gov.br/principal.asp?conteudo=texto&cod_texto=1895&cod_menu=597)>. Acesso em: 25 nov. 2007.

RIO GRANDE DO SUL TURISMO. **Região da Campanha: Santana do Livramento**. Disponível em: <[http://www.rsturismo.com.br/regiao\\_campanha/historico.asp](http://www.rsturismo.com.br/regiao_campanha/historico.asp)>. Acesso em 15 fev. 2008.

ROCHA, J. M.. As Raízes do Declínio Econômico da Metade Sul: uma análise da racionalidade econômica dos agentes produtivos da região. **Estudos & Debate**, 1998.

ROSA, Sílvia Mascella. Bons vinhos são frutos das uvas, dos bons cuidados nas cantinas e das mãos hábeis dos enólogos. **Revista Adega**. Ed. 25, São Paulo: Inner Editora, out. 2007.

SÁNCHEZ, Andrea Quadelli. **A fronteira inevitável: um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica**. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, Michelle Steiner dos. **Método para investigação do comportamento empreendedor**. 2004. 224f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SEBRAE. **Vinícolas prospectam R\$ 200 mil em negócios.** Maio de 2008. Disponível em: <[http://sebraers.interjornal.com.br/noticia\\_pdf.kmf?noticia=7299029](http://sebraers.interjornal.com.br/noticia_pdf.kmf?noticia=7299029)>. Acesso em: 02 jun. 2008.

SEMINÁRIO em Bagé mostra evolução da vitivinicultura na Metade Sul. **Jornal A Tradição.** Pelotas. 16 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.jornaltradiacao.com.br/site/index.php?conteudo=5&id=276>>. Acesso em: 10 set. 2008.

SIEDENBERG, Dieter Rugard. **Desenvolvimento:** ambigüidades de um conceito difuso. Cadernos EBAPE. BR, v. 4, n. 2, Dez-2006.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** 2. ed. Campinas: Unicamp, 1999.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; ADAMCZUK, Lindamir Ester. **Indústrias Culturais e Faixa de Fronteira no Brasil Meridional.** Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 05, 2004. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/revista%20mercator%205%20em%20pdf/industrias%20culturais%20e%20faixa%20de%20fronteira%20no%20Brasil%20meridional.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2008.

SIMON, Joanna. **O Livro do Vinho.** São Paulo: Editora Três Ltda., 2003.

SOUZA, Flávio Abreu de. **Mudanças promovidas no setor vitivinícola do Rio Grande do Sul pela inserção de profissionais especializados nas áreas de vitivinicultura e enologia.** 2005. 145f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/dissertacao/F1%E1vio%20Abreu%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

STAKE, Robert E..Qualitative case studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research:** Third Edition. London: Sage, 2005. p. 443-466.

STROHAECKER, Tânia Marques. A urbanização no Rio Grande do Sul: Uma análise preliminar. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis A.; SUERTEGARAY, Dirce M. A. (Orgs) **Rio Grande do Sul:** paisagens e territórios em transformação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 163-179.

SCHNEIDER, Sérgio; WAQUIL, Paulo D. Desenvolvimento agrário e desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: uma caracterização socioeconômica a partir dos municípios. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis A.; SUERTEGARAY, Dirce M. A. (Orgs). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 127-146.

TERUCHKIN, Sônia Rejane Unikwsky. **As estratégias empresariais para os vinhos finos no Brasil e no Uruguai: uma análise comparada**. Porto Alegre: FEE, 2004. Disponível em: <[http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/teses/teses\\_fee\\_07.pdf](http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/teses/teses_fee_07.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2008.

TOLEDO, Grasiela Tebaldi; MARION, Ricardo Pellegrin; QUINTANA, Vanessa Barrios; MILDER, S. E. S. . A Estância na Consolidação da Fronteira Brasil/Uruguai. In.: JORNADAS DE JOVENS PESQUISADORES AUGM, 14., 2006. Campinas. **Anais...** 1 CD-ROM.

VALDUGA, Vander. **O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul 2007.

VERSCOORE FILHO, Jorge Renato de Souza. **Metade Sul: uma análise das políticas públicas para o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul**. 2000. 170f. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-graduação em Administração. Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

VIANA, Carla. **O que se entenderá por condições edafo-climáticas?** Disponível em: <<http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=21025>> Acesso em: 22 nov. 2008.

VIEIRA, Euripedes Falcão; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **Espaços Econômicos: geoestratégia, poder e gestão do território**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.

WWF-BRASIL. **Biomass Brasileiros**. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/biomass/bioma\\_campos/index.cfm](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/biomass/bioma_campos/index.cfm)>. Acesso em 18 nov. 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA – VINÍCOLAS E VITICULTORES

**Nome:**

**Atividade:**

1. Hoje, quais são as principais atividades que a Cordilheira desenvolve no município. Qual a importância de cada uma delas?
2. O que motivou os conduziu a investir em vitivinicultura em Santana do Livramento? O que os conduziu à cidade?
3. Que fatos ou acontecimentos históricos o Senhor (a) considera relevantes para o desenvolvimento da vitivinicultura em Santana do Livramento?
4. De que forma o governo municipal investe e apóia a atividade? E a iniciativa privada?
5. Teve alguma região que serviu de modelo de referência para o projeto empreendido em Santana do Livramento? Qual? Por quê?
6. Na sua opinião, quem o Sr.(a) destacaria como indivíduo ou organização que teve papel preponderante no processo de desenvolvimento da atividade em Santana do Livramento e na Região? Dos mencionados, que função exerceram?
7. As vinícolas e os produtores da cidade se relacionam de alguma maneira, na sua opinião?
8. E as esferas de governo (municipal, estadual e federal)?
9. Como é o relacionamento da empresa com as associações e entidades de classe?
10. A interação entre as empresas sofreu alguma alteração/transformação desde o início das atividades?
11. Na sua opinião, como as empresas vêem umas as outras?
12. O poder público e a iniciativa privada compartilham a sensação de estarem juntos no desenvolvimento da vitivinicultura em Santana do Livramento?
13. As empresas compartilham informações? De que tipo? Como são compartilhadas ?
14. As atividades do setor, tanto no âmbito governamental como das empresas, baseiam-se de alguma maneira nos dados produzidos pela Embrapa/Ibravin? E pelos estudos das faculdades?
15. Todas as organizações têm o mesmo peso para o desenvolvimento da vitivinicultura ?



16. De alguma forma, existem organizações que podem ser consideradas líderes? Quais? Como exercem esta liderança?
17. Há participação da iniciativa privada na tomada de decisões sobre os rumos da vitivinicultura em Santana do Livramento?
18. Como é o acesso aos recursos para financiamento no setor?
19. Que influência os órgãos estatais exercem sobre as empresas?
20. Qual o grau de profissionalização do setor? (Houve alguma mudança na cidade como criação das faculdades de enologia, cursos técnicos?)
21. Há alguma organização-modelo (no âmbito local, regional, nacional e internacional) tida como exemplo de sucesso, em que as empresas se espelham? De que forma?
22. De modo geral, podemos afirmar que as estruturas das empresas do setor são semelhantes?
23. E o enoturismo, como é tratado na região?
24. De que forma a vitivinicultura contribui para o desenvolvimento da cidade?
25. Além da Cooperativa Aliança, a Almadén e Cordilheira de Santana, há outros empreendimentos?
26. Todos os investimentos do setor são externos à cidade? Se não, quais são frutos de investimentos locais? Se sim, porque os investidores locais não vêem atratividade na atividade?
27. Há trintas anos que a Almadén se instalou na cidade, sabes de alguma dificuldade enfrentada pelo setor no início?
28. Comparando a pecuária com a vitivinicultura e outras culturas de frutas, o que vem a mente?
29. Houve algum momento de choque entre os interesses pecuaristas e os interesses da vitivinicultura?
30. De que forma o homem dos pampas se adaptou a essa cultura agrícola?
31. Rivera também é produtora de vinhos. Há algum projeto de cooperação em andamento? Qual?
32. De que maneira a serra gaúcha participa dessa atividade na cidade?

**APÊNDICE B****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

\_\_\_\_\_(Local)\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_(dia)\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_(mês)\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_(ano)\_\_\_\_\_.

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_(nome do entrevistado)\_\_\_\_\_, abaixo assinado, consinto em participar da pesquisa de Daniel Engelmann, \_\_\_\_\_(nome da pesquisa)\_\_\_\_\_.

Declaro estar ciente de que minhas declarações serão gravadas, transcritas e analisadas; de que as entrevistas não serão repassadas para qualquer outra pessoa; de que posso desistir da minha participação a qualquer tempo da realização da mesma e de que fui comunicado verbalmente dessas condições.

Este documento vai assinado também pelo autor da pesquisa, como forma de comprometimento com as condições supra referidas.

\_\_\_\_\_  
Nome do entrevistado

\_\_\_\_\_  
Daniel Engelmann

## APÊNDICE C

### **QUESTIONÁRIO ENCAMINHADO POR CORREIO ELETRÔNICO – VINÍCOLAS E VITICULTORES DE OUTRAS CIDADES DA METADE SUL**

Por favor, sempre que possível, solicitamos que as respostas contemplem situações práticas.

- 1) O que o levou a ingressar no plantio de videiras? O que motivou o empreendimento?
- 2) Como ocorreu o aprendizado da atividade?
- 3) Houve algum incentivo ou negociação com o Poder Municipal?
- 4) Quais as dificuldades enfrentadas? De que forma foram solucionadas?
- 5) Há algum incentivo governamental para a implantação da atividade na região? Se sim, como é percebido o apoio das diferentes esferas de governo para a implantação da atividade na região?
- 6) De que forma é percebida a implantação de outras empresas do setor na região?
- 7) Há muitos investimentos vitícolas ou vinícolas que resultem da atividade de pessoas da região, ou na maioria são expansão de produtores da Serra?
- 8) De que maneira a vitivinicultura estabelecida em Santana do Livramento influi ou motivou o início das atividades? De que forma as atividades desenvolvidas neste município são percebidas na região?
- 9) Dentre as atividades da estância, qual a participação da atividade nos negócios?
- 10) Em termos de mão-de-obra, comparativamente as outras atividades desenvolvidas na estância, qual a necessidade de disponibilidade de pessoal para a manutenção das videiras?
- 11) A produção de uvas é voltada para consumo próprio ou é vendida para outras vinícolas?
- 12) Como a vitivinicultura tem se difundido na região? (ensino, tradição, ...)
- 13) Tomando por base estudos que indicam que a Metade Sul como uma região estagnada, de que forma a vitivinicultura é percebida como uma alternativa possível de desenvolvimento para a região?
- 14) Na sua opinião, há uma baixa dinâmica na região? Se sim, há alguma explicação comportamental que explique a baixa dinamicidade apresentada na região? Se não, o que justifica essa opinião sustentada por muitos veículos de comunicação e instituições?

- 15) Existe idéia de expansão da atividade na cidade ou região? Quais os desafios a serem enfrentados?
- 16) De que forma os empreendimentos em vitivinicultura da região se percebe? Há alguma forma de cooperação, competição, aprendizado conjunto ou mesmo conflitos?
- 17) Há algum conflito com outras atividades desenvolvidas na região? Por exemplo, com a pecuária?
- 18) Se for possível descrever, de uma maneira geral, como os estancieiros percebem a vitivinicultura?
- 19) Comparativamente atividades tradicionais como a pecuária e o plantio de arroz, se for possível, quais habilidades precisaram ser apreendidas para o desenvolvimento dos parreirais? (Comparativamente, o envolvimento dos trabalhadores é diferente, a uva precisa ter cuidados muito específicos e freqüentes)
- 20) Há alguma relação historicamente construída que iniba o empreendedorismo na região? (relação de posse, hierarquia, falta de participação social, ação governamental,...).
- 21) Há alguma outra questão que gostaria de elencar?

